



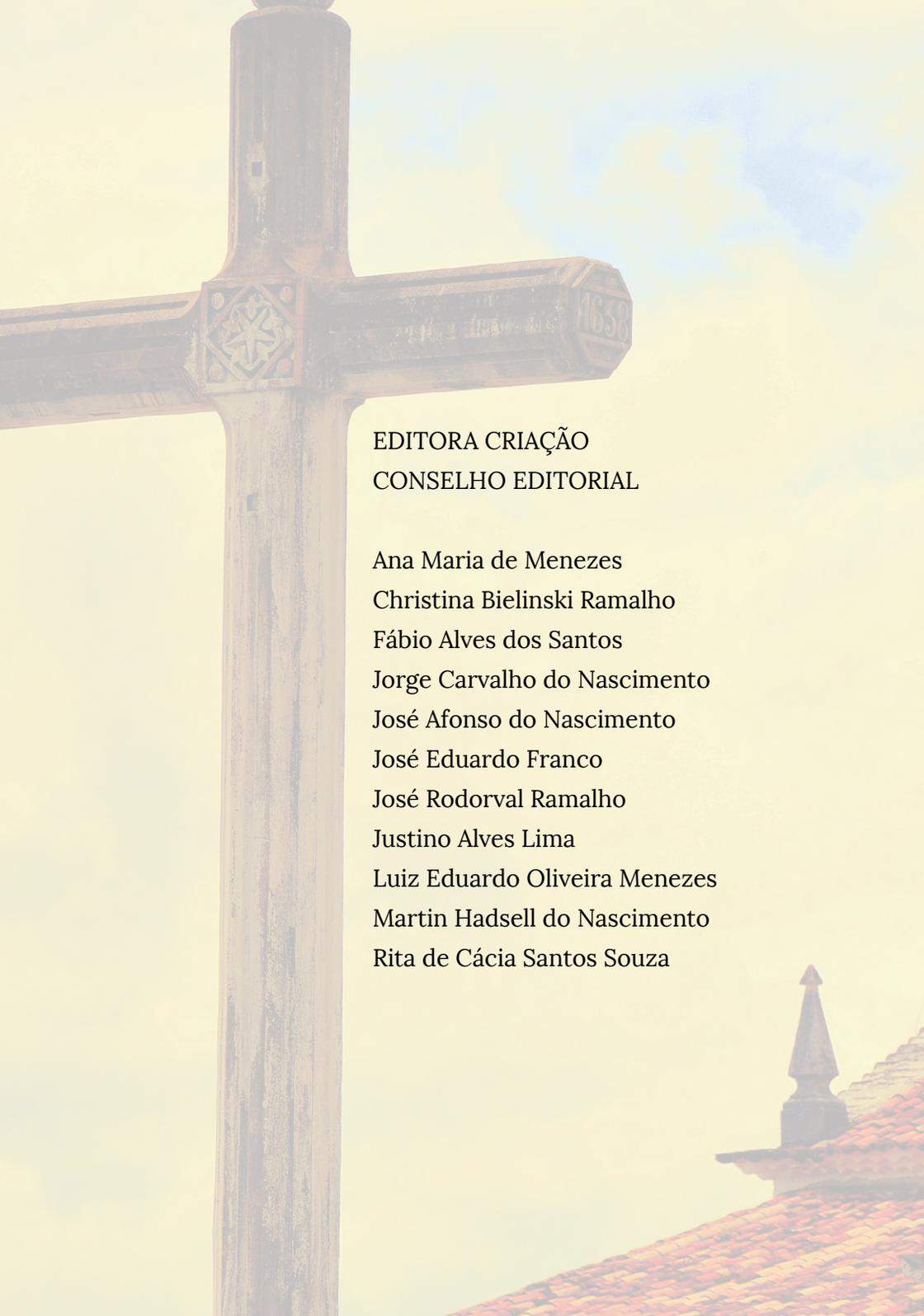
# AO ROMPER DO SÉCULO XX:

O MUNICÍPIO DE  
SÃO CRISTÓVÃO POR  
MANUEL DOS PASSOS DE  
OLIVEIRA TELLES



ANE MECENAS  
MAGNO SANTOS  
ANGÉLICA DE CARVALHO





EDITORA CRIAÇÃO  
CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes  
Christina Bielinski Ramalho  
Fábio Alves dos Santos  
Jorge Carvalho do Nascimento  
José Afonso do Nascimento  
José Eduardo Franco  
José Rodorval Ramalho  
Justino Alves Lima  
Luiz Eduardo Oliveira Menezes  
Martin Hadsell do Nascimento  
Rita de Cácia Santos Souza

ANE MECENAS  
MAGNO SANTOS  
ANGÉLICA DE CARVALHO



# AO ROMPER DO SÉCULO XX:

O MUNICÍPIO DE SÃO CRISTÓVÃO POR  
MANUEL DOS PASSOS DE OLIVEIRA TELLES



**Criação** Editora  
Aracaju | 2023

Copyright 2023 by organizadores.

Todos os direitos reservados - Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucros ou vantagens, com observância da Lei em vigência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja expressa marcação do nome do organizador, título da obra, editora, edição e paginação. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.619/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tuxped Serviços Editoriais (São Paulo, SP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes - CRB-8 8846

M486r Mecenas, Ane; Santos, Magno; Carvalho; Angélica de (org.).

Ao Romper do Século XX: O Município de São Cristóvão por Manuel dos Passos de Oliveira Telles / Organizadores: Ane Mecenas; Magno Santos e Angélica de Carvalho. -- 1. ed. - Aracaju, SE: Criação Editora, 2023.

144 p.

E-Book: PDF.

ISBN 978-85-8413-340-6

1. Geografia. 2. História de Sergipe. 3. Manoel dos Passos de Oliveira Telles. 4. Cidade de São Cristóvão. I. Título. II. Assunto. III. Autores.

CDD 981.41  
CDU 94(813.7)

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. História de Sergipe.

2. História do Brasil (Sergipe).

Dedicamos este livro a três letrados que  
contribuíram para perpetuar os saberes  
populares da velha e aguerrida São Cristóvão:

*Manoel dos Passos de Oliveira Telles,  
vasculhador das antigas histórias de sua  
Cristofaneida.*

*Jackson da Silva Lima, autor que nos permitiu  
redescobrir os velhos pergaminhos.*

*Beatriz Góis Dantas, pela oportunidade de  
aprendizado com sua instigante erudição.*



# Sumário

<b>ENTRECORTANDO OS SÉCULOS: a saga da monografia “O Município de São Cristóvão”</b>	9
<b>CAPÍTULO I</b> VISTAS SOBRE A HISTÓRIA DA CIDADE	19
<b>CAPÍTULO II</b> AS MONTANHAS E AS ÁGUAS	41
<b>CAPÍTULO III</b> O SOLO, A FLORA, A FAUNA, O CLIMA	57
<b>CAPÍTULO IV</b> O HOMEM	69
<b>CAPÍTULO V</b> O MEIO E O HOMEM	7
<b>CAPÍTULO VI</b> RELIGIOSIDADE E FESTAS POPULARES	89
<b>CAPÍTULO VII</b> SOB A REPÚBLICA	113
<b>CAPÍTULO VIII</b> OS DOIS MUNICÍPIOS	125
<b>CAPÍTULO IX</b> O FUTURO	135

# Do pomper do seculo XX

(O Municipio de S. Christovam)

## CAPITULO I

VISTAS SOBRE A HISTORIA DA CIDADE

(Continuação)

Não está fora de termo arrastar de esquecimento os nomes de alguns dos primeiros moradores da cidade no dia que fecharemos em 1813, tem o Sr. Francisco Meirelles, capiteiro, Mattiar Alves, Affonso Pereira Malacorn, Simão Dias, o man-laco, Domingos Rodrigues, alfaiate, Antonio Lopes, serralheiro, Gaspar de Meiras (nome que se conserva no arrabalde Merem), Manuel Novas de Bampalo, Gaspar Bartello, Domitio dos Dionysia Moça, Pero Baobcher, Simão de Andrade, Martin Lopes, João dias, Antonio Barreiros, João Francisco, Gaspar de Amorim, João Garrez, que tambem foi proprietario de duas ligas de terra ao longo do varilhete da banda do sul defronte de Repetuga e valha tapera que tem a arvore redonda metida para lla. Thomé Fernandes, proprietario da Pinda (Riba Pequena) em frente a Tabaré (Pedreiras), Domingos Fernandes Sobre, sua filha Joana Nobre, Pero Novas de Bampalo e muitos outros.

Os governadores dos quaes se nome ramos como successores de Christo vam de Barros, Thomé da Rocha, Coimo Barbosa, Diogo de Quadros, Manoel de Miranda Barbosa, Antonio Pinheiro de Carvalho, Nicoloa Fallain de Vasconcellos, e outros.

Pero Barboza, João Malo, e leuar, dataram seus nomes a cidade de Bergipe ou S. Christovam de Bergipe, ou a cidade de S. Christovam, de Bergipe. De -ca se vê os nomes de uns e de outros e acompanhos a cidade, e lutava por um local para a historia tem tateado. Com as cousas, os brasones, estas se porra, e ainda mais revestidos em seus brasones, e as constituições, como ha been lizes os poros degragações, etor Hugo que a infelicidad lombo e a de Gullotta, e a seguir o primeiro ligar nos nos descoberta, e a seguir ligar seu nome de de maior

O portão do rio Bergipe, de o deignativo proprio e príncipe de suas paragens, a gloria de directamente a pais que se abria de se tro e la ser organizado sob os olhos. Foi a cidadeniha que lo's arrabatoa, e com o nome se, e o confuzio de p pouso, de monta em monte, tendel-o a final a toda a regi

O rio Bergipe continuou plácido e calmo, não logrou desenvolver a abertura regê reira, que é uma arteria de Por uma ironia do destino a melhante gloria coube ao Co ses principal e maior affue ligado com seu nome a m dr. Tobias Barreto appo contemporaneo de Bergipe.

Fois calharamos dos afes que pediam chloes para as suas cause, é facil deprecher o progresso material da cid soffres interrupção, pelo m

ENTRECORTANDO OS SÉCULOS:

A SAGA DA MONOGRAFIA  
“O MUNICÍPIO DE SÃO CRISTÓVÃO”

**E**ste livro é o resultado de uma longa jornada, que atravessa os séculos, corta o tempo e tenta vencer a força voraz da poeira dos arquivos e da crítica destrutiva dos ácaros. Constitui também uma confluência de esforços no sentido de promover a salvaguarda da memória historiográfica de homens e mulheres que pensaram a história em diferentes rincões do Brasil. Assim, historiadores de ontem e de hoje se encontram nas páginas amareladas dos jornais e se unem no intuito de divulgar uma narrativa monográfica acerca da vetusta São Cristóvão, quarta cidade fundada no Brasil e primeira capital de Sergipe.

A referida monografia foi escrita por Manuel dos Passos de Oliveira Telles, pensador da História e bacharel em Direito formado pela Faculdade de Recife em 1885. De acordo com Jackson da Silva Lima, a escrita da monografia se deu ao longo do ano 1900, na virada da centúria, o que expressa a força e pertinência do título “Ao romper do século XX” pensado por Oliveira Telles.<sup>1</sup> Na concepção do pensador da História, o tempo era rompido, rasgado como uma morta-

lha que passava a criar uma fissura entre as eras pretéritas e o porvir, tingido de esperança pelas pinceladas do ímpeto da modernidade.

Contudo, essa modernidade que forjava a esperança era tecida com traços de amargor. A escrita de Manuel dos Passos de Oliveira Telles expressa um tom de denúncia da insensibilidade e insensatez de seus conterrâneos em relação aos resquícios do passado. Homens que em nome de um pretenso progresso demoliam preciosidades, ignoravam as relíquias delegadas por outrora. A história emergia em um enredo sombrio, no qual a modernidade sergipana não passava de uma dissimulação, na qual a nova capital emergia a partir da forja dos escombros da antiga.

Ironicamente, essas denúncias da conduta aleivosa das elites sergipanas vieram a público na emergente capital, Aracaju, por meio do impresso “O Estado de Sergipe”, entre os dias 7 de abril e 7 de maio de 1907. A cada edição, eclodia nas páginas do jornal oficial do estado um capítulo da construção do abandono de São Cristóvão, apresentada como uma matriarca despida de suas vestes, sugada até o último suspiro. Tratava-se de uma experiência de escrita que coadunava com as preocupações da elite intelectual do emergir do século XX, cada vez mais preocupada com a preservação dos monumentos erigidos em tempos coloniais. Os discípulos de Tobias Barreto, como Costa Filho e o próprio Oliveira Telles, transmutavam-se em sentinelas, a vigiar e a defender as relíquias que tinham sobrevivido ao tempo e no presente sofriam ameaças da ambição dos homens.

A monografia publicada no impresso chamou a atenção de outros letrados que viviam nas plagas sergipen-

ses. Manoel Curvello indicou para que a monografia fosse apresentada no I Congresso Brasileiro de Geografia, evento que foi realizado na capital federal pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro nos idos de 1909. O trabalho foi aprovado e listado para ser apresentado. Todavia, aparentemente, Manuel dos Passos de Oliveira Telles não chegou a viajar e o trabalho permaneceu restrito às páginas do periódico aracajuano.

Das páginas dos jornais, a monografia passou à clausura do silêncio. Raros foram os intelectuais que remetiam ao escrito. Em seu afamado “Dicionário Biobliográfico”,<sup>2</sup> publicado em 1925, Armindo Guaraná, faz uma remissão ao título entre as obras publicadas por Oliveira Telles. Do resto, a lavra permanecia obscurecida, ou como bem expressou Jackson da Silva Lima, dispersa “nas páginas amarelecidas da imprensa sergipana”.<sup>3</sup> Salvo as pequenas notas de generosos intelectuais, o texto historiográfico parecia está condenado ao desaparecimento.

Quase um século depois, no subsequente corte da nova centúria, no emergir do novo milênio, nos idos de 2006, o professor Jorge Carvalho do Nascimento ofertou a disciplina “Tópicos Especiais em Educação: a formação do campo científico” no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Nesta disciplina, a cada aula, eram discutidas a formação de um campo científico, com a leitura de um livro sobre o Brasil e outro sobre a realidade estadual. Foi neste curso que o então aluno Magno Santos teve contato com o sugestivo livro “Os Estudos Antropológicos, Etnográficos e Folclóricos em Sergipe”, publicado por Jackson da Silva Lima em

1984. Da leitura, uma breve e elucidativa nota sobre a produção intelectual de Manuel dos Passos de Oliveira Telles chamava a atenção:

Ao romper do século XX (O Município de S. Cristóvão), ES. 7.04 a 07.05.1907.

Cantadores populares (Minda e Tomazinho). Religiosidade e festas populares, Feitiço, feiticeiro, mandingas, mau olhado. Crendices e superstições: curador, rezadeira, reza contra a doença do tempo, visagens, fogo corredor, João de la fouce, boitatá. Tradições e festas: Natal (chegança, cacumbis, taieiras, bombardeiro); Ano Bom; Santa Cruz (festa e novena); Dia da Hora; Festa dos Passos ou Procissão dos Passos; Festa de São João (mastro, batalhões); Festejos populares (lambe-sujos, caboclos e negros).<sup>4</sup>

Essas poucas palavras ecoavam como um convite a mergulhar nas páginas dos jornais, a encontrar esse narrador sagaz, com suas descrições tão vivazes, entrecortadas pelas experiências de romeiros e promesseiros. Teve início o longo processo de vasculha nos acervos do estado, em instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, o Arquivo Público Estadual de Sergipe e a Biblioteca Pública Epifânio Dória. Foi nesta instituição que se encontrava o raro exemplar do impresso de 1907, mas sem acesso a consulta por não ter condições de manuseio.

Iniciava-se assim, uma nova peregrinação, em um processo de negociação para tornar possível a salvaguarda do texto historiográfico. Neste trâmite, somou-se ao percurso Ane Mecnas, imbuída do mesmo entusiasmo. Foi assim

que meses depois, em uma tarde de muito calor e com pouco tempo, tornou-se possível realizar os registros fotográficos do documento, que seriam usados de forma imediata na elaboração do trabalho de conclusão de curso.<sup>5</sup>

Com isso, emergia uma nova proposta, com o sonho de publicar o livro de Manuel dos Passos de Oliveira Telles, garantindo assim a preservação e o amplo acesso ao texto. Um sonho que foi ensaiado em diferentes momentos, mas sempre adiado em decorrência de novas demandas e, principalmente, das atribuições com trabalho. Afinal, havia muitos entraves, principalmente, a necessidade do laborioso processo de transcrição dos registros fotográficos. Precisávamos de algo escasso em nossas vidas: tempo. A cada ano, o projeto permanecia engavetado e ficava mais evidente de que não conseguiríamos implementá-lo sem o financiamento e o auxílio de um bolsista.

A oportunidade de concretização emergiu apenas em 2021. Já como docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, elaboramos o projeto de extensão “Ao romper do século XX: transcrição e edição paleográfica da corografia de Manuel dos Passos de Oliveira Telles (1907)”, contemplado com uma bolsa de fomento disponibilizado pelo Departamento de História do Ceres - UFRN. Por meio deste projeto, somou-se mais um nome que integrou essa confluência de sujeitos dispersos em diferentes temporalidades com o intuito comum de tornar pública essa leitura sobre São Cristóvão. Era a bolsista Angélica Amanda Fernandes de Carvalho, que ao longo do ano pandêmico de 2021 realizou a árdua tarefa de transcrever os registros fotográficos.

O processo de transcrição e edição paleográfica teve alguns empecilhos, como a qualidade das imagens e os inúmeros trechos do documento que se encontravam parcial ou totalmente ilegíveis, em decorrência de problemas de preservação, como folhas coladas, fragmentação das páginas e, em maior número, trechos do texto que estavam parcialmente desgastados pelo tempo. Neste sentido, aqui apresentamos um esforço possível em tornar público o que o que se tinha. Procuramos em vão outros exemplares, em acervos digitalizados como o da Biblioteca Nacional e do da Biblioteca Central da UFS. Diante do insucesso, restávamos exaurir o máximo do documento fragmentado da Epifânio Dória.

Na Biblioteca Nacional foi localizada informação de que havia exemplares do impresso referente ao ano de 1907. Após a consulta, descobrimos que o acervo da bicentenária biblioteca havia a lacuna exatamente dos meses nos quais a monografia foi publicada. Procuramos então, os anais do I Congresso Brasileiro de Geografia, realizado pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro nos idos de 1909, pois a referida monografia constava na lista dos trabalhos apresentados. Após um longo processo de heurística, localizamos os anais no acervo da Biblioteca do Programa de Pós-Graduação de Geografia da UFRJ. Ao consultar, descobrimos que o trabalho foi aprovado, mas Manuel dos Passos não chegou a apresentá-lo. Assim, mesmo com o parecer favorável, nada foi publicado. Tínhamos apenas o parecer, uma evidência da fortuna crítica da monografia em seu tempo e diante do seu valor histórico, foi incluído neste livro.

Restou então a oportunidade de voltar a consultar o exemplar da Biblioteca Epifânio Dória. Diante da autorização da diretora Juciene Maria de Jesus e de Dilma Santos, a responsável pelo setor de Obras Raras e Hemeroteca, finalmente tivemos acesso ao raro exemplar, com os registros fotográficos realizados pela pesquisadora Joseane Gonçalves. Agradecemos **à Juciene, Dilma e Joseane pelas** inestimáveis contribuições. Igualmente agradecemos o apoio de Sandra Kelly de Araújo, diretora do Centro de Ensino Superior do Seridó.

Diante do exposto, apresentamos algumas das convenções definidas para a publicação. A primeira é no tocante a decisão de atualizar a grafia dos vocábulos, respeitando a sinalização do texto. Com isso, buscamos tornar a leitura mais fluida e acessível para um público mais amplo, pois esperamos que o documento historiográfico possa ser usado não somente por acadêmicos, mas por todos e todas que compartilham uma experiência sensível em relação ao passado.

Além disso, pequenos erros de edição no documento, como troca de letras, foram corrigidos. O mesmo foi feito em relação à grafia dos nomes próprios, como o da própria cidade de São Cristóvão e de sujeitos históricos amplamente conhecidos, que tiveram seus nomes atualizados para as normas de grafia vigente. São casos exemplares sujeitos como Diogo Quadros, grafado originalmente como “Diogo Poadros” e “Diogo Qoadros” e Gaspar Barlaeus, grafado como “Barloens”.

Ciente dessas diretrizes, convidamos o leitor a atravessar as cortinas do tempo e a mergulhar nas palavras que

enredam uma São Cristóvão errante e mutante, a cidade lida e apreciada pela lente do pensador da História Oliveira Telles. Uma cidade pincelada com traços que buscavam sussurros de justiça, como ecos de uma fênix sufocada nas claustrofóbicas estantes, distantes das mãos humanas e ciente do vindouro mergulho nas águas do esquecimento. Sejam bem-vindos à “cidade peregrina de São Cristóvão”.

## NOTAS

- 1 LIMA, Jackson da Silva. Uma lição de sergipanidade. In: TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. *Sergipenses*. São Cristóvão: UFS, 2013, p. 9.
- 2 GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bio-bliográfico sergipano*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.
- 3 LIMA, Jackson da Silva. Uma lição de sergipanidade. In: TELLES, Manuel dos Passos de Oliveira. *Sergipenses*. São Cristóvão: UFS, 2013, p. 13.
- 4 LIMA, Jackson da Silva. *Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe*. Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1984, p. 79.
- 5 SANTOS, Magno Francisco de Jesus Santos. *Caminhos da Penitência: a solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão – Sergipe (1886-1920)*

AO ROMPER  
DO SÉCULO XX:

O MUNICÍPIO DE SÃO CRISTÓVÃO



# Do pomper do seculo XX

(O Municipio de S. Christovam)

## CAPITULO I

VISTAS SOBRE A HISTORIA DA CIDADE

(Continuação)

Não está fora de termo arrastar de esquecimento os nomes de alguns dos primeiros moradores da cidade no dia que fecharemos em 1813, tem o Sr. Francisco Meirelles, capiteiro, Mattiar Alves, Affonso Pereira Malacorn, Simão Dias, o man-laco, Domingos Rodrigues, alfaiate, Antonio Lopes, serralheiro, Gaspar de Meiras (nome que se conserva no arrabalde Merem), Manuel Novais de Bampalo, Gaspar Bartello, Domitio dos Dionysia Moça, Pero Baoscher, Simão de Andrade, Martin Lopes, João dias, Antonio Barreiros, João Francisco, Gaspar de Amorim, João Garrez, que tambem foi proprietario de uma liguia de terra ao longo do varilhete da banda do sul defronte de Esperegua e valha tapera que tem a arvore redonda metida para lla. Thomé Fernandes, proprietario da Poituba (Riba Pequena) em frente a Tabaré (Pedreiras), Domingos Fernandes Sobre, sua filha Joana Sober, Pero Novais de Bampalo e muitos outros.

Os governadores dos quaes se nome ramos como successores de Christo vam de Barros, Thomé da Rocha, Coimo Barbosa, Diogo de Quadros, Manoel de Miranda Barbosa, Antonio Pinheiro de Carvalho, Nicoloa Fallain de Vasconcellos, e outros.

Pero Barboza, João Mattiar Alves, dataram seus nomes a cidade de Bergipe no S. Christovam capitania de Bergipe, ou a cidade de S. Christovam, e de Bergipe. De -ca se vê os nomes de uns e de outros e acompanhados a cidade, lutava por um local para a historia tem tateado. Com as cousas, os homens, estas se porra, a vida, a revolução em sua historia, em constituição, como ha been nos povos desgraçados, etor Hugo que a infelicidade lembro a e de Gullotta, e seguir o primeiro ligar nos nos descoberta, e seguir ligar seu nome de de maior

O portão do rio Bergipe, de o deignativo proprio e príncipe de suas paragens, a gloria de directamente a pais que ahabita de se e a la ser organizado sob os olhos. Foi a cidadanhia que lo's arrabatoa, e com a nos se, e o confuzio de p pouso, de monta em monte, tendel-o a final a toda a regi

O rio Bergipe continuou plácido e calmo, não logrou deconvincar a abertura regê reira, que é uma arteria de Por uma ironia do destino a melhante gloria coube ao Co ses principal e maior affue ligado com seu nome a m dr. Tolmas Barretto appo contemporaneo de Bergipe.

Fois calharamos dos ares que pediam chloes para as suas canas, é facil depararem o progresso material da cid soffres interrupção, pelo m

## CAPÍTULO I

# VISTAS SOBRE A HISTÓRIA DA CIDADE



**L**imita-se o município de São Cristóvão com o da capital (Aracaju) pelo rio Poxim e com o do Socorro pelo Poxim-mirim. Um insignificante riacho separa o Município de Laranjeiras, e o Vaza-barris, a oeste, separa-o do Itaporanga. O Atlântico é seu limite oriental, de barra a barra, de foz do Vaza-barris à do Poxim.<sup>1</sup>

Em eras mais atrasadas os limites do Município foram dilatadíssimos quase indeterminados. Conforme progredia a colonização e outros lugares iam surgindo, se foram eles encurtando. Segundo tradições e alguns documentos que podemos compulsar estendiam-se os limites em tempos idos até as paragens do Itapicuru.<sup>2</sup>

Mas não importa alongar-nos a respeito, nosso trabalho sendo tratar do município de São Cristóvão tal qual ele é atualmente, encravado entre os municípios indicados como uma região risonha e saudável onde habita uma população digna de melhores destinos.

Antes de tudo importa aqui observar que não presumimos seja perfeita este nosso trabalho. Reclamamos, porém, a benevolência do leitor, pois mais do que tudo é um trabalho de amor.

Encaremos primeiramente a cidade velha.

Até nossos dias tem sido designada por dois nomes: *São Cristóvão* ou *Sergipe de El-Rey*.<sup>3</sup>

Destes, o primeiro estendeu-se ao Município todo e sua razão de ser é muito sabida; quanto ao segundo facilmente ocorre a interrogação acerca da procedência.

Fora natural que a tivessem denominado *Cidade do Paramopama*, do pequeno rio que lhe lambe as plantas. Em toda a extensão de seu território nenhum rio corre com o nome Sergipe, seu município está separado da região do Sergipe. São Cristóvão pertence ao Vaza-barris.

Mas a razão felizmente não está sumida em notas legendárias, nem será fora do propósito tentar desenvolvê-la. Foi o rio Sergipe que deu nome à cidade, e esta por sua vez o estendeu a toda a capitania, hoje Estado de Sergipe. Este nome Sergipe, tivemos já ocasião de dizê-lo diversamente tem sido ortografado (alguns lançaram *Cerisippa*). Aparece com três formas distintas nas crônicas e corografias: *Sergipe*, *Seriry* e *Serigy*, todas três significando rios dos quais o terceiro é tributário do primeiro. Porém, todas três, ao nosso ver, são uma palavra só, diferentemente afeiçoada ao ouvido português, de molde a formar no correr dos tempos os três vocábulos em questão.

Os portugueses grafavam conforme a palavra soava, conforme ouviam-na. As diferenças que assentam em tal causa encontra-se ainda no aportuguesamento de inúmer-

ros nomes indígenas que significam lugares, rios, serras, etc. *Itabajana*, *Itaboana*, *Itabaiana*, *Arauí*, *Guararu*, *Aracaju*, *Macaroria*, *Macary* e outros. O vocábulo de Sergipe a pouco e pouco foi deixando de significar três diferentes rios e as formas Sergipe e Siriry perduram em seus rios próprios.

A expressão Serigy perdeu o objeto a que se ligava, pensamos porém (mas isso é mera suposição) que Serigy é o braço do Sergipe que deságua ao norte da cidade de Aracaju, quase fronteira á embocadura do Pomonga. Seu nome hodierno é Rio do Sal. Entre este pequeno rio desde muito conhecido por *Aracaju de Continguiiba* estende-se o alto monte *Outeiro do Aracaju* ou do *Urubu*, elevação majestosa e bela que se avista do oceano a longa distância. Cheio de matos que parecem emendar dos mangues que cobrem a margem do Sergipe começa a ser ornamentado de sítios e casas de recreio.

Na diminuta nesga cercada pelos três rios e pelo Outeiro de Aracaju é que foram lançados os fundamentos da primeira povoação europeia de tais paragens; e se não são destituídas de verdade tradições ainda correntes até alguns anos passados, encontrava-se pelas encostas do monte vestígios de habitações. Era uma fundação francesa, ao nosso ver.

O rio Sergipe deu-lhe o nome e provavelmente conquistadores portugueses conheceram (...) por *Feitoria do Sergipe* quando dela se apoderaram.

É o que depreendemos dos escassos documentos que possuímos, sendo certo que para maior elucidação será mister recorrer a algum arquivo da França ou a Torre do Tombo em Lisboa.

Assegurada a conquista, repete-se, Cristóvão de Barros levantou um forte junto a barra do rio Poxim, em um istmo, onde funda um arraial a que chamou de *São Cristóvão* (*Cristoforópolis* segundo o espírito latino-helenista da Renascença), a fim de honrar de uma só vez o santo de seu nome e o válido na corte de Madrid. Barlaeus, aceitando talvez a tradição, coloca a cidade de São Cristóvão à margem esquerda do Sergipe, junto ao apicum do Pomonga, ficando o forte à margem direita do mesmo rio.<sup>4</sup> Não é real porém a primeira lição, nem, ao nosso ver, Barlaeus acertou dando como portuguesa em outro sítio uma edificação já existente, “Depois de ganhar muitas vitórias e de ter afungentado os Índios para os remontados sertões, fundou (Cristóvão de Barros) ao sítio denominado Aracaju,<sup>5</sup> perto da barra por onde deságua no mar o rio Sergipe, uma cidade a qual apelidou para memória de seu nome cidade de São Cristóvão de Sergipe de El-Rey.

Deste lugar foi mudado pelos moradores, com aprovação do governo, para um outeiro escaldado junto a barra do rio Poxim para que, como de uma atalaia, pudessem ver os inimigos, que houvessem de entrar tanto pelo rio Sergipe como pelo Vaza-barris. Segunda vez foi traslada para uma campina próxima a corrente do sobredito Vaza-barris, onde atualmente se acha situada (Marcos Antônio de Souza, *Memória sobre a capitania de Sergipe*, publicada em 1877).

Folgamos de poder citar em apoio ter nossa opinião esta passagem do modesto cronista.

Tal foi o local primitivo da primeira povoação europeia de Sergipe. Divergimos, porém do autor citado com relação a data e nacionalidade da fundação, que reputamos su-

perior ao aparecimento de Cristóvão de Barros em praias de Aracaju, pois reconhecemos ser ela de origem francesa. Expondo as duas opiniões autorizadas, uma por Varnhagen e outra por Barlaeus, dr. Felisbello Freire remata declarando que “prefere estas fontes em semelhantes minudência”; nenhuma das duas abraça, por conseguinte, nem elucida esse ponto obscuro.

Consideramos, porém de máxima importância essa pesquisa do primeiro assento da cidade a que depois foi dado o nome de São Cristóvão para aqui pois trasladamos o que uma vez escrevemos, pedindo vênia ao leitor por causa da prolixidade que seremos obrigados.

As opiniões relativas às primeiras assentadas de Sergipe ou São Cristóvão, dissemos então, são de duas ordens, populares ou tradicionais e eruditas ou históricas. Reproduzindo as últimas, resumidas na autoridade de Porto Seguro, que dá para sítio primitivo da ex-capital de Sergipe o istmo da barra do Poxim no rio Sergipe, e na da Barlaeus, que o coloca na costa oriental da *Barra dos Coqueiros*, como vimos, dr. Felisbello Freire nada mais acrescenta.

Não é verdade que a primeira povoação de Sergipe nestas paragens tivesse sido lançada no istmo da barra do Poxim, pela simples razão de nunca ter existido um tal istmo; ou se de fato existiu, era ele de condições de firmeza e estabilidade tão insubsistente, como ainda hoje, são as praias e lugares que devem ter sido suas proximidades, e de tamanho e dimensões tão significantes, que é irrisório até aceitar-se a ideia de edificações em sua superfície. Todos sabem que o Poxim é um escandaloso rio de águas lodosas e mortas, lisas e tranquilas mesmo por ocasião das maio-

res enchentes fluviais, de 10 a 15 metros de largura quando muito; o qual banha a pouco extensa área onde está situada a cidade de Aracaju pelos lados de noroeste, oeste e sul, onde atravessando o Sergipe vai desaguar no Atlântico.

E o seu curso volve-se em giros tortuosos atravessando mansamente banhados e grandes larguras rasas. Não há notícia de graves destruição causada por ele, de modo a lamentar-se o desaparecimento de alguma feitoria secular. É um rio notável pela dormência inalterável de suas águas, pelos seus espraiamentos cobertos de nenúfares e mil outras plantas aquáticas, pela fertilidade de suas margens, pela esquisitice de sua fauna, pelos seus mosquitos e miasmas febríferos. Por consequência, salvo a hipótese de um solevamento das forças da natureza, é incapaz de causar qualquer mudança sensível no solo que vai regando e na vasa que lhe serve de leito; e mais ainda incapaz de danificar ou destruir em três séculos, a ponto de apagarem-se os vestígios, um istmo que deverá ter volume, forma e extensão relativamente consideráveis.

Um istmo é o pescoço ou porção de terra que prende uma ilha a um continente, formado assim o que se chama península-quase ilha: o istmo de Corinto; a península da Criméia, e Peloponeso. A existência do istmo depende fatalmente da existência da ilha ou da existência da ilha ou da existência do continente; a ausência de uma ou de outra implica a impossibilidade do istmo. Dá-se também a existência de um istmo ligando dois continentes, como o istmo de Panamá e o de Suez antes da abertura do canal do mesmo nome. Mas, rigorosamente, essas regiões (as Américas e a África) no sentido geográfico do termo, são

penínsulas, notadas nos mapas pelo primeiro designativo em respeito a cada uma delas, conforme exprime-se moderno geógrafo.<sup>6</sup> Sendo, pois, um istmo pescoço ou língua de terra, muitos autores levam a exatidão geográfica ao ponto de não concederem á Ibéria e a Índia o caráter de penínsulas sendo este nome, com particularidade para a primeira das duas regiões, apenas um conceito histórico.<sup>7</sup>

Península, portanto, é qualquer área de terra relativamente pequena.

É propriamente a Moréa, e daí para menos; assim como istmo designou por excelência o istmo de Corinto. Ora, nestas condições, não é inadmissível a hipótese de um istmo junto à barra do Poxim; como também é possível a existência de uma península em qualquer lago onde houver uma língua de terra entre duas águas. Mas, admitida a existência do istmo do Poxim, e conseqüentemente a da ilha que ele devia ter prendido à terra firme, foram os dois lugares tão exíguos, pequenos, estreitos, e de formação tão solta, que a maior força do rio – a das marés – e, todavia, essa somente influi até o povoado de nome Mundé da Onça ou Jabotiana, poderá destruí-lo em menos de dez anos.

Neste caso, atendendo-se ainda a largura do Poxim e a largura do Sergipe (para este último 200 a 250 braças pouco mais ou menos), repugnará a qualquer espírito abraçar; a ideia de uma povoação em tão estranha contingência de terreno para seu suporte.

Um chão em tais condições para aguentar uma cidade embora nascente, devera ter pelo menos umas duas milhas de largura e terreno compacto e consistente, capaz de resistir à ação da corrente a mais caudalosa.

A maior profundidade do rio Poxim começa a oeste de Aracaju, no Mundé da Onça ou Jabotiana, onde uma ponte liga os municípios de Aracaju e São Cristóvão.

Daí para a foz, frequentemente intercalado por algumas voltas mais fundas, o declive do leito gradativamente vai subindo em direção à superfície e a ponto de em muitos lugares o rio oferecer passagem a pé enxuto com alguns verões; sendo que perto de sua barra, lá onde entra no rio Sergipe, em qualquer tempo do ano pode ser atravessado a van em cada reflexo, ou mesmo por ocasião das pequenas marés de enchente.

Este fato produziu talvez o engano de se ver ali uma barra verdadeira, sendo por isso erradamente considerado um afluente do Sergipe. Da Jabotiana ao ponto de cruzamento com Sergipe, a que nos referimos, é também qual insensível força da correnteza; e assim somente com um décimo de milênios ele poderia destruí qualquer porção de terras *Exque* ainda mesmo arenosa.

Do que temos exposto fácil é convencer-me que de tal istmo, se realmente existiu, notar-se-ia ainda vestígios bem vivos. Não fora suficiente, para completo desaparecimento a ação perturbadora da natureza em um pequeno período de centena de anos. Como núcleo português São Cristóvão data de 1590 e já em município de 1603 consta a mudança da cidade para uns outeiros escalvados paralelos á costa do mar, junto a afluição do Pitanga sobre o Poxim. Nesse espaço de tempo (treze anos) devera a cidade achar-se aumentada de fogos e vizinhos, e assim grandes restos teriam ficado, como são alguns notados nos outeiros referidos, inclusive o cruzeiro da igreja começada.<sup>8</sup>

É, pois, errônea a opinião de Porto Seguro. O sítio primitivo de São Cristóvão deveremos buscar em outra parte, ou seja o local ao norte do pequeno rio Aracaju por onde agora vai formando arrabaldeza capital do Estado. Aí Levantou suas tendas a primeira povoação europeia da qual se apoderaram os portugueses.

A vitória alcançada pelos portugueses não foi de some-nos importância, nem os franceses, já senhores da terra até as profundezas das matas de Itabaiana, eram inimigos dignos de desprezo. Urgia transferir para outra parte o estabelecimento principal que acabava de ser tomado. Foi então conduzida a feitoria de Sergipe para o interior do país e assentada não longe do local onde o Pitanga aflui para o Poxim, conservando com o novo designativo de São Cristóvão seu antigo nome Sergipe, sob a devota e significativa invocação *de Nossa Senhora da Vitória*. Visitamos esse lugar em 1891. É uma das posições mais belas e felizes que é dado ver. De suas eminências domina-se a um tempo os quatro pontos cardeais, e ao norte desenrolam-se em maravilhoso espetáculo a cordilheira de Itabaiana, as paragens do norte e do oeste e ao oriente a vasta enorme planície azul verde do oceano Atlântico. Além disto suas condições são das mais favoráveis para a existência de um núcleo humano: excelente clima, boas aguadas e desapertados horizontes. Não é conhecida a razão precípua da transferência da cidade para o sítio junto ao deságue do Pitanga, notando-se apenas que foi um deferimento às instâncias do povo, conforme se vê da petição apresentada por Affonso Pereira, procurador do conselho onde lê-se que o desembargador Gaspar de Figueredo Homem “a requerimento do povo

consultou e assentou com os moradores e capitão de se mudar que no tal tempo estava no Aracaju que se a situasse neste outeiro aonde logo se passou a igreja e o forte e disso se fizeram autos, etc.”

O que ocorre para explicar esta resolução, são talvez apreensões de novas lutas com os franceses pouco dispostos a abrirem mão da feitoria. De fato, tais lutas repetiram-se traduzidas por escaramuças e guerrilhas até o governo de Diogo de Quadros (1596), e somente cessaram de todo pelos anos de 1600-1601. Infelizmente à ocupação francesa em Sergipe falta um nome representativo com que tivesse passado à história com documentos positivos e irrefragáveis. Falta-lhe um Laravardiére, um Duguay Trouin ou Villegagnon, e todo testemunho insuspeito que possuímos sobre o assunto são as declarações e referências dos próprios companheiros de Cristóvão de Barros. O que é verdade é que eles não foram meros traficantes das costas de Sergipe e como se lê no trabalho do Dr. Felisbelo Freire, o melhor quinhão que temos da história de Sergipe, os franceses senhoreavam o país desde o Rio Real até *Itaibaianas-su* e eram já tão numerosos e conscientes do seu poder que projetaram a conquista da Bahia<sup>9</sup> (as condições topográficas da cidade, diz o autor citado não permitiam que os seus habitantes se prevenissem dos assaltos, que de emboscadas eram dados em vista da *posição insular*<sup>10</sup>, por isso não podiam presenciar entrada de flotilhas, pelas barras dos rios navegáveis.

Em vista disto, talvez se convenceu o governo da necessidade de mudar a cidade para uma eminência onde se pudesse presenciar qualquer movimento marítimo. Foi es-

colhido um outeiro escalvado que fica junto á barra do rio Poxim, para sede da nova São Cristóvão, cujo habitantes ficaram em melhores condições para vigiar a entrada de inimigos, ficando ainda a barra do Rio Real fora da observação.

Tal é a explicação, que também queremos aceitar, da transferência da feitoria conquistada divergimos porém quanto ao local, que sustentamos até com o testemunho de nossos olhos ser o indicado linhas atrás, onde realmente ficam os outeiros escalvados hoje conhecidos por *Monte Alegre, Arrozal, Maria Lourença* e outros.

Contudo, ali pouco viveu a povoação. De novo foi transferida a cidade (1603-1607) para a formosa colina do Paramopama onde ficou até nossos dias. Permaneceu obscura a causa desta ulterior resolução, que de como a primeira consta de documento autênticos, com formalidade solenes e oficiais, sendo para lamentar-se que se perdessem ou extraviassem semelhantes papeis.

O que é certo é que pelos anos acima indicados muitos colonos pedem chãos no assento da cidade nova, dentro no perímetro nos pequenos vales que rodeiam a colina, e muitos sítios são formados pelas duas margens da ribeira de Paramopama, onde planta-se arroz, algodão, iniciadas pouco longe nos arredores a cultura da cana e a criação de gado.

Já por esse tempo a cidade nova não era um mesquinho povoado, mas um núcleo materialmente desenvolvido, contado pelo menos três ruas principais – *Rua das Flores* (rua das frolles), *Rua Direita e Rua Nova* – e mais o *Caminho Novo* e *Caminho das Mangueiras*, que bem não sabemos as-

severar se eram novas ruas ou estradas ornadas de sítios ou fazendas, levantando há pouca distância o baluarte, que ficou sendo chamado *Forte Novo*. Não consta a data da inauguração da nova capela ficou porém o nome do vigário ou capelão, o padre Bento Ferraz, que foi proprietário de terras “ao longo de um riacho no caminho velho que vem de taperagua... para o forte velho onde se passava sua ponte sita de pé”.

Não será fora de o termo arrancar do esquecimento os nomes de alguns dos primeiros moradores da cidade ao período em que fecharemos em 1813, tais como Francisco Meireles, sapateiro Baltazar Alves, Affonso Pereira Maragoim Simão Dias, o mameluco, Domingos Rodrigues, alfaiate, Antônio Lopes, serralheiro, Gaspar de Meréns (nome que conservava no arrabalde Merém), Manuel Novais de Sampaio, Gaspar Barreto, Domingas Dionísia Moça, Pero Sanchez, Simão de Andrade, Martin Lopes, João Dias, Antônio Barreiros, João Francisco, Gaspar de Amorim, João Garcez, que também foi proprietário de uma légua de terra ao longo do vaza-barris da banda do sul defronte de taperagua “velha tapera que tem a árvore redonda metida pera lá”. Thomé Fernandes, proprietário da *Palitiba* (ilha pequena) em frente a *Tinharé* (Pedreiras). Domingos Fernandes Nobre, sua filha Joana Nobre, Pedro Novais de Sampaio e muitos outros.

Os governadores dos quais enumeramos como sucessores de Cristóvão de Barros, Thomé da Rocha, Cosmo Barbosa, Diogo de Quadros, Manuel de Miranda Barbosa, Antônio Pinheiro de Carvalho, Nicolau Faleiro de Vasconcelos, Amaro de Cruz Porto Carreiro, João Mendes, Pedro

Barbosa, João Rodrigues Molenar, datavam seus despachos na cidade de Sergipe ou São Cristóvão, capitania de Sergipe, outras vezes cidade de São Cristóvão, capitania de Sergipe. Do que se vê que o primeiro nome sempre, se lhe aderindo, acompanhou a cidade peregrina, que lutava por um local para fixar-se. A história tem tais incongruências. Como as causas, os homens, e como estes os povos andam muitas vezes revezados em seus destinos. Há coisas desditosas, como há homens infelizes ou povos desgraçados. Disse Victor Hugo que a infelicidade de Colombo e a de Guilhotin foi não conseguir o primeiro ligar seu nome a sua descoberta, nem o segundo desligar seu nome de sua invenção.

O poético rio de Sergipe que houve o designativo próprio principal cacique de suas paragens, não teve a glória de diretamente nomear o país que acabava de ser conquistado e ia ser organizado sob outros senhores. Foi a cidadezinha nascente que lhe arrebatou e com ele afirmou-se, e conduziu de pouso em pouso, de monte em monte para estendê-lo afinal a toda a região.

O rio Sergipe continuou a correr plácido e manso, não logrando mesmo denominar a ubertosa região açucareira, que é uma artéria do Estado. Por uma ironia do destino talvez, semelhante glória coube ao Cotinguiba, seu principal e maior afluente, batizando com seu nome a zona que o dr. Tobias Barreto apelidava a *contemporânea de Sergipe*.

Pelo entusiasmo dos aventureiros que pediam chão para edificarem suas casas, é fácil depreender-se que o progresso material da cidade não sofreu interrupção, pelo menos, até a época da invasão holandesa. Novas ruas foram

edificadas, – as do *Brumburum*, das *Quebranças*, dos *Tom-bos*, do *Sol*, da *Alegria*, do *Varadouro*. Esta última tornou-se a cena de tiroteios na guerra holandesa, ali foi efetuando-se sua prisão do major holandês van der Brande.

Nos tempos da independência foi lida de uma de suas sacadas a Constituição de Império.<sup>11</sup> Imigrantes afluem das capitanias da Bahia de Pernambuco e até de Espírito Santo; os quais de volta de suas experiências exploradoras pelos sertões do Rio Real e Porto da Folha, vêm por sua vez edificar em São Cristóvão com a intenção de domiciliarem-se. Diferentes ordens religiosas preparam com afincado e acendrado o melhoramento espiritual, e não tardará rasgarem as alturas os conventos de São Gonçalo, Misericórdia, São Francisco e Carmo, com exceção do primeiro de que só existem ruínas, os melhores edifícios que conservamos dos tempos passados.

O domínio holandês foi de pouca duração, mas deixou assinalado um terrível acontecimento – o incêndio de São Cristóvão, fato a que queremos prender a carência e novo sumiço de bons documentos e fontes de nossa história.

Podemos considerar a invasão e domínio holandês como limite do primeiro período da história da cidade de Sergipe. É o ponto final de suas origens, de sua época de formação; um tanto poético como todas as origens, mais ou menos aquele em que, sendo a mesma da capitania a história de cidade, oferece distinções pelos quais podemos encará-la. De então para cá a cidade de Sergipe, mantendo-se embora a na mesma importância, poucas modificações ou alterações para melhor experimentos. Cada governador, e mais tarde cada ouvidor, foi contribuindo mesquinhamen-

te ou deixando de contribuir para sua expulsão material. E porque tudo vai prender-se à história geral do Estado, que não é nosso intuito neste opúsculo, deixaremos de narrar a sucessão dos acontecimentos até 1855, época em que foi precipitada a decadência da cidade.

\*

\* \*

Mas se muito cedo cresceu assoberbada a massa de povoadores do núcleo colonial, cedo também se acendeu a paixão politqueira. A população se foi transformando conforme as opiniões divergentes ou encontraria, acostumou-se às tricas, às intrigas, aos mexericos.

Os bons instintos que porventura a impeliam ao trabalho e à economia se foram apagando e desaparecendo. Com quanto progredisse, e se multiplicasse seus habitantes, Sergipe não era uma *cidade grande* no sentido em que se entende a expressão. Era, entretanto, uma *capital*, mas uma *capital pequena*, que embora balda de opulência tinha relativamente os luxos e espetáculos de capital.

É provável que incutisse exemplos de bondade, mas largamente insinuava vícios *de cidade oficial*. De que servia, pois, com seus subúrbios achar-se dilatada para além da colina do São Gonçalo e na direção de oeste até junto ao povoado Miranda?

Do que servia, como prova da densidade de sua população, o abatimento em fins do século XVIII de 80 a 90 rezes para o consumo nas feiras semanais? Habituada à vida oficial e aparatosa, cheia de prazeres e diversões fáceis, de

onde derivam à maneira de torrentes o peioramento e dissolução dos costumes, a população tornava-se resignada e indolente.

Afagava a preguiça, que só ensina a pedir ou a esmolar, quando não impulse por caminho ainda mais degradante.

Mas contribuíam para também terrível arrastamento as condições de que a cidade é dotada – um clima belo e saudável, que acaso enerva, ares puros e risonhos, que impelem a contemplação estática. Sobretudo, a barateza e facilidade de subsistência relaxaram a atividade progressista.

São Cristóvão anos atrás o que hoje é, – a cidade das serenatas e folias noturnas, das folganças das festas populares ou religiosas, do excelente peixe e dos banhos magníficos. Mas não são tais coisas as únicas que podem formar um povo forte e excelente, antes o zelo de conservá-las poderá precipitá-lo. A prova é que em tempos idos, mas não muito afastados nenhum arranco da população foi uma espontaneidade de si mesma, porém uma impulsão, um empurro.

Viu-se por exemplo, o povo erguer-se e vociferar na chamada guerra do relógio contra a cidade de Laranjeiras. A exaltação chegou ao cúmulo. Entretanto, ainda não foi a paixão que borbotoa da alma, sim num insuflamento. Foi a ira do governo.

Já dantes outro fato havia determinado ebulições e movimentos anormais, que analisados não passam de manifestações de medo e não produtos de raiva, referimo-nos a tempo da guerra de Santo Amaro em 1836.

A atitude bélica e reacionária daquela vila alarmou São Cristóvão. Organizou-se a resistência derramando-se companhias e sentinelas pelas estradas de Laranjeiras, So-

corro e Aracaju, não como falanges vingadoras, mas como grupos de defesa. Vejamos outra face de tais reboliços no sucesso eternamente memorável da mudança da capital.

O povo amotinado chora a perda de sua capital com imprecações gritos e esconjuros e pragas contra o Presidente da Província. Espalhou-se mesmo que ele arrependido aguardava a serenação da onda popular para desistir do projeto, tendo o chefe de polícia ordens e recomendações reservadas para não repelir o povo revoltado. Mas qual!...

De nada valeram os tantos homens armados na praça da Matriz, foram todos surdos a voz de João Bebe Água. Nem se moveram, nem se agitaram. O cofre, os arquivos foram conduzidos sem a menor oposição. João Bebe Água ficou sozinho, abandonado, desiludido da insubmissão de seus conterrâneos.

Efetuada a mudança começou o declínio rápido, extraordinário, manifestado por todos os modos, em todos os sentidos. O desprezo, o abandono de todas as coisas, a desatenção para com uma cidade elegante e saudável quase tornou-se uma norma.

A retirada ex-ofício dos funcionários públicos para a nova capital sucedeu de perto o êxodo das famílias. Depressa a gente moça aborreceu o pátrio lar, e movida pelo ímpeto de aventuras, que caracterizou o sergipano, atirou-se, como bando de aves errantes, ao mundo vasto, saiu barra fora. Em Aracaju a edificações a unificação era em demasia penosa naqueles tempos.

A madeirama, pedras, telhas e outros materiais obrigavam a enormes dispêndios, sendo muito difícil o transporte por mar, pois somente cortavam as águas do Sergipe

canoas dos pescadores e raros navios de verga de pequeno calado que iam ancorar em Portos em Redes ou em águas de Laranjeiras.

Era mais fácil conduzir só materiais de São Cristóvão, que os possuía, já enrizados em seus alicerces, já virgem em suas florestas. Impiamente foram destruídas casas e casas, das quais eram aproveitadas sobretudo as telhas, linhas, caibros, portas, para as construções da cidade nova. Durante muitos anos não teve limites a febre destruidora. Desapareceram trechos inteiros de edificação. Desapareceu o *Rincão*, as ruas do *Sol*, das *Candeias*, da *Alegria*, do *Meio* e outras; e quem quer que visite as ruínas da igreja de São Gonçalo na colina do mesmo nome, tão sozinha e amparada em suas quebradas que espessa mata densa onde vinga madeira de lei, não dirá que aquilo foi um arrabaldezinho alegre e vistoso, abrigo do engalo e galanteio. O calçamento nas ruas e praças sumiu-se sob um solo adventício e novo.

Tal era o aspecto de São Cristóvão em poucos anos de decadência, que ao tempo da viagem do Imperador, em 1860, parecia mais uma carcaça do que uma princesa. Dentro das habitações os formigueiros coalhavam as estas nas pedras e musgo. Os poderes públicos municipais eram e continuam indiferentes ao desalento, as rendas públicas decresceram, extraindo-se da Câmara Municipal dentre outras preciosidades o *Livro do Tom* e o restante da população continuava amorfa e indolente sem ter força para protestar e peito para a reação.

O pequeno comércio, aquele que é o desafogo de nossos campônios, a feira, a princípio a pouco e pouco, e vertiginosamente depois, afluíu para a nova capital.

O desânimo campeou impune em uma população cheia de vida, de modo a tornar só a falta de iniciativa o sinal do cristovano. Tal população a quem o extorquiram os foros não perdeu ainda os vícios de capital. E se paulatinamente se lhe foi extinguido os engenhos, iam lhe sobrando manhas, que constituem o talento nas mesquinhas comunhões.

A tristeza, o queixume, as lembranças e saudade dos passados dias em regra, são as cortesias com que o cristovano acolhe seus visitantes; ele que jamais poderia ser triste, que deveria ser alegre e expansivo, pois nasceu em um jardim, um sonho de belezas raras e peregrinas, acrescidas um pouco mais longe pelo majestoso Paramopama do vale da Itaporanga. Será que as magias do meio físico apagam do peito humano os impostos e instintos do melhor? A resignação alvar e estúpida será veneno que se ouve no fundo das confortabilidades da existência? Em regra, o cristovano é um ser descuidoso, insensível à desgraça de sua terra, não figurando, não se afirmando nela como força capaz de levantá-la.

Isto é sobretudo notável mesmo no ponto de vista de politiquismo, única a derradeira arfação vital da cidade, onde as chamadas *influências*, os chefes políticos são filhos de outros lugares. Releva ainda ponderar que os habitantes abastados do Município não possuem moradas condignas.

A ausência de bafejo oficial, tudo extintou na cidade de Sergipe, menos o ódio voltado à nova capital. Ao contrário, principalmente por parte da capital, certo movimento de amor e simpatia a antiga metrópole sergipana se tem acentuado de muitos anos para cá. Filhos da capital e de outros lugares do Estado visitam São Cristóvão, atraídos

por sua beleza, senão também pelo eco das suas desgraças. Os Presidentes da antiga Província passavam ali divertidas temporadas e os Presidentes do Estados ainda não deixaram de frequentá-la. Na bela estação do ano enchem-se a cidade de famílias aracajuanas e de outras partes onde passam as festas de Natal, e então São Cristóvão apresenta o aspecto de uma risonha cidade de vilegiatura.

Sob o governo de 1895 ali foi aquartelado um corpo policial chamado de *segurança*, que, se pareceu dar-lhe impulso, acrescentou-lhes não obstante as dores e os males somente pareceu lucrar a Estação Telegráfica inaugurada em 1894.

De então para cá um *São Cristóvão de palha* vai aos poucos tomando o lugar ao *São Cristóvão de telha*.

## NOTAS

- 1 Antecipemos esta nota sobre o rio Poxim, que no decorrer do capítulo encaramos como um rio independente. Na verdade, atenta observação autoriza a afirmar que esse rio não pertence à bacia do Sergipe, não é dele umafluente; tem curso seu próprio. Erradamente chama-se barra do Poxim o ponto em que suas águas se confundem com as do Sergipe, na linha extrema dos municípios da capital e de São Cristóvão. Ele atravessa, sim, o Sergipe, como o Reno atravessa o lago de Constança, e lançar-se no Atlântico formando o que de muito chama-se barra de Propriá, por onde hoje novamente entram e saem vapores e navios de vela.
- 2 Devemos à gentileza do dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, a seguinte excelente nota sobre a palavra indígena Itapicuru.  
Assunto de monta para este opúsculo, nos permitimos aqui transcrevê-lo muito embora com infração da lealdade devida a sua modéstia.  
Diz ele:  
“Não conheço nome que mais tenha desafiado o provido das etimologias. No Maranhão tem ele um homônimo, como em Sergipe há uma árvore com o mesmo nome.  
Para o rio dou a seguinte etimologia: *ita*, pedra, *ipi*, fundo do rio, álveo, *curú*, cascalho, seixos, pedras pequenas: rio que corre sobre álveo de cascalho de pedra.

Para a árvore: *itá*, tronco, *pi-corô*i ou *pi-curú*, de pele ou casco brotado, gretada, cheia de nascidas: o que tem saliências ou calombos. Não conheço nem os rios, nem a árvore, para ver se lhes serve tais etimologias.

Tratarei do assunto em meus nomes indígenas da *Toponímia de Sergipe (in fieri)*.

Depois que avancei a etimologia acima para o rio Itapicurú, lembrei-me que para se lhe dar, a colocação de vera ser *itá-curúipi*; por metátese, *itáipicurú*. *Itá-curu* ou *itá-curuba*, ou *curuba*, é ainda o nome de uma pedra assaz vulgar em Sergipe, onde a denominam pedra curuba.

Não haverá muito dessas pedras no Itapicurú, significando *ipi* muitas, quantidade?

Sendo *curú* ou *curuba* o mesmo *coroi* ou *aco roi* (Vid. Montoya nesta palavra não significará a palavra álveo ou leito assomado de pedras, ou em que as pedras assumem a flor das águas quais excrescências saliências escabrosidades, como quando o rio está baixo ou em caveira ou encaveirando no dizer do povo? E assim teremos *itá*, pedra, *pi-cori* ou *pi-curu*, escabrosa, pedras escabrosas ou escabroso de pedras; álveo, leito, fundo do rio escabroso de pedras.

O *oiti-curu*, fruta muito conhecida, deve o nome ou qualificação de *curú* ou *coroi*, como explica Frei Vicente do Salvador, a sua casca áspera, escabrosa, cheia de protuberâncias, excrescências.

O estudo comparativo e a natureza do lugar são o critério para a etimologia em questão.

*Curuba*, s.f. (Pará), sarna. Dão também esse nome ao bicho da sarna. É vocábulo tupi, *Tucuru* (1), s. m. Mato Grosso o mesmo que *Tucuruba Tacuri*, (2) s. m. Rio Grande do Sul), montículo de terra no meio dos banhados. *Tucuruba*, s. m. (São Paulo, Pará) trempo formada de três pedras soltas, sobre as quais assenta a panela. Etimologia Apherrese de *Itacurubá*, significa em língua tupi pedaço de pedra. Em guarany *Itacurú*.

Estas palavras muito esclarecem ou podem esclarecer a etimologia do nosso Itapicuru, principalmente a palavra Tapicuru de uso no Rio Grande do Sul, montículo de terra (deve ser de pedras) no meio dos banhados (charcos, terrenos imundados); terra ou pedra excrescendo das águas nos banhados.

3 O apêndice de El-Rey é posterior ao domínio holandês. Os colonos homônimos Simão Dias Francês e Simão Dias o Mameluco antes da conquista holandesa requeriam datando da Capitania de Sergipe de El-Rey.

4 Vid. Dr. Felisbelo Freire. História de Sergipe. Sobre as origens de Sergipe é talvez o melhor trabalho que existe.

5 Importa não confundir com o sítio dominado Aracaju como o mesmo solo recentemente formado onde edificaram a nova capital.

6 Vid. Sir George Grove, Geography.

7 Idem, Geography.

8 Apenas dela resta ainda um cruzeiro

Longevo, enegrecido, esboroado,

Que a mão do tempo respeitou; lavrado

Em sergipense secular madeiro.

Inda se vê na chan do belo outeiro,

Aqui e ali, sumido, soterrado,  
Vestígio de edifício começado;  
E nada mais....

(Cristofaneida)

- 9 Vid. Dr. Felisbello Freire, História de Sergipe.
- 10 Como se vê da passagem que grifamos aqui o dr. Felisbello Freire, talvez pelo que podem se chamar com o dr. Tobias Barreto tendo “uma feliz consequência”, segue nossa opinião. Todavia, não era insular a posição ou sítio de feitoria.
- 11 Foi também em uma casa da rua do Varadouro que o partido municipal traçou seus planos de combater para o pleito eleitoral de 1 de outubro de 1822.

## CAPÍTULO II

# AS MONTANHAS E AS ÁGUAS



**O** município é notavelmente irregular e acidentado. Em rigor suas elevações não merecem o nome de montanhas. Contudo não deixam de revelar-se como expressões orográficas, atendendo-se às dimensões do território pois formam um pequeno sistema com seus espigões e contrafortes e diferente ramificações, que todas tendem a entroncar na cordilheira de Itabaiana. Suas culminâncias são poucas, não excedendo as mais erguidas de algumas dezenas de metros, e isso mesmo calculando a olho. Junto ao Vaza-barris e na região banhada pelo Poxim há elevações majestosas que obedecem a certa ordem, ferido as nuvens, a quem bem podemos chamar *Serras do Patrimônio* ou da *Colônia*, do nome do moderno povoado que lhes dica ao pé.

Infelizmente, a orografia do Município, como a do Estado, é pouco conhecida; e quanto podermos avançar a respeito não passará de um ensaio de estudo.

Seus montes em grande maioria permanecem anônimos. Aqueles que lograram ser nomeados não são, todavia dos mais altanados, como os outeiros do *Congá*, *Castigo*, *Pituba*, *Pelada*, *Pico*, *Vigia*, etc. Sendo, porém, de aspecto acidentado abre-se o país em inúmeros férteis vales, qual todos também inominados.

Entretanto em nada cede aos outros municípios no ponto de vista da sua hidrografia, principalmente no que diz respeito as partes lineográfica e potamográfica.

Tão rica é esta última que onde quer que se encontre uma baixada entre dois ou mais montes ali existe um depósito de águas vertentes ou pluviais. São inúmeros os lagos, os brejos, os pântanos e alagações ou banhados. Das primeiras apontaremos dentre as principais as da *Canoa* ou *Várzea Grande*, *Cabrita* e outras. A lagoa de *Itacanema* em terra do Patrimônio tem celebridade colonial. A *Mutuca* é outra massa de águas doce que não deve ser esquecida. Fica junto ao rio *Pitanga*, na estrada do engenho *Poxim*. É bastante comprida e larga, de aspectos esquisito, piscosa, e suas águas são constantemente pretas, de uma profundidade ainda não conhecida; o que importa dizer que ainda não foi vista em seco. Conhecem-na de perto os caçadores onde não poucas vezes veem escapar-se lhes as pacas que perseguem. Mergulhadores em vão tem tentado tomar pé. É muito atravancada de troncos e galhos de árvore nela depositados pelas enxurradas.

Por vezes se tem procurado desobstruí-la pelo esgotamento de suas águas por meio de levadas, mas sempre de balde. Em grande maioria as lagoas do Município recebem tal cópia e suprimento nas invernadas que quase emendam com os invernos seguintes ainda cheias e fundas.

Na zona da praia as chuvas formam extensos lagoas paralelas conhecidas por diferentes nomes, separando os sítios e coqueirais, e muitas vezes embarçam o trânsito ordinário, sendo este feito por canoas a remo ou a vela.

No ponto de vista lineográfico consideramos também os diversos tremendais e sumidouros, vulgarmente chamados, *atoleiros*, alguns dos quais são celebres, como os de *Maria Monte e Moria Angú*. Por todas as Pitangas e terras do Vasabaris existem vertentes ou fontes nativas de pote agradável, como as três fontes nos outeiros chamados de *Domingos Paulo* e a de *José Pereira*, hoje estanque em virtude da extinção dos matos que alimentavam. Além disto, o Município possui termas excelentes, como o *Buraquinho* e a fonte das *Pedrinhas* ou *Rita Cacete*.

Conta-se que não longe desta, junta a antiga fazenda de Luiz Leite, há outra fonte termal que os vizinhos denominam *Buraco de Teresa*.

Encaramos, porém, a potamografia do Município onde não se encontrará nenhum sistema de irrigação de longo curso propriamente seu. O único rio maior que nasce dentro no Município é o Pitanga, procedente dos Mananciais da Água Azeda ou Aldeia. Conta-se que corre subterrâneo em certa extensão. Fertiliza os campos do engenho Eucurial recebe pelas duas margens muitos ribeiros perenes, dos quais o mais notável pela doçura do seu licor é o *Capivara*, e sempre escondido sob frondosas árvores despeja no Poxim depois de um curso de 60 quilômetros.

Sua largura média é de uns 4 metros e sua profundidade raro excederá de dez palmos. Torna-se caudal por ocasião das cheias em virtude do reforço das águas dos

montes. Não é navegável, não só por sua pouca fundura, como também pelo atravancamento de troncos de árvores tombadas que lhes obstruem o leito e por seus meandros e voltas frequentes e rápidas.

Junto a sua embocadura fica uma tapera desde os antigos tempos (1597) conhecida por *porto Catherine*. Sua água é potável e grata ao paladar.

Além dos riachos que para ele correm dos quais podemos lembrar o *Santo Antônio* ou *Água Fria*, é o Pitanga célebre pelas inúmeras ipucas ou, rios mortos, que se ocultam sob as matas protetoras de suas margens e pelo poço nunca estanque e sempre sereno conhecido por *Poço Azul*.<sup>1</sup> É crença que as águas desta depressão comunicam com o rio por condutos subterrâneos.

O Poxim é, como já vimos, o limite natural entre São Cristóvão e Aracaju, puxemo-lo de suas cabeceiras no *Outeiro das Cabras*, dependência da serra da Cajaíba, na cordilheira de Itabaiana.

O *Poxim pequeno*, um dos seus afluentes, tem pouca importância como o *Vermelho*, *Timbó*, *Tabua*, *Barro*. É célebre nos tempos coloniais, e o vale que vai regando é de uma fertilidade adorável. Banha a moderna povoação Pedrinhas e arraial *Chamego* e o *Mundé da Onça ou Jabotiana*, onde acham pertencendo a São Cristóvão e a Aracaju, visto (...) as duas margens, as quais são ligadas por uma ponte, para cuja reconstrução em 1895 barbaramente britaram o grande *manhir* fincado em uma volta ao lado do sul<sup>2</sup> Vê-se ainda no rio um esteio em meio do canal, último resto da ponte outrora lançada pelos colonizadores e por eles conhecida por ponte nova.

O Poxim grande (ypoxyassu), como algures dissemos, é um rio esquisito. Atravessa grande banhados e tem alguma largura com certa profundidade; sofre a influência das marés até a ponte. Constantemente liso em sua superfície, diz-se há que é um rio morto. Mas é crença entre o povo que sua correnteza não perturba a serenidade do espelho das águas. Uniformemente espalhadas de ninfas, juncos e tábuas são muito lodosas, o que explica ser ele piscoso e abundante em mariscos cuja pesca ou apanho quase constituem o labor exclusivo dos habitantes ribeirinhos. Sua água é salobra e pesada, e o rio é navegável por pequenos canoas até o Mundé da Onça. Tem importância sob o ponto de vista histórico, havendo sido em tempos coloniais assentadas em seu domínio propriedades açucareiras. É susceptível de desobstrução, que o tonará para o futuro navegável em mais distância.

Mas a mais volumosa massa de águas do Município é a do Vaza-barris o qual justamente entre os municípios de São Cristóvão e de Itaporanga é que se derrama em sua inteira majestade. Sobretudo pela margem esquerda intumesce-se de tributários de grande volume posto que de pequeno curso. Bastante largo e fundo forma pouco abaixo do povoado Pedreira formoso ancoradouro. Conhecido desde os primeiros tempos da Capitania cedo foram suas margens ornadas de estancias aprazíveis.

Descrevamos os rios de São Cristóvão que nele fenecem. Em primeiro lugar o *Paramopama*, pequeno e belo, merece menção especial por ser o que a banha a colina de seu nome.

Nasce numa gruta formada no *Outeiro das Pedras*, no pequeno vale a que dão nome de *Cabeceira da Prata*, junto

ao vale chamado Pintos. Fertiliza uma região de aprazíveis colinas onde destaca-se entre outras as de *São Gonçalo* e *Papavento*. A última, segundo lembranças correntes, foi apelidada pelo imperador d. Pedro II *Colina de 24 de Outubro*.

Até perto de suas cabeceiras recebe o Paramopama a influência das marés e suas águas são salgadas em toda a extensão inferior de sua corrente. Do lado ocidental da cidade estende-se por mais de meia légua uma formosa várzea, provavelmente a *Mhapanema* dos índios, estrada fora de Itaporanga, orlada do lado do norte de elegantes colinas. Chegam até perto os espraiaamentos do Paramopama, que então parece revestir o aspecto de um estreito ou braço de mar em vez da feição humílima de um ribeiro, oferecendo por ocasião das marés e preamar o espetáculo de um lago rendilhado de margens. Na vasa lodosa dos mangues acumulam-se e crescem ostreiras e outros mariscos, sendo principalmente o caranguejo-uçá com o precioso bivalve pronta alimentação para a pobreza.

Há alguns anos passados seus ribeiros estavam ocultos sob um florido mato, que foi abatido para construir o Núcleo dos Pintos, e por isso tem melhorado consideravelmente o aspecto da corrente. O Paramopama, que pela margem direita só recebe o braço denominado *Bugio* onde vai lançar-se o riacho *Miranda* na parte onde sua corrente deixa de ser salgada é famoso pelo cristal de suas águas e banhos que oferece. Nenhum outro pequeno rio possui à margem esquerda maior número de afluentes notáveis por sua limpidez.

Pouco longe ainda de suas cabeceiras recebe o córrego *Maria Sinhá* ou *Riacho do Negro*, que deriva do lugar

*Pedra Mole*; o *Riacho da Prata*, que fertiliza a antiga fazenda de seu nome; e o *Cachorro*, também denominado *Usassú*, irriga sítios aprazíveis, atravessa a rua da Ponte e desagua pouco adiante da praça do Mercado.

O deságue do Paramopama é pouco abaixo do sítio denominado *Montes* e toma o nome de *barra da cidade*.

É bastante fundo aí, com fundo para vapores e navios de verga com pouco mais de 4 quilômetros de curso.<sup>3</sup>

O *São Gonçalo* ou *Un*, seu confluente, jorra das grutas das colinas juntos a de *São Gonçalo*, acima dos brejões conhecidos por atoleiros de *Maria Muniz*, bifurcando-se em *São Gonçalo* propriamente dito e *Roçado dos Homens*. É notável por causa de seus banhos e olhos de água, onde o poço conhecido por *Buraquinho* (*Banho Morno*), a que já nos referimos contém talvez a melhor água potável da cidade.<sup>4</sup>

A uns três quilômetros abaixo de *São Gonçalo* lança-se o *Riacho da Chica*, também chamado *Una* na língua dos indígenas, de pequeno curso, mas largo e fundo e coberto de mangues. O *Riacho dos Porcos*, tem pouca importância, quase seco nos refluxos.

O *Santa Maria* antigamente *Aguapetiba* (*Ipetiba*), é o mais importante dos afluentes do *Vaza-barris*, no Município.<sup>5</sup> Tem suas cabeceiras pouco longe de *Poxim* e depois de um curso de uns doze quilômetros por três bocas ou canais, um dos quais o *Caramindô* é temido dos pescadores pelo tamanho e ferocidade de seus peixes, despeja no *Vaza-barris*. O *Santa Maria* grandemente largo e caudaloso e suas águas de contínuo são agitadas pelos ventos reinantes.

Tem fundo para ser navegados por lanchas e pequenos barcos de vapor.

Recebe inúmeros braços ou afluentes, quase todos também salgados.

São seus tributários da margem direita o *Dendé*, antes o mais cumprido dos canais, o *Cipó*, o *Caieiro* ou *Caípe*, o *Caípe* propriamente dito, que vem dos brejos do lugar denominado *Gonçalo João* e antes de precipitar-se no Santa Maria recebe o riacho *Pituba*. Pela margem esquerda o Santa Maria recebe o *Zenza*, o *Maçaranduba*, o *Tamboril*, que formam três bocas de mínima importância.

Todos estes pequenos rios são bordados de paragens pitorescas, avultando em panoramas risinhos de perfis de outeiros descalvados ou frondosos como os do *Mal acabado*, quase convidando o homem a multiplicar suas tendas naqueles lugares.

Pertencentes ainda ao sistema do Vaza-barris infinidade de ribeiros irrigam o Município no lado ocidental.

Será fastidioso enumerá-los um por um em razão de sua nula importância, embora todos perenes.

Figuram, todavia, como principais o *Rio Comprido* (não haverá talvez nenhum mais curto do universo), o *Pitanguinha*, o *Itaperaguá*, etc.

\*

\* \*

Mas o Vaza-barris não favorece São Cristovão somente com sua massa enorme de águas e o seu plural de braços e tributários. Prodigaliza-lhe terras fertilíssimas, pelas quais tantas demandas nutriam nossas maiores e sendo hoje mansões de recreio e de refrigério poderão ser no futuro outros

tantos núcleos conforme a população se for condensando. Queremos falar de suas ilhas protegidas a sombra de coqueirais elegantes como sejam a *Ilha Pequena* (*Patiteba* dos naturais), a *Ilha Grande*, *Itaypu*, a *Ilha de Veiga*, a *Ilha de João Goes* e outras. Todas com suas margens bordadas de sítios de coqueiros oferecem paisagens deliciosas aspeção (sic).

As mais belas das praias são a do *Mosqueiro*, *Itaypu*, *Zenza*, *Ilhas Grande e Pequena*, *Duro* e *Galego*, não querendo falar das idas linha da costa onde bate a pancada do mar, que estende-se da barra do Vaza-barris ao povoado Atalaia Barroso, na foz do Sergipe.

Uma das grandezas do Vaza-barris e seus tributários é a exuberância e majestade de sua vegetação marinha. O dr. Lange em uma monografia publicada na Alemanha sobre duas províncias do sul do Império (ni faltor, 1880 a 1881), Santa Catarina e Rio Grande do Sul, deu em vivida estampa, como documento de grandeza da vegetação marinha, emaranhado tronco de mangue cujas raízes alongavam-se múltiplas e curvas com arqueamentos admiráveis.

Não tem sido o Vaza-barris visitado por sábios nacionais ou estrangeiros em seu estuário. Verificariam com pasmo ele seculares e impenetráveis florestais dos mangues nas voltas e em todas as margens dos rios que vão nela misturar suas águas; florestas densas, espessas, fechadas, de raízes agigantadas, que causam assombro, escapam no poder da imaginação seus caprichosos entrançamentos e sinuosidades. Dir-se-á que a luz do dia não pode rasgá-las e sem orientação o homem atônito perder-se-ia em seu seio.

Nem somente a variedade assombrosa de suas raízes irregulares, que se fincam na vasa ou de miríadas de re-

bento novos, que espontam a lama. Esteios altos de 60 a 80 palmos invadem os ares, muitas vezes linheiros e de grande diâmetro, fortes, consistentes, duradouros, tantas vezes utilizados nos edifícios.

Tais florestas estupendas ressoam constantemente num coro de vozes alegres, vibrantes e aturdidoras. Os gritos das gaivotas e dos maçaricos que mariscam durante o refluxo nas croas do rio, as garças alvas de pescoço alongado, que se abrigam nos esgalhamentos, figuram vistas ao longe estrelinhas brancas em um firmamento viridente.

O vento sul que geme entre os obstáculos daquela folhagem acorda curiosidade e desfere harmonia que afetam melancolicamente o ouvido humano. Terrível alarido, muitas vezes estridente como o estrepito de algumas pancadas estalantes da trovoadas, fere ondulações naqueles ares.

São bandos inumeráveis de periquitos e papagaios selvagens. Mas isso ensurdece e, conforme desafia o humor, faz riso desatar-se e desta arte caem umas notas cômicas sobre as maravilhas daquela perspectiva.

Vê-se, pois, que uma massa de águas tão portentosa onde os ventos do inverno e do verão algumas vezes giram soltos e impetuosos e algumas vezes tornam perigosas para os canoeiros e pescadores as voltas ou passagens do *Caramadó* e *Ponta Grossa*, uma caudal tem arrasadora e forte ininterruptamente rola suficiente lodo para alimentar bilhões de peixes, e nós sabemos que desde longas eras o Vaza-barris e seu sistema de tributários são abundantemente piscosos.

Além do precioso bivalve, as ostras que formam incrustações na lama e nas raízes dos mangues, e além da

infinidade de caranguejos uçá, mexilhões, lagostas, siris e camarões, que continuamente marisca em suas margens e espriamentos, abunda nas croas o *maçuny*, espécie de sernamby miúda, que também é um recurso da pobreza em tempos calamitosos.

Para dar uma ideia das estupendas florestas de Vaza-barris, diremos que, batendo o machado da indústria e do interesse diariamente, continuamente, não as destruirá talvez dentro em sessenta anos. Mas afinal ocorrendo uma causa determinante extinguir se há. Ficarão miseráveis como os mangues de Sergipe e do Cotinguiba. O mangue também é sujeito à lei fatal do aniquilamento. Por tal razão, que reputamos poderá, repelimos a ideia de canalização do Santa Maria. Em projeto idoso cuja prática ou validação já foi empreendida em tempos passados chegando-se a cavar infrutífero valado ainda existente. O Santa Maria, para assim dizer, corre paralelamente ao Oceano de que não dista muito. Em que poderá ser útil a São Cristóvão a escavação do canal?

Ao comércio não; porquanto outras e melhores vias de transporte de mercadorias poderão ser assentadas. Ao fácil trânsito de excursionistas e viajantes também; pois sejam quais forem as vantagens prováveis de uma viagem pelo canal de Aracaju a São Cristóvão, ou à Itaporanga, não toleram o confronto com as distancias de um passeio por terra, mais divertido e menos monótono. Em tempo ainda favorecerá os moradores e proprietários das duas povoações, atendendo-se o estuário do Vaza-barris dão os mesmos navios de vela em que ancoram em águas do porto São Cristóvão prescindindo semelhante melhoramento, que será mais do que um presente.

Apraz seu instinto destruidor do homem com ataviar-se de pretextos utilitários e progressistas. Sendo também da natureza humana o deixar-se embalar com promessas, tanto assim que elas são arma poderosa e eficaz dos usurpadores e tiranos, não será estranhável que um tal projeto encontre apoio e gasalhado no maior número de cabeças. De nossa parte protestaremos correndo mesmo o descontentamento e dissabores de nossa voz perder-se além sem eco, ou de ser tal rasgo de patriotismo interpretado como expressão de conservantismo piegas. Praticada a escavação, somente uma cousa tornar-se-á efetiva – o desnudamento do Vaza-barris. Já carecem de combustível as fábricas e usinas da capital e da Cotinguiba.

Os mangues do Sergipe e do Cotinguiba já são ralos e falhos. A lenha escasseia nas matas do interior e seu transporte é penoso e retardado. Só o Vaza-barris pode abastecer e nutrir as caldeiras e fornalhas da Cotinguiba. Mas a indústria, como outras artes da civilização, alimenta-se de destruições para acentuar seus progressos. Ora as exigências da lavoura ou do comércio requerem a multiplicação de aparelhos e maquinismos de vapor, o que sem dúvida se realizará mais hoje ou mais amanhã. E que não no estuário do Vaza-barris onde outra isca se encontrará mais à vista? A exequibilidade de tal futuro esconde sombras de morte para o município, mesmo para o de Itaporanga. Oxalá nossos filhos tenham de chorar o arrasamento e devastação das florestas terrenas que cobrem o rio e suas dependências!

Em conclusão, o Município de São Cristóvão é um país ricamente dotado no ponto de vista hidrográfico.

Recapitulando, acrescentaremos o riacho do *Pahu* ou *Paul*, lodoso e sujo. Quanto ao Rio Comprido é célebre por ficar em suas vizinhanças a ruína da igreja de *Nossa Senhora do Desterro* edificada em sítio onde florescem mangueiras seculares que a crença popular tem como plantadas pelos padres da Companhia de Jesus que primeiro vieram para São Cristóvão. O município não tem um rio real propriamente seu. O Pitanga é seu único rio de curso mais extenso, o Santa Maria é seu maior rio em volume e massa de águas.

O Paramopama, de pequeno curso como vimos, mas formando enormes alagados muitos dos quais têm sido aproveitados em produtivas salinas, poderá ser com despendo escavado até o porto da cidade, a fim de oferecer fundo a barcaças e a lanchas de vapor. Pequeno como é, todavia, é o rio por excelência do Município.

Participa das desditas da cidade, reveste a poesia de sua decadência e figura como o Simois ou o Scamandro na Ilion sergipana.

## NOTAS

- 1 Tratamos de “Poço Azul” em nosso trabalho “Sergipenses”, para onde enviamos o leitor.  
Há uma cratera no engenho Cumbe na colina ou morouço onde está edificada a casa morada. Encontra-se no fundo da mesma uma lagoa de poucos palmos de profundidade e, segundo dizem, muito cascalho de ferro. No engenho Cumbe existe também um riacho chamado “Rio Vermelho” em razão talvez da cor de suas águas.
- 2 Vid. “Sergipenses”, - O Manhir da Jabotiana.
- 3 Na memória do dr. Theodoro Sampaio a composição deste nome é - “Pará-mo-pama”, que quer dizer mar que faz agitar, mar agitado, ou mar que joga. Mas o Paramopama não é um rio agitado, ou que faça agitar alguma coisa. É sempre manso e tranquilo e se não for por causa das marés ele jamais transborda de seu

leito. Outra etimologia que não satisfaz a esta - aparsua - água rasa, querendo designar pouca importância da sua filial.

- 4 É um olho de água, vívido, perene  
Que se estira e retorçe entre arvoredos  
Fronzidos e seculares,  
Como cobra incolor de visos ledos.

Ele, sem falar nas dependências,  
É na palma da mão;  
E tem a mesma igual profundidade  
De exíguo canjirão  
Ou xicara de café.

Mas um córrego lindo vai formando,  
Que em sinuosos giros só esprigonná  
Em líquidas sonolências.  
O ribeirinho é

Já quieto e sereno, ou murmurando;  
Já rugado da brisa encontradiça -  
Encantada, torrente em que as ladas  
E das selvas as mil deusas aladas  
Costumam navegar com velas pandas  
Em céleres barquinhos matizados  
A busca das remetes longas bandas  
Dos mais queridos sonhos azulados,  
Tanto assim que as belas companheiras  
Das coisas deves  
- as aves e as coisas virginais -  
Pelas suas rasgadas ribanceiras,  
Quando doura a manhã os arrebóis;  
Quando o astro envia seus adeuses;  
Ou quando, sol em pino, o meio-dia  
Convida a descansar homens e deuses;  
Oh! Sim, essas assíduas vizinhas  
- as flores, as avezinhas -  
Vão fazendo no ar evoluções  
De se este duleisons, harmonia:  
Aqueles com perfumes erradios  
A estranhas lépidas fragâncias;  
As outras com mel flui canções.  
Pelos troncos das arvores antigas  
Em lubre desvarios  
E sensuais inesgotáveis anciãs  
Laçam-se  
E parasitas que habilmente enfolhas,  
Genial natureza! Verdes folhas,  
Das solidões estéticas em gás,

Dormem regiões fantásticas em sombras,  
As recordadas mágoas soberanas  
Bordam ricas lembranças.  
Ao lado do primor dos quentes ninhos  
Acomodam-se escondidos bichinhos  
Aí vives, abelha, que não cansas  
Aí vivem besouros bicudos,  
Multidões de insetos variegados  
Mimosas borboletas – esperanças...  
(Cristofaneida)

- 5 O Santa Maria é atualmente designado como rio, na acepção geográfica do vocábulo; e como tal o encaramos. Sua origem ou nascente é pouco menos do que sua foz na mais larga das bocas. Nos antigos documentos ele é apenas chamado um esteiro do Vaza-barris. Considerando que tal palavras é tradução do latino vocábulo “oes uarium”, composto de “estus” na desinência “irius”, que indica prolongamento, repetição, isto é, braço de mar criado, mantido pela maré (Vide F. B. Evarist Le ni, Gramática da Língua Portuguesa), ver-se-á que não erraram os colonizadores assim o qualificando.

# Do pomper do seculo XX

(O Municipio de S. Christovam)

## CAPITULO I

VISTAS SOBRE A HISTORIA DA CIDADE

(Continuação)

Não está fora de termo arrastar de esquecimento os nomes de alguns dos primeiros moradores da cidade no dia que fecharemos em 1813, tem como Francisco Meirelles, capiteiro, Mattiar Alves, Affonso Pereira Malacorn, Simão Dias, o man-laco, Domingos Rodrigues, alfaiate, Antonio Lopes, serralheiro, Gaspar de Merêas (nome que se conserva no arrabalde Merem), Manuel Novaes de Bampalo, Gaspar Bartello, Domitio dos Dionysia Moça, Pero Baobcher, Simão de Andrade, Martin Lopez, João dias, Antonio Barreiros, João Francisco, Gaspar de Amorim, João Garrez, que tambem foi proprietario de uma liguia de terra ao longo do varilhado da banda do sul defronte de Repetuga e valha tapera que tem a arvore redonda metida para lla. Thomé Fernandes, proprietario da Pinha (Riba Pequena) em frente a Tabaré (Pedreiras), Domingos Fernandes Sobre, sua filha Joana Nobre, Pero Novaes de Bampalo e muitos outros.

Os governadores dos quaes se nome ramos como successores de Christo van de Barros, Thomé da Rocha, Coimo Barbosa, Diogo de Quadros, Manoel de Miranda Barbosa, Nicolau do Pinheiro de Carvalho, Nicolau Fallain de Vasconcellos, e outros.

Pero Barboza, João Malo, e leuar, dataram seus nomes a cidade de Bergipe ou S. Christovam, capitania de Bergipe, ou a cidade de S. Christovam, de Bergipe. De -ca se vê os nomes de uns e de outros, e acompanhados a cidade, lutava por um local para a historia tem tateado. Com as cousas, os homens, estas se porra, e ainda mais revistados em seus costumes, e as doutrinas, como ha been lizes os povos desgraçados, etor Hugo que a infelicidad lombo e a de Gullotta, e a seguir o primeiro ligar nos nos descoberta, e a seguir ligar seu nome de de maior

O portão do rio Bergipe, de o deignativo proprio e príncipes de suas paragens, a gloria de directamente a pais que acabava de ser e a se organizando sob os olhos. Foi a cidadela que se arrebatou, e com a nos se, e o confuzio de p pouso, de monta em monte, tendel-o a final a toda a regi

O rio Bergipe continuou plácido e calmo, não logrou deconvir a abertura regê reira, que é uma arteria de Por uma ironia do destino a melhante gloria coube ao Co ses principal e maior affue ligado com seu nome a m dr. Tobias Barreto appo contemporaneo de Bergipe.

Fato entusiasmado dos afes que pediam chloes para as suas cause, é facil deprecher o progresso material da cid soffres interrupção, pelo m

## CAPÍTULO III

### O SOLO, A FLORA, A FAUNA, O CLIMA



Como a capital, que pela denominação de suas ruas forma uma espécie de mapa topográfico do Estado, o Município de São Cristóvão resume o território de Sergipe. Participa e compendia as três zonas em que a natureza dividiu o país. Temos, pois em resumo a praia, o *jap*(corroído) e o sertão. Este resumo se caracteriza pelo terciário e pelo cretáceo, abre-se em grotões profundos onde o tuá e a tabatinga ostentam caprichosas cores, formando às vezes enormes gargantas e desfiladeiros, tais como os escarpamentos do *Valle do Medo*, a ladeira aborrecida dos *Quatro Vinusa* ou *Umbaubá*.

Mesmo na colina da cidade são célebres as crivasses conhecidas por *Buraco da Rua dos Tombos* e *Barroco do Zé Aleixo*. Sua vegetação ordinária é de natureza agreste, ponderando os *uriycurys* e *palim* congêneres, cajueiro bravo, *simbaibas*. Compõe-se este terreno de uma grande zona que se intromete no que poderemos chamar a *região das*

*matas*, alargando-se na direção de noroeste e dos terrenos de massapê.

Em regra, diz o dr. Branner, os solos areiários são muito estéreis devido sua sua esterilidade natural e diretamente ao caráter do solo e em parte a sua tendencia para limpar-se e dada incapacidade para receber e conservar humidade suficiente para suportar a vegetação. Tipos desta topografia ocorrem entre maruim e São Cristóvão.<sup>1</sup>

É mais acidentado do que a praia e menos montanhoso do que a segunda faixa. Forma borboleiros lindíssimos, estirados, ornados em grande parte de mangabeiras e mirieys; e proque em regra são impermeáveis por eles correm as águas mais deliciosas.

É o menos povoado. Mas, por isso que também é montanhoso, suas baixadas, seus vales, que frequentemente ocorrem, são muito férteis e oferecem pastagens para o gado, máxime para o lanígero. Entretanto, aí cresce espontânea e abundante a erva de rato venenosa e letífera para o gado vacum, quando ainda não habituado a ela. Em regra, as colinas dos tabuleiros cobrem-se de um cascalho miúdo formado de seixozinhos colíticos, não sendo difícil encontrar-se pedrinhas facetadas e transparentes.

A cultura mais fácil neste tipo de terreno é a da mandioca e dos cereais, que é exercida aproveitando-se quando possível os lugares frescos. Contudo, quando o campônio definitivamente resolve aí estabelecer-se, veem-se pequenos sítios de árvores frondosas e frutíferas entre as quais balança-se a formosa paradisíaca e roçam os ares com seus cocares de palmas langues alguns pés de coqueiros.

Assenta a cidade de São Cristóvão no planalto de uma dessas colinas entre muitas que debruam seus horizontes, como outras tantas muralhas embalsamadas pelos cheiros da almecega e aromas do alecrim silvestre, dos candeais e de diversidade de folhas perfumosas. Em suas baixadas, porém, em suas várzeas e arredores cheios de lentiscos, em suas encostas ostentam mil tons de verdura, sítios elegantes e vistosos onde preponderam bananeiras e coqueiros, máxime, para as bandas de Itaporanga onde na estrada, de uma e outra margem, até a ladeira do *Castigo*, junto a *Itaperagoá*, eles são tantos que quase foram uma extensa rua. A grande *várzea do Rio Comprido* é rica de posezinhas de onde auferem os subsídios para a existência os indolentes moradores.

De envolta com parasitas momisas e esquisitas que as lianas enredam, entrançam-se diferentes tipos de passifloras desde o conhecido por marcacujassú até o maracajamirim, vulgarmente chamado *perruxe*. O araçá, não cultivado como a goiabeira, cresce espontâneo como a baunilha nos candeais de Itabaiana.

É árvore esgalhadora, de gomos tortuosos e fortes, que algumas vezes eleva-se em desmesura. Há, porém, uma variedade de *araçá-piraça*, que engrossa e dilata o diâmetro, rígido, forte, muitas vezes linheiro, e é utilizado nas edificações para linhas frechais das casas.

Não obstante ser essa região ser essa região a menos povoada, e o tipo de sua vegetação aquele mesmo que denuncia a esterilidade, como afirma o dr. Branner, contudo, por ser ela ondulada e irregular, cheia de elevações e de planuras, compensa com a fertilidade de seus vales e

encostas a aridez de seus elmos. Em São Cristóvão não há terras safaras e estéreis, no rigor da expressão; há, porém, terras que ficam perdidas e foram esterilizadas pela ignorância e estupidez do homem.

A região das matas, já hoje muito batida e cheia de claros, estende-se até o Patrimônio indo terminar no extremo limite do Município em terras contíguas ao engenho Belém. Para o lado do sul domina toda a área das Pintangas e transpondo o rio do mesmo nome vai terminar em terrenos do Tinharé onde também fornece a zona de vegetação marinha. Exibe dois caracteres bem assinalados: de um lado, por todo o curso do Poxim preponderam as caranguejeiras, massapês e outras terras próprias para o cultivo da cana. É quase exclusiva a zona dos latifúndios.

De outro lado, principalmente nos vales do Pitanga, o solo desvantaja-se em sua natureza. Podemos, pois, distingui-la em cana das propriedades açucareiras onde ficam os Engenhos Roma, Escurial, Quindongá, Itaperagoá, Mosquito, Rio Comprido, os de Cumbe de Cima, Cumbe de Baixo, a *tabua de Cima* e a *Tabua de Baixo*, Poxim e M. Nova, e em zona da *pequena propriedade* ou das modernas grandes solcas para criação de gado, onde derrama-se um sem-número de pequenos sítios demarcados<sup>2</sup> e maior número ainda de terra de éreo. Aqueles são copiosos nas Pitangas, Pedrinhas e cercanias do Patrimônio.

Tenha sempre o leitor presente que tratamos do Município de São Cristóvão, destacado do Estado que habitamos. Suas coisas são ao mesmo tempo correspondentes e proporcionais, e todavia muito possui de exuberante e admirável. Sua flora é rica e gigantanda como as celebradas

*matas do Itabaianassú*, tendo demais a vantagem de ainda hoje ser mais densa e compacta.

Conquanto a febre das derrubadas e roçagens tenha danificado consideráveis trechos o amago ou núcleo das florestas do Município permanece intacto. São ainda faladas as *matas do Poxim, Tinharé, Perua, caieiro, Vale do Medo* e outras. A Escola São José da Tebaida acha-se no lote outrora denominado *matas do Barbosa*. A madeirama é das melhores e presta-se ao diversos misteres das artes profissionais e da indústria. Nomearemos a peroba, maçaranduba, camaçary, angá porca ou *louro cristovense* (Balthazar Góes), coração de negro, sicupira, paraíba, Muricy, sapucaia, sapuqueirana, beriba, mirinduba, cundurú, pau d'arco, pau ferro, louro, pequiá, jequitibá, igitaí, grana, batinga, arapiraca, putumujú e quantidade de árvores próprias para enchimentação e encaibração de casas. São Cristóvão não parece importar madeira de outra parte, corta-se de seu próprio terreno. Das mais usadas para moirões de sebes e para cercas mencionaremos a candeia, camboatá, mororó. Há variedade estupenda de cipós e lianas, desde o pururuca e o cipó grosso e esbranquiçado, de forma achatada, também conhecido como *costela de vaca*, muito procurado pela sua dureza e consistência, até a mimosa timburana de que fazem cestinhas e balaios, e a titara também utilizada para idênticos artefatos da indústria popular.

Nas florestas de São Cristóvão o sol largamente penetra, mas ao caminheiro não falha a sombra amiga para abrigá-lo dos calores do estio. Uma de suas ostentações mais luxuosas é a florescência. Enorme é a variedade de tiposa antozoários, delicados, macios, mimosos e perfeitos,

muitos de perfumes e pétalos suavíssimos, que bem podem figurar com vantagem em cuidados jardins da opulência.

Outra peculiaridade das matas é a vegetação rasteira representada por indivíduos que se alastram pelas montas formando tejadilhos, estendendo-se e enleando-se nos troncos e ramos sem todavia tomarem o caráter de parasitas, ou pelos gravatás e tiriricas, manimbús e touceiras idênticas. A tiririca de folhas compridas como a boca do peixe-agulha microscopicamente dentadas, corta como lâmina afiada, abrindo fundos talhos na epiderme. Não devem ser omitidos os tetos ou cobertas arredondadas do vulgaríssimo *Melão de São Caetano*, com seus frutos coniformes preferidos pelos sanhanaços, sabiás e outras aves. As plantas medicinais abundam por toda parte, como ipecacuanha, junça, japecanga, jurubeba, fedegos, alcaçuz, araruta, quina, jalapa, murta, azedinha, sambacaitá, pega-pinto, louco, marianinha, astemísia, cipó de alho, mata-pasto, flor de janeiro, cidreira, mastruço, alfavaca, camará.

Existem também as plantas nocivas e venenosas. Pendem dos galhos das grandes árvores frocos de formas irregulares e caprichosas, que a Viração agita e embala, vegetação aérea, de cor terrosa vulgarmente chamada *barbas de sambabaia*. O arbusto conhecido por *folha de camarão* é de bela elegância, sempre verde, mesmo na intensidade do adusto verão.

Produz um fruto semelhante a azeitona.<sup>3</sup>

E tanto esplendor, podemos dizer ainda, não tem obumbramentos acaso projetados por alguma balda da fauna, pelo menos com relação a muitas espécies e famílias.

Não existem, é verdade, os tipos de ferocidade animal

que são próprios do Brasil, o que, se porventura é um desencanto, permanece, todavia, como uma felicidade.

Entretanto, não raras vezes atravessa a estrada a corça bravia e as florestas ressoam com variados cantos. Pode se viajar sem receio de um ataque inesperado, pois das feras os únicos representantes são o gato do mato ou maracujá e as diversas espécie de dicotiles; e esses mesmos são facilmente apanhados pelos caçadores. Nos rios doces, onde firmam seu aposento as pacas e as capivaras, habita o jacaré feroz e hediondo. Os caetetús que, são os porcos do mato mais amigos das plantações de mandioca, existem às manadas, como também as preguiças, tamanduás, veados, cotis, tatús, coelhos, lebres, saguis, macacos, raposas. Inúmeros são os repteis. A jiboia (*boa constrictor*) arrasta-se por toda parte, mas a cobra mais venenosa é a jaracuçu. A cascavel é menos abundante.

Não obstante as derrubadas das matas e roçagens, a despeito das caçadas e dos passarinhos e não obstante o predomínio de aves de rapina, a floresta cristovense é uma harmonia perene.

O departamento ornitológico não é pobre de viventes. Dentre os cantores são notáveis, o canário, sanhaçu, a pega, o cochicho (o *gaturamo* do sul e *taujurama* dos nossos camponios), viuvinhos, patativas, guriatãs, o cardeal ou cabeça vermelha, o pituari. Dizem que os melhores xexeos são os de Jabotiana. A Ilha da Veiga cria excelentes sofrés (curupiões) e os curiós do Caipe são afamados. As lagoas e o pântanos são viveiros de aves aquáticas como jaçanãs, marrecas, sabacus. Rolas de de toda casta ciscam nos trívios e veredas como sejam as rolas pardas, a rola pedrez (vulgo *fogo-apagou*), juritis,

nambús, inhapupés, perdizes, zabelês, pucassús, pararis. As araquans, que não propinam chegada aos caçadores, puxam ninhadas nos matos e brejais onde são abundantes os juncos de toda espécie. As grandes aves dos bosques – araponga, carão, cancan, eracarás, pica-pau, os gaviões que têm por pequenos ousados inimigos os bemtevis, aparecem em roda parte, e nos carrascos e tabuleiros a açanã, as seriemas, etc. Os colibris são numerosos.

Muitas abelhas fazem suas colmeias nas grandes árvores, e o gênero melissa com suas variedades não se faz lembrado pela ausência ou pela esterilidade.

Possuindo o município todas as espécies de abelhas que habitam as matas e catingas do Estado, mencionaremos como mais procuradas a urucu, arapuá, jataí, mundaçaia, exu e não menos prodigiosa variedade de maribondos.

São frequentes os formigueiros, os térmites ou cupis abrigam-se nas árvores ou formam pirâmides cônicas pelos tabuleiros.

A praia é a faixa mais estreita, mas também muito comprida. E por praia entende-se no município não só os terrenos à beira do oceano orlados pela costa brava, como também as margens salgadas do Vaza-barris e de seus rios.

É a parte menos fecunda em bosques, mas é igualmente fértil. A palavra indígena Aracaju,<sup>4</sup> que designa a capital do Estado, quer dizer *terra dos cajueiros*. Reconhecendo a razão deste designativo para a capital bem pode ser ele extensivo a todas as praias de São Cristóvão onde prepondera o cajueiro (anacardio), já cultivado, já bravio e selvagem, de cujo tronco mal se pratica ligeira incisão goteja a resina agradável ao paladar.

É uma sorte de estalactite vegetal que reveste iguais formas bizarras e caprichosas como as das estalactites das cavernas.

Usa-se para substituir a goma arábica. As vezes toma proporções e tamanho extraordinário.

Vimos uma dessas concreções da seiva do cajueiro cujo comprimento excedia de metro e meio.

O cajueiro é a vegetação característica das praias onde nenhuma outra árvore inculta de fruto apreciável será encontrada. O aderno, o cruiri, são as árvores mais altas, depois do cajueiro, o que não importa dizer que há inteira ausência de indivíduos da região das matas, pois que existem bosques verdejantes onde misturam-se os patis e uricuriobas formando como ilhas de verdura ou oásis esparsos nas dunas e areais.

Dentre os arbustos muitos produzem frutos que vêm ao mercado, alguns dos quais como o gragerú, manipuçá, bacupari, quaresma, marmelo, cambucá, camburi, são muitos procurados. O arbusto vulgarmente chamado Marques Pereira produz uma flor de cheiro rescendente e dá um pequeno fruto semelhante a pimenta em sua forma, sorte de cozimento indispensável ao caruru.

Mas o verdadeiro realce da praia é o coqueiral. É o coqueiro quase a exclusiva planta daquelas paragens,<sup>5</sup> a única que consolida a economia dos habitantes, que atravessa séculos, e se deixa à família como um legado.

Salta aos olhos o lucro que oferece um coqueiral, para que nos detenhamos em seu elogio. Mas os praianos não descuram-se de outras lavras.

A mandioca e o aipim (macaxeira), o melão, a melancia são por eles cultivadas.

Suas roças são cheias de plantas de legume, favas, maxixes, repolhos, cebolas, alho, quiabo, inhame, couve, abóbora, batatas. Dos melões os mais apetecidos são os que eles denominam *casca de carvalho*.

Um país assim ricamente dotado com intermitências notáveis do solo, da vegetação e com tão soberba expansão de águas, é em verdade uma terra feliz.

Só não há variedade em seu clima que somente tem uma nota – é saudável. Não há notícia de moléstias endêmicas que inspirem cuidados à higiene, a não ser que por tais consideramos os fenômenos nosológicos que o povo chama de *moléstias de fora* ou *do ar* (congestões) e alguns casos de lesão cardíaca. Os primeiros realmente são observados com alguma frequência em certo período do ano (de ordinário, julho, agosto e setembro). A intuição popular explica o fenômeno pela pancada de certas correntes do ar, que se embaraçam nas colinas circundantes.

Dão-se casos de sarampo, disenteria, febres intermitentes e impaludismo, e todavia não devem ser consideradas moléstias reinantes. Em 1855 o cólera-morbo invadiu a cidade, ceifou algumas vidas, mas não devastou ou causou estragos como em outras partes. Aparecem a influenza em 1899 e também não grassou com intensidade

## NOTAS

- 1 Vide J. Branner, “A Geologia cretácea terciária da Bacia do Brasil: Sergipe e Alagoas”. Tradução de Marcia Muniz, publicada e dirigida pelo dr. Laudelino Freire, Aracaju, 1899.
- 2 Em 1901 estavam lançadas nos livros da Intendência 204 sítios. Mas o número real é consideravelmente superior.

- 3 É a nossa folha patriótica, a única empregada na ornamentação das ruas nas ocasiões festivas.
- 4 “Ar” em composição também significa “muito” ou então “fruto, grano de fruta nascida” (Montoya) e “acaju (acayu)” árvore e fruto do cajueiro (*Anacardium Occidentale*). O híbrido “ara” (altar) “caju” exprimerá quando muito uma lenda pouco provável. O Dr. Theodoro Sampaio dá à palavra a seguinte etimologia: “aracayu”, cresce ou nasce o cajueiro; apanhar ou colher caju; corresponde Aracayú, caju do tempo, ou da estação; e rr: “ara-acayu”, cajueiro do papagaio.  
A nosso ver, porém não há necessidade de buscar combustões de palavra para achar o sentido ou significado do nome da capital de Sergipe. A só palavra indígena “acayu” tudo exprimira se quisermos ver na segunda sílaba “ra” um elemento enfônico destruidor do hiato “aacayu”.
- 5 Em 1900 estavam lançados na Intendência 26.846 pés de coqueiros. Mas de fato a massa do coqueiral não faz parte desse número, nem a multidão de coqueiros novos. Compreenda-se que na contagem dos coqueiros as condescendências dos influentes locais muito têm favorecido os proprietários. Só quem não conhece as praias aceitará um número tão mesquinho. Nós porém, calculamos de barra a barra, do Vaza-barris ao Sergipe, uns 500 mil pés de coqueiros e daí para mais.

# Do pomper do seculo XX

(O Municipio de S. Christovam)

## CAPITULO I

VISTAS SOBRE A HISTORIA DA CIDADE

(Continuação)

Não está fora de termo arrastar de esquecimento os nomes de alguns dos primeiros moradores da cidade no dia que fecharemos em 1813, tem como Francisco Meirelles, capiteiro, Mattiar Alves, Affonso Pereira Malacorn, Simão Dias, o man-laco, Domingos Rodrigues, alfaiate, Antonio Lopes, serralheiro, Gaspar de Meiras (nome que se conserva no arrabalde Merem), Manuel Novaes de Bampalo, Gaspar Bartello, Domitio dos Dionysia Moça, Pero Baobcher, Simão de Andrade, Martin Lopes, João dias, Antonio Barreiros, João Francisco, Gaspar de Amorim, João Garrez, que tambem foi proprietario de duas ligas de terra ao longo do varilhete da banda do sul defronte de Repetuga e valha tapera que tem a arvore redonda metida para lla. Thomé Fernandes, proprietario da Pinda (Riba Pequena) em frente a Tabaré (Pedreiras), Domingos Fernandes Sobre, sua filha Joana Nobre, Pero Novaes de Bampalo e muitos outros.

Os governadores dos quaes se nome ramos como successores de Christo vam de Barros, Thomé da Rocha, Coimo Barbosa, Diogo de Quadros, Manoel de Miranda Barbosa, Antonio Pinheiro de Carvalho, Nicoloa Fallain de Vasconcellos, e outros.

Pero Barboza, João Malo, e leuar, dataram seus nomes a cidade de Bergipe ou S. Christovam, capitania de Bergipe, ou a cidade de S. Christovam, de Bergipe. De -ca se vê os nomes de uns e de outros, e acompanhados a cidade, lutava por um local para a historia tem tateado. Com as cousas, os homens, estas se porra, e a vida com revoluções em sua historia. em condições, como ha been lizes os povos desgraçados. etor Hugo que a infelicidad lombo e a de Gullotta. Se seguir o primeiro ligar nos nos descoberta, e se seguir ligar seu nome de de maior

O portão do rio Bergipe, de o deignativo proprio e príncipes de suas paragens, a gloria de directamente a pais que se abria de se tro e la ser organizado sob os olhos. Foi a cidadela que se arrebatou, e com a nos se, e o confuzio de p pouco, de monta em monte, tendel-o a final a toda a regi

O rio Bergipe continuou plácido e calmo, não logrou deomincar a abertura regê reira, que é uma arteria de Por uma ironia do destino a melhante gloria coube ao Co ses principal e maior affue ligado com seu nome a m dr. Tolmas Barretto appo contemporaneo de Bergipe.

Fois calharamos dos afes que pediam chloes para as suas canas, é facil depararem o progresso material da cid soffres interrupção, pelo m

## CAPÍTULO IV

### O HOMEM



A população do Município pode ser estimada aproximadamente em 18.000 habitantes. Compõe-se de mestiços, mas os crioulos são em pequeno número e os brancos (descendentes diretos dos portugueses) existem quase na razão de 1 para 100. Dos dois últimos portugueses ali domiciliados um faleceu em 1893, e o outro mudou-se em 1894. Poucos estrangeiros estabeleceram residência na cidade, somente alguns italianos foram um pequeno grupo.

Divide-se a população em duas classes bem caracterizadas ou distintas: a população aglomerada, que vive na cidade e transborda nos povoados e lugarejos, e a população rural, numerosa e prolífera, que tem um tanto de nômade, derramada pelos campos.

Esta, pelo destino ou condição de seu viver, é refratária ou rebelde a qualquer notação censitária. Também os ressentimentos procedidos não têm acusado resultado notável.<sup>1</sup>

Com exceção de muitos moradores de São Cristóvão, que abraçam a profissão da pesca, a população do Município é agrícola. Mas a agricultura naturalmente divide-se em grande e pequena, representada a primeira pela cultura da cana, localizada nas zonas do Poxim e Vaza-barris. A pequena lavoura caracteriza-se pelo plantio da mandioca e cereais. É exercida por toda parte no Município, mas experimenta-se, posto que por tímidos ensaios, outras diferentes culturas.

Lavra-se o fumo, o arroz, a mamona; ensaou-se a maniçoba, e em muitos sítios sob copudas mangueiras florescem nutridos cafezais, que oferecem gorda colheita.

Além da batata doce o Município favorece a cultura do tubérculo de Parmentier. A farinha de mandioca é de excelente qualidade.

Interrogar-se-á talvez porque socorrido por tais condições o Município não tem aparências de uma terra farta, sendo a pobreza, senão a indigência, o normal de suas condições econômicas. Realmente, será inexplicável o contraste, se não se atender para a índole do povo essencialmente inerte e inativo. Em certo sentido as próprias vantagens naturais do Município são propulsoras de sua decadência. A terra, que é fértil e fecunda, é facilmente arável; brota a semente sem custo, sem exigência de chuvas fortes, e em pouco tempo a seara madurescida convida à colheita.

Quantidade humos, o entulho arrastado pelas enxurradas apressa o vigor do crescimento, de maneira que o mais árduo trabalho do lavrador é a limpeza das plantações; que onde nasce a planta indispensável à subsistência humana cresce muitas vezes a erva daninha, entouceira-se o mato sinistro.

O lavrador de São Cristóvão depende pouco e trabalha ainda menos. Não é dono de um sítio que lhe dá para passar? Precisaré por ventura do rude afã do trabalho sem tréguas para o fim de ganha-lo e comê-lo? Sua terra é um país abençoado.

Se não mana leite e mel, como a Canaã prometida aos israelitas, assegura-lhe os dons de Ceres, quando rasgando o solo enterraram-se as raízes vigorosas, que pelo menos lhe garantem o sossego e tranquilidade da existência. Essa confiança no solo que pisa, que o nutre, de onde bebe a água pura e saborosa, torna-o satisfeito e regalada da vida, como quem herdou os pingues montões de uma herança, não obstante representativa dos esforços e decepções paternas. O tabaréu de São Cristóvão planta quanto lhe dê para passar o ano e vender gananciosamente caro nas feiras da cidade, de Itaporanga ou da capital. Isso porém porque pode satisfazer à baixa ambição, não produz a fartura, que encaminha para a riqueza.

Em regra, o tabaréu de São Cristóvão é pobre, e abaixo dele ficam os indigentes, constituídos pela multidão de ociosos, sem eira nem beira, que vão acrescentar a classe do parasitismo social. Como não há talvez terra sergipana em que sejam mais frequentes os casos de macrobia, não há também país onde o número de pedintes aborrecidos seja mais avultado.

São frequentes e repetidos os queixumes de furtos praticados nas roças, nas malhadas, nos poleiros, nos redís. O tipo criminológico, o *furão* ou ladrão de cavalos, misteriosos como a sombra, em qualquer parte imprime vestígios e deixa no meio do mundo o infeliz ferreiro a quem

roubara o cavalinho. A propriedade em muitas partes é como o cacho de bananas maduras que as aves beliscam, é uma isca de ordinário não muitas vezes escapa aos gavões do latrocínio.

Em suma, em São Cristóvão a pequena lavoura, de âmbito e proporções tão dilatadas, é, todavia, exígua e precária como afirmação do labor humano. Não raro produz a carência quando devera assegurar a fartura.

Que diremos da indústria?

Não são industriosos os cristovanos. A indústria requer uma força precípua ao espírito empreendedor, e nós já temos repetido que a população é por índole frouxa e indolente. De todo falta-lhe a iniciativa. Pouco lhe dá que fazer a vida, porque acostumada a esperar a hora de porto ou a ocasião em que as canoas voltam da pescaria fica satisfeita com a minguada compra do pescado.

E porque em grande número os habitantes são dados à pesca, ipso facto são hábeis remeiros e pilotos, aliás afazeres em que nem sempre consome-se grande parte do dia ou da noite. Basta notar que, em geral, a cidade acorda de 6 ½ para 7 horas da manhã. Sua indústria, a indústria popular, aborígine, autóctone, se é que existe, jaz ainda anorgana constando talvez de uma ou duas olarias (pois que até a cerâmica é rudimentar) onde cozem telhas, tijolos, potes, panelas. Esses e outros mais vasos de cozinha são ofício ou tarefa de pobres mulheres pechincheiras. Fazem redes e tarrafas de tucum, palmeira funifera abundante nos matos, cordas de embira, chapéus de palha, abanos, gamelas, colheres de pau, etc.

A única indústria que vai em bom caminho, como querendo organizar-se, é a extrativa.

Já se nota nos respectivos armazéns alqueires de sal acumulados.

Uma antiga postura municipal declara de criação quase todos os terrenos do Município desde as margens do Poxim ao oiteiro do Castigo, pouco além das Pedrinhas. Mas tal indústria marcha ainda atrasada constando apenas de fazendolas com poucas cabeças de gado bovino e alguns magotes de ovelhas. O gado suíno é indústria doméstica.

Por conseguinte, a exportação é insignificante. O açúcar do Município é depositado nos trapiches “Pedreiras” e “Várzea”, o segundo pertencente ao Município de Itaporanga. Depois do açúcar consta cocos a única exportação do Município, e de sal.

O azeite de mamona fabricado em diminuta escala é lá mesmo consumido. Os poucos negociantes estabelecidos compram na praça de Aracaju para revenderem à retalho. Compõem-se pois todos o comércio de três lojas de fazendas e outras tantas mercearias, algumas padarias e muitas bodegas ou tavernas.

Mas o comércio é sustentado pelo Município mesmo. A mascateação é um ramo de negócio para o qual muitos sentem-se atraídos, ao que se presta admiravelmente a topografia do Município acaso com felicidade distribuída, como veremos.

Compõem-se o Município de uma cidade – São Cristóvão,<sup>2</sup> povoados, arraiais, lugarejos ou sítios derramados por todos os campos. A cidade ocupa o centro entre todas as povoações. Os povoados em maior número assentam na região das matas e nas praias. Enumeremos os principais na seguinte ordem: *Jabotiana* ou *Mundé da Onça*, última

estação de descanso para almocreves, tropeiros e ferreiros que demandam a capital.

Fica à margem direita do Poxim. *Patrimônio* ou *Colônia*, já bastante desenvolvido, com uma cadeira do ensino misto e a segunda folha hebdomadária do Município, sito à margem esquerda do Poxim. Não é longe à margem direita do mesmo rio, fica o de nome *Chamego*, *Pedreiras*, à margem esquerda do Vaza-barris, com uma cadeira de ensino misto.

É o porto da cidade, *Pedrinhas*, grande e aprazível povoado procurado pelas famílias da capital por causa das suas águas. Tem uma cadeira de ensino misto. *Miranda*, *Rio Comprido*, *Pindoba*, encravado nas soltas do Itaperagoá. *Pintangas*.

Nas praias ficam os grandes povoados *Mosqueiro*, *Oiteiros*, *Robalo*, com uma escola do ensino misto, *Atalaia Barroso*, notável por sua vizinhança da capital e como praia balneária. Aí fica o farol da barra do Sergipe. Tem uma escola de ensino misto.

Seguem-se os arraiais e lugarejos cujos principais são: *Oco do Pau*, *Tijuco*, *Maurício*, *Caipe*, *Candeal*, *Vigia*, *Ilha Grande*, *Cardoso*, *Pedra*, *Vale do Medo*, *Água Azeda* ou *Aldeia*, *Aninguas*, *Bevira*, *Aguaxuma*, *Bacupari* e outros que não merecem ser mencionados.

Os mais belos arrabaldes ou subúrbios da cidade são *Boa Vista* entre as colinas *São Gonçalo* e *Papavento*, *Prata*, *Jardim*, *Merém* ou *Mirim*.

## NOTAS

- 1 A Sinopse do Recenseamento de 1900 dá para a população do Município o número de 11.095 habitantes. Note-se, porém, que o recenseamento foi deficiente. Os tais agentes ou encarregados da distribuição dos boletins censitários (falamos como testemunha) não foram além da redondeza da cidade num raio de doze quilômetros. A população dos lugares e arrabaldes mais distantes não foi arrolada.
- 2 A cidade de São Cristóvão dista da capital uns 23 quilômetros (linha reta) ou 45.000 passos de burro (estrada ordinária).

# Do pomper do seculo XX

(O Municipio de S. Christovam)

## CAPITULO I

VISTAS SOBRE A HISTORIA DA CIDADE

(Continuação)

Não está fora de termo arrastar de esquecimento os nomes de alguns dos primeiros moradores da cidade no dia que fecharemos em 1813, tem como Francisco Meirelles, capiteiro, Mattiar Alves, Affonso Pereira Malacorn, Simão Dias, o man-laco, Domingos Rodrigues, alfaiate, Antonio Lopes, serralleiro, Gaspar de Merêas (nome que se converteu ao arrabalde Merem), Manuel Novaes de Bampalo, Gaspar Bartello, Domitio dos Dionysia Moça, Pero Baoscher, Simão de Andrade, Martin Lopez, João dias, Antonio Barreiros, João Francisco, Gaspar de Amorim, João Garrez, que tambem foi proprietario de duas ligas de terra ao longo do varilhete da banda do sul defronte de Repetuga e valha tapera que tem a arvore redonda metida para lla. Thomé Fernandes, proprietario da Padua (Rha Pequena) em frente a Tabaré (Pedreiras), Domingos Fernandes Sobre, sua filha Joana Nohra, Pero Novaes de Bampalo e muitos outros.

Os governadores dos quaes se nome ramos como successores de Christo van de Barros, Thomé da Rocha, Coana Barbosa, Diogo de Quadros, Manoel de Miranda Barbosa, Nicolau do Pinheiro de Carvalho, Nicoloa Fallain de Vasconcellos, e outros.

Pero Barboza, João Malo, e leuar, dataram seus nomes a cidade de Bergipe ou S. Christovam capitania de Bergipe, ou a cidade de S. Christovam, e de Bergipe. De -ca se vê os nomes de uns e de outros e acompanhos a cidade, e lutava por um local para a historia tem tateado. Com as cousas, os brasones, estas se porra, e ainda mais revestidos em seus brasones, e as deidades, como ha been nos povos desgraçados, e etor Hugo que a infelicidad lombo e a de Gullotta, e seguir o primeiro ligar nos nos descoberta, e se seguir ligar seu nome de de maior

O portão do rio Bergipe, de o deignativo proprio e príncipes de suas paragens, a gloria de directamente a pais que acabava de ser e a se ser organizado sob os olhos. Foi a cidadela que se arrebatou, e com a nos se, e o confuzio de p pouso, de monta em monte, tendel-o a final a toda a regi

O rio Bergipe continuou plácido e calmo, não logrou deconvir a abertura regê reira, que é uma arteria de Por uma ironia do destino a melhante gloria coube ao Co ses principal e maior afflu tiacudo com seu nome a m dr. Tobias Barreto appo contemporaneo de Bergipe.

Fois calharamos dos afes que pediam chloes para as suas canas, é facil deprehen o progresso material da cid soffres interrupção, pelo m

## CAPÍTULO V

### O MEIO E O HOMEM



**C**onvidemos o leitor a lançar conosco olhadelas por toda extensão territorial do município.

Persius, no princípio da Sat. VI, fazendo o elogio de uma feliz situação exclama: “Habito presentemente as fronteiras da Ligúria e respiro um ar tépido e doce.

Passo a estação das tempestades, não longe dos mares de minha terra, nessa tranquila costa onde colinas formam vasto abrigo e a praia, recurvando-se, ostenta vasto contorno de vales” – Depois ainda exclama um verso dos Anais de Ennius: “Cidadãos, vinde ver o porto de Luna!”<sup>1</sup> Os grandes poetas da humanidade celebram as belezas do vale do Arno.

George Elliot descreve com piedoso entusiasmo a pequena cidade de Saint Ogg’s.

Nem esqueceremos os idílios dos sábios naturalistas, como Agassiz, com relação aos maravilhosos panoramas do Amazonas.

Este pequeno país da pátria sergipana, este pedacinho do mundo tão ignorado e tão desditoso tem belezas que encantam, que arrastam, que lançam na alma e na inteligência chispações de sedução.

Fora uma Grécia pequena, se pequenas penínsulas e golfos lhe recortassem a costa do mar.

É quase uma pequena Suíça por causa da aspereza abrupta de suas elevações e profuso sistema de suas montanhas.

Suas perspectivas aceleram as labaredas da imaginação.

Além se desenrolam seus quadros fulgurantes e belíssimos embutidos de toda a poesia do longínquo.

Já falamos do pequeno grupo de montes onde foram lançados os fundamentos da cidade quando demovida de suas trincheiras e paliçadas galicanas à margem direita do Sergipe.

Coloquemo-nos, pois, na atitude da aspectação inteligente e indiquemos algumas posições conhecidas em qualquer lugar dos três cimos seguintes: *Outeiro Pelado*, *Outeiro do Castigo* e *Alto da Pedreira*. Do primeiro, hoje estrada abandonada, descortina-se largo ambiente perfumado e azúleo, toda a área de habitações, sítios e vales enfeixados no designativo *Pitanga*, a orla azul nevada do Atlântico; e para o lado do norte a viridente extensão dos campos húmidos do Poxim perenemente refrescados pelos seus espraiaamentos e banhados; e muito longe, muito perdida nas distâncias, como um outro mar, a imponência nível azul celeste das serranias de Itabaiana.

Paremos agora no *Castigo*, estrada de Itaporanga.

Aí a vista é prenhe de pitoresca esquisitice do aspecto dos tabuleiros. O barro do solo vai se enrubescendo a

pouco e pouco buscando os tons da cor da brasa viva. Um bocadinho mais longe, o fechamento dos campos em mata densa, prolongando-se muito além em uberidade admirável intercortada apenas pelos pastos e soltas das fábricas do Vaza-barris. Como no Outeiro do Pelado de onde se avista pedaço da capital entre areias que alvejam e a Igreja do Socorro a surgir inatacável e sobranceira dentre as ruínas de sua vila, no Castigo, voltando-nos para as bandas do oriente, fere nos súbita pancada de vista de uma magia rara que infalivelmente acorda vozes de alegria na alma. Algumas torres finas e agudas como obeliscos rasgam os ares. Modesta casaria rebrilha na transparência da distância.

Desenha-se no horizonte uma povoação alegre e risosinha, um tanto fantástica como habitação de fadas, um tanto clássica e consolidada como uma antiga cidadela oriental. É a cidade de *Sergipe* ou *São Cristóvão*. Saudemo-la e com alguma demora penetrando em seu recinto, percorrendo suas ruas, busquemos a estrada do sul para afinal respirarmos e gozarmos um feliz quarto de hora no tope sombrio do planalto Tinharé ou Pedreiras.<sup>2</sup>

Que delicioso espetáculo!

Que estupendas e maravilhosas ilusões da vista!

O Vaza-barris com seu sistema de esteiros, braços e tributários. Deslisa plácido e vagaroso, espiralando como um réptil ciclópico, numa atitude graciosa e sem monotonia. Seus canais ora se escondem perdidos nos mangues, ora reaparecem longe formando saliências na vastidão ondeante, revestindo sua cor uns tons de cristal argênteo.

Muitas passagens ou voltas que reaparecem por entre a vegetação lembram a ideia de uma toalha alvíssima que

ficasse, salteadamente, esfarrapada pelas moitas e esgalhamentos das florestas, ou de restos e frocos de sedoso ninho de ave que o vento atira embaraçando-os nas árvores frondosas.

O desdobramento de seu vale além, muito longe, lá onde céus e terra confundem-se, é um dos grandiosos espetáculos que olhos humanos podem contemplar. Tais maravilhas possui Sergipe em toda parte, e nenhuma terra é melhor favorecida do que o Município de São Cristóvão.

É impossível, exclamar se há talvez, que tanta grandeza não tenha revérberos na alma humana. Se é certo que os dotes e qualidades morais são também influências do meio físico, do qual o homem é eterno dependente, o cristovano pode oferecer, como um derivativo das belezas de sua terra, a bondade e a franqueza. Ignorante das terríveis perturbações a natureza, fluindo a amenidade de um clima invejável, que não tosta ou queima no vigor do verão, nem enregela ou faz tiritar na força do inverno, vibram também em seu peito virtudes e qualidades dos povos que habitam terras abençoadas a par de defeitos que a civilização poderá corrigir.

O cristovano cuja indolência é proverbial, que é apelidada de *capote* por causa do costume já extinto de enfiar de manhã cedo comprido camelão, é hospitaleiro e generoso como o árabe, como o índio ou como o africano tímido, humilde e serviçal, e outras vezes esquecido e ingrato; como o português amoroso e sentido ou romântico e imaginoso como o espanhol. Para praticá-las eleva suas dedicações à altura de princípios. É expansivo, alegre, jovial; mas também é conveniente e reservado, inexplicavelmente

tristonho, prudente e cauteloso. Não raro zela como sutil esmero uma amizade, respeita as leis, interpreta-as e discute-as a todo propósito, ao menor pretexto; e sendo incapaz de revoltas e sublevações prontamente submete-se a qualquer imposição arbitrária da autoridade ou de um mandão estúpido. É inteligente e perspicaz como italiano.

Não tem as astúcias da raposa e sem injúria lançaremos que possui em alto grau as qualidades do cordeiro e do cão.

É devotamento religioso e só neste sentindo é que participa da fúria do leão, pois será uma fera, se açulado.

Suas revelações, suas tendências e manifestações intelectuais são elevados.

Poreja-lhe da alma o sentimento estético como alenta-da transudação vital.

O trabalho esmiuçado e paciente do historiográfico mostrará que não pequena é a contribuição de São Crisóstvão para o *Folclore*. Os poetas populares nascem como as aves cuja existência imitam e como os pássaros morrem obscuros, anônimos.

Sua glória ou celebridade, se porventura existe, é porque deve ter como condição existencial a multidão anorgana; não é individual.

Da imensa região dos cantores errantes nenhum conseguiu firmar nomeada exclusiva. Não há muitos anos um jovem poeta inculto, *Minda*, arrebatava o círculo de suas patuscadas com a improvisação de quadras, voltas e colcheias, muitas das quais de delicado primor e grandezas do pensamento.

Desapareceu, mas ficou seu émulo *Thomazinho*, o trovador das praias.

O cristovano, em regra, é poeta de nascença, mas poeta que raras vezes metrifica, e sobretudo ou mais que tudo, é músico; em uma palavra, é artista.

Na poesia culta tem seus representantes respeitáveis, nomes que se criaram fulgurante auréola de fama e sem grave injustiça não podem ser riscados do número dos fatores da poesia brasileira. Bastará como tal citar um nome, Eliziario Prudencio da Lapa Pinto, mavioso autor da *Estela do Norte* e do *Festim de Baltazar*. Frei José de Santa Cecilia, a um tempo filósofo, teólogo, orador e poeta, viveu pouco, porém cresceu gigante na fama.

Seus sonetos e quadras corriam de boca em boca como uma vasta onda gemente de saudade, que continua a rolar porque ainda não encontrou a costa para arrebentar-se e coalhar-se em espuma nívea. A quadra que deixou cair dos lábios moribundos foi seu canto de cisne.<sup>3</sup> Respira ainda o ar da vida Geminiano Paes, senhor da língua francesa e querido mestre de discípulos, que figuram em todos os domínios intelectuais do Brasil. Poeta de pura raça, Geminiano Paes é também exímio tradutor, admirável intérprete de Camões.

Informaram-nos que ele conserva inéditos os três primeiros cantos dos *Lusíadas* traduzidos em língua francesa, no mesmo estilo e sistema de oitava rima.<sup>4</sup>

O modesto lente do Atheneu Sergipense é contemporâneo do momento de efervescência intelectual e estética que deu a São Cristóvão o aspecto de uma dessas pequenas cidades literárias da Alemanha. O *Liceu* regurgitava de moços, a *Biblioteca* enchia-se de leitores. Pedro de Calazans, o grande poeta de Santa Luzia, ali preparou-se

em humanidades. O vigário José Gonçalves Barroso, a língua mais eloquente de Sergipe na tribuna sagrada, dirigia um internato na rua do Carmo. Muitos homens de letras emulavam com o velho Braz Diniz Vilas Boas em latinidade. Jornais guiavam e orientavam a opinião pública. Nas colunas do *Correio Sergipense* ensaiaram-se como jornalistas Pedro de Calazans e Graciliano Aristides do Prado Pimentel, e alimentaram suas colunas literárias, além dos poetas e escritores indicados, Gratulino Lemos e Eustáquio Pinto da Costa, dois inspirados poetas. Cabe aqui registrar um fato pouco conhecido. No mesmo ano em que na Alemanha David Frederico Strauss dava à estampa seus estudos eresiárquicos, um jovem tabaréu da vila de Campos publicava artigos anônimos no citado jornal onde discutia com liberdade de pensamento o assunto da Conceição de Maria. O obscuro sertanejo da vila do Rio Real foi a assombrosa mentalidade que se chama Tobias Barretos de Menezes.

O talento artístico do cristovano encarado pelo lado popular exhibe cunho original em suas produções. Deixou na escultura Manoel Pereira Leite, conhecido por Neco. Podem ser admiradas algumas de suas obras, como a imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora da Pureza que ornamentam os altares da capela de São Salvador, nesta capital. A arte era sua filha diletta e apaixonada. Neco morreu como ordinariamente caem muitos que são abrasados do fogo do gênio. Morreu obscuro e o esquecimento cobriu-lhe a cova. Era um artista de sentimento como seu irmão, de quem falaremos adiante. Se lho permitirem as circunstâncias e as asas de melhor dita, seu lugar seria ao lado de Horácio Hora no panteão dos nossos imortais.

A pintura não chegou a ter cultores de nota. O moço José Erundino de Jesus, que pintou o forro da capela de São Salvador, ainda não afirmou-se personalidade na arte.

Mas a esfera da arte onde melhor proliferam as vocações tem sido a música. Segundo nos informam, esse rapazinho semiselvagem que construiu um órgão de madeira e foi arrancado ao inferno da obscuridade e da indigência pela generosidade do Dr. Nobre de Lacerda, é natural ou filho de mãe cristovana. Os músicos de São Cristóvão foram notáveis compositistas, dois dos quais distinguiram-se ainda como homens de letras: o dr. Joaquim José de Oliveira, escritor de uma memória *A conquista de Sergipe* e autor de muitas músicas sacras, e o já nomeado Frei José de Santa Cecília, compositor célebre e exímio tocador de violão.

Tinha por sua vez um rival, Ignacio Antônio Gomes de Oliveira, vulgo *Inagcinho*, afamado tocador de violão.

Dizem que executado variações difíceis nas seis cordas do instrumento em uma noite de serenata conseguiu chamar a atenção Imperador que então achava-se em visitar a cidade velha.

Não menos notáveis são Evaristo Freitas, os irmãos Amorim, os Pitanga Firmiano, célebre como tocador de violino, principalmente por suas variações improvisadas sobre a conhecida música intitulada *A Salóia*.

Mas o príncipe dos músicos, o talento genial que a pobreza sumiu e a história deve alevantar, é José da Anunciação Pereira Leite, irmão de Neco, aquele que o povo conhece ainda por *José Bochecha*. Não nos deteremos sobre sua vida e obras. É tarefa que traçamos em outro trabalho.<sup>5</sup>

Contudo, dizemos que ele é o autor de *Domini tu mihi*, que se cantava na quinta-feira santa em São Cristóvão. Escreveu músicas sacras, enriqueceu o arquivo do Corpo de Polícia, levou à música muitas poesias de Lapa Pinto, Tobias Barreto e de outros poetas. Era homem inculto, quase desconhecendo a própria firma, mas escrupuloso em suas composições. Haja aos olhos a música da poesia de Lapa Pinto *Ausente de pátrio lar...* e as das poesias do Tobias Barreto:

“Eu amo o gênio cujo raio esplendido...  
Quando à mesa dos prazeres...  
Houve tempo em que meus olhos...”

Nesta última um amigo chamou nossa atenção logo para a primeira frase e compasso do pentagrama, onde vê-se a exatidão com que o autor distribuía ou colocava as sílabas sob cada nota.

Reproduzamo-la aqui:



Com que efeito que beleza, que acerto! Como aquele segundo ré cai a propósito e expressivo sobre a longa *tem* da palavra tempo! Como traduz a harmonia do verso o feliz emprego da mínimas!

Dançava-se e cantava-se bem em São Cristóvão.

As pulsações de sua grandeza eram traduzidas até pela força física.

A lembrança de *Vivaldo*, o Hércules praiano, flutua nas tradições e crônicas do lugar.

Conta-se que Vivaldo rinha força atlética suficiente para fazer parar um carro puxado por uma junta de bois.

Diz-se ainda mais que ele viveu longa vida sempre forte e robusto, parecendo que a boa disposição e invejável saúde é peculiar aos macróbios daquela terra.

O velho Leandro com seus cento e dez anos de idade<sup>6</sup> exerce ainda com perícia os labores de sua profissão: pesca e rema admiravelmente.

As centenárias mulheres, não carecendo ainda muitas de óculos, tangem os bilros na almofada com destreza.

Fazem excelentes e finíssimas rendas e labirintos.

Como não é pequena a população de velhos é fácil depreender-se que as histórias do outro tempo andam correntes.<sup>7</sup> Renarram por exemplo, pisando e repisando o episódio da inauguração do relógio na torre da matriz com tais tintas coloridas, que dir-se-á que o passado não é ainda passado.

Figuramos assistir e ouvir a ansiedade da população à espera do primeiro sinal de vida do relógio, que também bate os quartos de hora.

Foi a meridiana a hora escolhida para a cerimônia. Elegantemente ornada a praça regurgitava de gente.

Veio afinal o instante almejado.

Depois de quatro pancadas indicadores dos quartos de hora, a pesada máquina bateu doze badaladas: era meio dia.

Vivas, músicas, espoucamento de girandolas e de bombas de salvas corresponderam aquelas vozes do pêndulo.

Hoje ainda, batendo lealmente as horas para uma cida-

de que caminha para a morte, porque do meio dela se foi afugentando a população, é o relógio o melhor bem que lhe resta ao lado dos edifícios religiosos.

Os velhos têm razão de remover as passadas delícias!

Têm razão de recordar às gargalhadas as estroinices do padre Desiderio, o herói de deboche e da sátira. E são cronistas, os velhos. Todos falam da passagem da Labatut com mesmo vigor de imaginação e cunho de verdade. Como os moços, são barristas que se aprazem em enaltecer as pompas e passadas grandezas.

A guerra do Paraguai é um acontecimento de que os anciões rememoram os rasgos patrióticos de que foi cena o Município. Os heróis não morreram, não passaram, não dormem em seus túmulos, na campanha. As testemunhas e cronistas conterrâneos trazem-nos vivos no coração e no intelecto. Assim é que jamais serão esquecidos os atos de bravura de David Rocha, que caiu ferido ao lado de Camerino e de Joaquim Calazans. Assim, é também que não são esquecidos os feitos do Major Manuel Agostinho e do Capitão Cruz.

Os grandes cidadãos deixaram fundos sulcos de sua passagem naquele pequenino meio tão cheio de originalidades. Cada qual quer lançar sua pedra no edifício da pátria história. E cidadãos notáveis, natos ou adotivos, o Município teve em grande lote. Dentre eles citaremos Dionísio Rodrigues Dantas, Padre José Francisco Sobral, Padre José Gonçalves Barroso e outros.

## NOTAS

- 1 “Lunal portum est operae cognoscere, civesi”  
“Cor jubet hoc Enni”
- 2 O Dr. Theodoro Sampaio em sua Memória “O Tupi na Geografia Nacional” explica a etimologia da palavra “Tinharé”, apresentando o vocábulo como a corrupção de “ti-nharô” o que se adianta elevado, o que avança erguido ou empinado; a ponta alta, o promontório. Esta interpretação pode satisfazer pois realmente a Pedreira ou Tinharé é um formoso avanço da rocha e seu ângulo do norte forma a ponta do sul da barra do Paramopama. Mas o vocábulo Tinharé não pode a ser também explicado por um fato de ordem psicofisiológica? A Pedreira é uma imponente elevação íngreme à margem esquerda do Vaza-barris de cujo chão descortina-se o mais belo vale que os olhos podem contemplar. Não será melhor por este fato dar a palavra indígena valor interjectivo e encara-a como formada, de “ti” ou “Tya”, admiração, e “iaré (nharé)”, risonha, alegre; o que é belo, o que é tudo olhos vista alegre, bela vista?  
Submetemos esta etimologia porque parece muito expressiva.
- 3 Já disse adeus ao Parnaso  
Já pendurei a minha lira;  
Agora vou respirar  
Onde o eterno respira.
- 4 Citamos de cor a primeira parte de uma estância do episódio de Adamastor:  
Mais il y a ino jours deja passes  
Que nous fames partis de lá, feniant  
Les me’s que nul jamais n’a traversè,  
Au souffle favorabls d’un bon vent.
- 5 Vid. Nosso trabalho “Ensaio sobre a música popular em Sergipe” onde tratamos do desenvolvimento dos músicos sergipanos.
- 6 Essas figuras magras e alanebradas.  
Essas frentes nevadas, abatidas,  
Essas feições da idade carcomidas,  
.....  
São os velhos. A tarde nas calçadas,  
Em cadeiras do couro empreticidas,  
Travam palestras lautas e compridas,  
Extensas como sombras projetadas,  
(Christofaneida).
- 7 Faleceu há uns três anos.

## CAPÍTULO VI

# RELIGIOSIDADE E FESTAS POPULARES



A religiosidade é a nota mais acentuada do sentimento popular. Daremos aqui, por facilitar ao nosso empenho, dilatada amplitude a compreensão desta palavra. Abrangerá, por conseguinte, neste modesto trabalho diversas formas de devoção, desde o bigotismo e superstição e outras grosseiras práticas do fetichismo até o culto externo nos templos católicos e inúmeras cerimônias da religião.

É uma das sombrias heranças da importação de escravos africanos assimiladas ao contingente não menos volumoso das outras duas raças e quarta quota de costumes dos ciganos.

Tudo quanto reveste um ar misterioso torna-se um objeto de crença ininteligente. É uma terra de abusões, de crendices, de mesquinhas peloticas.

O feitiço, palavra que André Lefèvre presume aparentada com francês *faitis*, ou com o latino *fata*, fada, parca,<sup>1</sup>

tem tanta força inveterada no espírito do povo quanto um próprio dogma do catolicismo.

O *feiticeiro*, que bota ou tira a coisa feita, existe como um pagé indiano nas camadas do povo com sua autoridade e estupidez categórica.

Não há muitos anos morreu o africano Eusebio apontado como emérito *armador de mesas*. Por exemplo, uma doença rebelde, que não cede, e escapa a todos os recursos da medicina caseira, é consequência do propinamento de um feitiço cujas *panelas* misteriosas andam sempre mexidas e em contínua ebulição.

A inabalável convicção é que a dosagem do feitiço, para ter eficácia, deve ser como as porções homeopáticas. O *vin-tém* não é grave e fatal como são os *dez reis* de feitiço. O *saco de areia* é arma infalível para a execução de uma vingança que deve ficar impune e ignorada. A vara e quejandas armadilhas são máquinas infernais e mortíferas com que se poderá castigar o ladrão noturno nas roças e nas malhadas.<sup>2</sup>

O corno de boi enfiado numa vara fincada no meio da roça protege-a contra as invejas dos maus vizinhos e dos inimigos e contra as investidas dos periquitos.

Essas mofinas, esses malefícios que o povo teme e respeita, têm seus contrários. Deram razão de ser outros engrimanços que são benevolmente práticos. Contra o feiticeiro e seus feitiços existe o *curador*, personagem querida e simpática, a quem se consulta como se fora um médico. De ordinário, o curador trazendo ao pescoço uma cruz de madeira que expõe durante que profere seus prolóquios vivos, reconstitui o vigor da saúde, cura e extingue todos os males, inclusive moléstias de fora.

Mas os curadores são raros.

Familiaram-se com as cobras e outros bichos venenosos, e sob sua fé e segurança muitas pessoas, a fim de ficarem curadas do veneno crotálico, oferecem os braços às mordeduras e incisões dos répteis.

Mas o tipo mais frequente em São Cristóvão dessa magia é o da *rezadeira*.

Em regra, as rezadeiras são velhas ou amalucadas, muitas vezes parteiras, ou conheceu todas as ervas usadas pela pequena medicina. O *quebranto* e o *olhado*, a *fascinação* a que alude Virgílio em uma de suas *éclogas*,<sup>3</sup> dos quais são vítimas as crianças bonitas e os objetos de especial amor e estima, não podem resistir aos seus esconjuros e palavras cabalísticas.

Reza-se de diferentes maneiras

Reza-se para o sol poente ou nascente, reza-se para uma estrela, para a lua nova logo que for vista pela primeira vez.

Reza-se de sereno, de chuva, etc.

Para tudo isso em muitas ocasiões é indispensável um *ramo de vassourinha*<sup>4</sup>

Essa religiosidade inconsciente que a imaginação exalta e a preguiça consolida, muitas crônicas sombrias e pavorosas sugere.

Não falham temporadas de horror nos povoados e na cidade mesma.

Voltam periodicamente cruzando as praças, as ruas, os becos, os trívios, as estradas, sempre semelhantes na forma e nos planos sinistros, os *vultos*, os *lobisomens*, os *bichos*, as *burrinhas*, e mil e um fantasmas capazes de esbrasearem a cabeça de um oriental.

Mas o lado das mandingas e urucubacas dos feiticeiros persistem outras credences supersticiosas com algum sedimento de verdade a desafiarem a fé ingênua, cujos tons trágicos e originais as lendas vão amenizando com certa poesia vaga e selvagem. São as que entendem com os tesouros encantados debaixo da terra e com os outros assuntos de pneumatologia.

Os casos de *visagens* e *aparecidas* são frequentes. Vêm comprová-los os fogos fátuos e exalações que se inflamam nas margens dos rios e dos brejais.

Quando em tais meteoros se não quer ver a luta cômica do compadre com a comadre nas alturas do outro mundo, dá-se-lhes o nome popular de *João de la foice*. Entretanto, os mais desabusados querem por tal entender um indivíduo ornitológico, um grande pássaro dos mangues e dos terrenos pantanosos, notívago como as corujas.

Sua plumagem é fosforescente como as ardentias e em seu voo desprende fogos e chamas de sob as asas.

Designam-no ainda por um apelido da língua tupi, ou seja, *ibiatatá* (cobra de fogo, terra erguida de fogo).<sup>5</sup>

Muitas passagens e caminhos solitários são cenas de conciliábulos de demônios e bruxas. A caipora continua a praticar suas arteirices nas veredas e encruzilhadas detendo o viajor noturno com insidiosas medidas e zumbaias, perturbando o sono do roceiro em seu rancho de palha, de quem vai furtar o fumo do cachimbo. Outras vezes tais sítios misteriosos foram teatro de episódios ensanguentados da vida humana, como sejam a *Garganta dos Quatro Vintens*, a *Cruz do Ouvidor* e a das *Três Irmãs*. É longamente tradicional a passagem do Vale do Medo, por causa da luta

travada entre homens e macacos que se apoderaram de um cadáver.

O herói cristão, vencedor de pandemônios, o destemido que ousou medir-se corpo a corpo com a coorte dos monos, Gonçalo Pinto de Mendonça, figura em muitas outras aventuras e lances arriscados.

Apraz o povo ruminar semelhantes narrações, aceita-as informes tais quais elas vão rolando nas séries dos tempos, ampliando-as por sua vez com acréscimos absurdos e exagerados. Esses e outros documentos do repertório intermínio das crônicas e crenças locais não poderão talvez influir contra os progressos e desenvolvimento da sociedade, pois vemos na história, em plena civilização, idênticos fenômenos do desvairamento da imaginação das massas. O feiticeiro ou pajé de São Cristóvão, com as devidas distâncias de tempo e proporções de cultura, está no mesmo pé de Appoloniuss de Thyane, do Fausto, de quem já falava Santo Agostinho, do Regiomontanus ou do Cagliostro, protagonista em um romance de Alexandre Dumas.

Podem não embaraçar ou frustrar o progredimento provável do lugar tais ministros da taumaturgia anônima, mas também não revelam ou denunciam do meio em que praticam elevação e segurança do estado psicológico. O povo que consente em cegar-se pelos prodígios de tão falsos mentores, ou se deixa deslumbrar por um passado poético onde cada folha recorda episódio encenado por espíritos e seres fantásticos, não poderá certamente entender os clarões do futuro. venha de fora o móvel, o ímpeto, o impulso que o fará caminhar. Inocule-se novo sangue em suas veias e melhor orientação nas ideias. Já vimos

que a população do Município é genuinamente brasileira, é mestiça; mas para tal mestiçismo foi insignificante a contribuição do branco português.

A atual população, podemos dizer, é o resultado da combinação e cruzamento de índios e de africanos, é um resto que ficou apegado à pátria, e, conseqüentemente, suas tendências, suas vocações e atividades são heranças de tão humildes antepassados. As mesmas usanças persistem e até a predileção pelo mesmo gênero de alimentação. Até a alimentação é rudimentar.

Acresce ainda que o elemento branco da população, desde as origens representado por indivíduos de modesta condição, legou também seus usos, tradições, crenças, costumes e festas; e tudo isso amalgamando-se, fervendo ou assimilando-se no tempo como um cadinho, deu como resultado do caráter atual do povo, de certo alevantado nas reverberações da inteligência, porém menos ousado nas afirmações da vontade. Dormir, cantar e fartar-se com as riquezas das narrações legendárias, não é o exopo da vida social.

A sociedade requer a luta para crescer em civilização, desenvolve esforço terrível para acentuar e afirmar seu eu; pois em certo sentido o egoísmo é um fecundador de progresso. São Cristóvão somente quer viver do passado.

Precisa de gente, pois já não tem; e é de borbotoamento de nova seiva que deve esperar o remédio que há de reconstitui-a. Se não fosse assim, que permaneça encarado à distância as populações vencedoras na luta pela vida, e fique a exclamar em sua linguagem de tristeza e frase comum e porventura autóctone: - Ali vai o progresso!... O progresso!....

Continuemos a narração de suas tradições e festas. Em grande maioria elas revestem ainda o caráter da religiosidade. Começamos pela festa de Natal celebrada com muita afluência de povo. Arma-se a lapinha da porta principal da Matriz onde o padre celebrará a missa do galo no correr da qual são executados e cantados expressivos hinos do compositor Aragão.

Em muitas casas presepes, em cada presepe mil caprichos e ingênuas irregularidades que formam um conjunto de belezas na inocente desordem da arte e do gosto. Movimento da população pelas ruas, botequins e quitandeiras nas praças iluminações, sambas e batuques que se prolongam até o romper do dia. Cresce a alegria sem par à medida que a noite cresce.

Mas a festa de Natal com sua feira, jogos e outras diversões, aqui estimulando em círculo familiar estimulando em círculo familiar a entoação de modinhas ao violão, ali provocando a gaiatada do capadócio ou do ébrio, é a mesma festa em toda a terra de Sergipe com poucas diferenças. Seguem-se então até véspera de Ano bom e Seis de Janeiro os reisados, que não descreveremos. Mas e ano bom passa menos animado.

A festa dos Reis é esplêndida e a mais divertida das três. A missa do dia é celebrada na antiga igreja de Nossa Senhora do Rosário. No pequeno adro que lhe fica em frente é que têm lugar as cerimônias e festejos dos quais a *Chegança* é o infalível de todos os anos. Um fortim é levantado no terreiro da igreja onde tomam assento o rei mouro e sua corte.

Pouco depois aproxima-se a fragata dos marinheiros cristãos. Trava-se a luta que somente terminará pela cap-

tura do rei mouro. Este recebe o batismo juntamente com os seus e então os dois partidos confundidos penetram cerimonialmente na igreja entoando louvores ao Rosário de Maria.

As músicas são variadas e belas, as letras encerram trechos excelentes. Já por esse tempo chegaram também os *cacumbis*, os *bombardeiros*, invenção e aquisição de 1895, e as *taieiras*, relíquia ou restos das danças e dos folgares africanos. Depois todos percorrem as ruas da cidade.

Dissemos que o ano bom passa frio. Contudo, o de 1901 foi esplêndido por juntar-se o festejo ao ano novo à saudação ao romper do século XX. A expectativa da população era uma ansiedade poética, um misto de pavor e alegria, que encantava. Eram passadas havia pouco mais de um ano as lembranças dos sustos e terrores ocasionados pela aproximação da passagem do cometa de Biela. O povo aguardava então o fim da existência do astro que é seu berço, cria, portanto, estar agora persuadido pela voz da religião que de fato o mundo acabar-se-ia. Era mister saudar a nova centúria, mas tal saudação também parecia um sinal de morte. Muitas pessoas dissuadimos do terrível pensamento. Mas refletindo, encontramos a lógica explicação da coisa. Vimos não serem infundadas as apreensões populares, atendendo-se que século, na antiga aceção, estabelecida por São Jerônimo e Prudentinos, segundo os conceitos e discursos teológicos, quer dizer mundo; e os homens do mundo perecerão. O povo não compreendia então o século no sentido cronológico de espaço de tempo. A extinção do XIX século era, portanto, o fim, o acabamento do mundo, isto é, da terra, e a entrada do novo século era a entrada do

outro mundo, o começar da outra vida. Convinha-lhe ser forte e resignado ante essa perspectiva da morte, filha da sua própria ignorância. Por tal razão expandia-se. A cidade vestiu-se de galas e foi um delírio o alvorecer do século XX. Com todos os tons da vaga tristeza, a que já aludimos, nunca observamos tanta animação e contentamento. A primeira manhã do século surgiu radiante e animadora como uma promessa. Os dias se foram sucedendo sem a menor comoção. Entrou finalmente o quinto mês do primeiro ano do novo século em que desenrolar-se-ão outras notas de inocente religiosidade.

O mês de Maio, o mês de veranico, às vezes cheio de sol e de estratos, é também um mês de festivas cores da devoção. No norte do Brasil ninguém ignora com que fervor é praticada pelo povo a mariolatria, e esse mês cabem ainda as honras da oportunidade. Mas porque geral, não descreveremos semelhante festa. Contudo, não omitiremos os festejos à Santa Cruz, que revestem certa pompa rusticana.

A invenção da Santa Cruz é solenizada em todo o Município, pois que todos os sítios e lugares, nos trívios ou nos cabeços dos montes depara-se com sacelos só conhecidos vulgarmente pela expressão *santa cruz*. Tais ermidas nenhum adorno tem. Quatro paredes de taipa sob poucas telhas abrigam por único sinal religioso, o sinal do Cristão grosseiramente lavrado. Outras vezes a cruz limpa e desnuda, exposta ao sol e ao relento noturno, indica sepulturas, guarda cemitérios rústicos, ou designa o local a que se prende a história de um crime. Nesses tugúrios da religião popular é que são cantadas as concorridas *novenas da San-*

ta Cruz onde simultâneas com o hino da litania volteiam as coplas da patuscada. A festa da Santa Cruz é um produto nacional. Naquele município principalmente tem o poder mágico de fazer vibrar e inflorir a alegria das massas tão semelhante em dadas conjunturas á alacridade juvenil.

Mas há uma cena que destoa da nota comum, e já poucas vezes é repetida. É a do jantar servido a tríade divina, o banquete oferecido à santa família – Jesus, Maria e José – o qual segundo o rito tem lugar exatamente no 3 de maio.

Senta-se a mesa o grupo celeste representado por um menino de nome Manuel, uma quarentona Maria donzela e um José carpinteiro, ou oficial de outro ofício. Cantam-se ladainhas e cânticos religiosos enquanto comem os três. Muitas vezes a cantoria é entoada em marcha cadenciada ao redor da mesa. Ver outrem comer não é lá dos espetáculos mais atraentes, mas uma tal cena, se não tem arrastamentos poéticos, todavia não desperta hilaridade.

A alma popular ao desnudar-se assim mostra-se límpida como uma gota de orvalho matinal. Suas expansões são ingênuas. A ingenuidade é a beleza inócua.

Outro orago de devoção poética é o advento do *dia da hora* (ascensão). Marca também um período econômico para os pequenos artistas do maçarico, porque então fabricam dúzias e dúzias de anéis torcidos e grosseiros de prata galena, vulgarmente chamados *anéis da hora*. Têm muita extração por serem considerados talismãs, atenta a crença que os dá como isoladores das moléstias de fora e do ar. Todo o exterior de tal devoção, mais saliente, consiste em enfeitar-se três manhãs seguidas as janelas e portas das casas com pequenos ramos verdes.

Mas a festa religiosa por excelência, a que mais move o espírito devoto é a festa dos Passos ou procissão do encontro. Realiza-se anualmente na segunda domingo da quaresma com pujança tradicional da crença e da fé. Como um renovo primaveral a cidade velha enfia galas, depõe o silêncio tumular que parece envolve-la e oferece o tocante espetáculo de um zelo religioso ao fortalecido pelo hábito.

É o que ela possui de mais moralmente estético.

Já não é pouco salvar das decadências a integridade do culto e da adoração.

Suas festas religiosas revestem um ar de modesta vaidade, vívido eco de um passado de grandezas. A procissão dos Passos não é um préstito que uiva lamúrias, mas um acompanhamento em que a alegria expande-se a despeito de seu aspecto de dorida tristeza e unção de saudade. Nós simpatizamos essencialmente com os infortúnios, e as desditas das cidades são semelhantes às desgraças que apertam um nobre coração.

As decadências infundem sempre pena e respeito. Amamos os velhos porque são aproximados da morte, e temos ciúmes da mocidade porque não podemos acompanhá-la ao porvir. São Cristóvão pode oferecer consolação a todas as dores da alma, em virtude do seu cabedal de provanças e decepções acumuladas; mas a consolação é também filha das tristezas: quando muito suaviza, mas nunca revigora.

É talvez a mais religiosa das cidades do Estado, provavelmente por causa desse pendor para o desaparecimento, por essa velhice prematura que lhe cunharam no íntimo condições e circunstâncias desencadeados.

A velhice reza suas contas e chora as cidades velhas tomam-se das serenidades dos templos; sua população pratica da religião para consolar-se do que já não é.

Mas vejamos o que é a festa dos Passos em São Cristóvão. Logo desde antevésperas começam a afluir gentes das vilas e lugares vizinhos, máxime da capital. Ocasões há em que as duas margens do Pitanga semelham um acampamento. No sábado à tarde já a cidade regurgita de povo, e os últimos peregrinos já não encontrando espaço para hospedagem nas casas dos habitantes enchem os conventos e igrejas arruinadas. Mas os visitantes continuam a chegar.

No sábado á noite tem lugar o primeiro ato da festividade, a condução da imagem do Senhor dos Passos da igreja grande do convento do Carmo para matriz. É esse na opinião de muito o ato mais belo e tocante.

Segue a procissão na maior ordem reinando um respeito e silencio admiráveis. No último bolo do acompanhamento, qual perdido na multidão dos que propositalmente se deixam atrasar na procissão, segue o longo préstito dos penitentes composto de homens e mulheres que marcham de joelhos, muitos com grandes pedras e feixes de lenha na cabeça.

A fogueira é a manifestação mais positiva e real da religiosidade popular. Já desde a igreja do Carmo a charola do Senhor do Passos segue por entre alas de fogueiras que abrasam o ar com suas incendiadas labaredas.

O catolicismo é como um grande mapa variadamente colorido onde facilmente poder-se-á distinguir como em carta geográfica as diferentes épocas e modalidades do sentimento religioso. É bem a religião do povo, a que mais

lhe sabe no coração, por isso que não o morre por artifícios lógicos de uma teologia que ele não compreende. Para as massas é sempre melhor que a palavra metafísica e sem fogo do protestantismo. O culto católico é um mosaico; todas as adorações exibe quase de uma vez, desde a zoolatria até a pirolatria, até a astrolatria, o que talvez lembrou a um escritor para afirmar que o cristianismo é uma religião solar.

No dia seguinte a procissão começa à tarde ao arrefecimento dos calores do sol plácido arfar das primeiras brisas do fim do dia. Mas o lance dramático que se aparelha já agora ressentido-se de emoções cedidas; que para agradarem as emoções nem sempre devem ser feridas por cálculos e regras. A procissão do encontro é sempre a mesma coisa – a imagem do Senhor dos Passos que vai por uma rua e a da Virgem que segue por outra até encontrarem-se na praça de São Francisco onde erguendo-se de um púlpito faz parar o cortejo o orador sagrado.

O pregador desenrola seu sermão sobre um tema correlativo ao ato e esforça-se quanto possível para elevar-se ao patético e fazer correr lágrimas. Manda a justiça notar que tais discursos acerca de um dos mais tocantes episódios do teatro religioso são interpelados de lugares comuns e familiares atavios.

O povo não poucas vezes tem ouvido iguais ou parecidas declamações gongóricas. Porém, assuntos há que não morrem e não perdem sua força sugestionadora de um belo talento oratório. E com ser cediço, porque muito repetido, o assunto do sermão do encontro faz ainda vibrar num peito de orador a grandeza de uma eloquência rica de

ilustração teológica. Algumas vezes sobem à tribuna sagrada pregadores que desempenham o ofício e suprem pelo estudo o arrastamento de uma palavra que não quer ser fluente. Escapar desta arte à sátira de Antônio Diniz quando verbera no canto V d'O Hyssope:

E escusem de quebrar-nos os ouvidos  
Com insulta dilatada arenga,  
Que ouve, por uso, o povo e não entende,  
E a pagar vem, por fim, por alto preço.

Mas há um par de anos a tribuna cristovense está viúva de seu mestre. Nas asas do talento raro e peregrino, com uma palavra fácil e acessível e um metal ou timbre que afetava como por encanto e conforme as oportunidades todas as fibras do sentimento, nunca o vigário José Gonçalves Barroso subia mais alto na eloquência sagrada do que na oração do encontro. Perspicaz e penetrante, Barroso aliava à grandeza do estilo os ensinamentos da arte. Então era um trágico excelso declarando a suprema dor divina. Hesitava inteligentemente, emendava-se na descrição do dilaceramento e agonia de uma mãe aflita. Não! Não podia mais... porque *“tu, só tu, mulher divina, poderás compreender a intensidade de tamanha dor... O vos onmes qui transitis per viam, etc.”*

Era Barroso quem atraía as multidões. Foi ele que deu influência à festa dos Passos, a qual já não passa de um espetáculo tocante de nossas práticas religiosas.

A imagem do Senhor dos Passos tem fama de milagrosa e outra coisa não quer dizer a execução de tantos votos e

penitências. Na primeira procissão, a do depósito, o povo aperta-se, condensa-se, luta muitas vezes por carregar o andor ou pelo menos agarrar as *misericórdias* dele. Alguns indivíduos cingem coroas de espinhos feitas do cipó de japecanga, muitos outrora açoitavam-se com *disciplinas*; outros aparecem amarrados de um modo grotesco como bácoros para o matadouro a carregarem grandes pedras.

Conta-se de boca em boca o milagre da muda que alimentava devoção particular à sagrada imagem e num ano, ao passar a procissão do depósito, repetiu desembaraçadamente: “Eu também vou acompanhar Senhor dos Passos”. Desde então recuperou a fala.<sup>6</sup>

A Semana Santa é como em toda parte. Nada diremos de suas solenidades, para entrarmos na seção da festa religiosa de mais alegria e expansividade.

Começa no primeiro instante do primeiro dia do mês de junho a *festa de São João*.

Tudo muda então e reveste feição nova, até os campanários ressoam de outra maneira.

À meia noite em ponto quando soa a última badalada do relógio a população acorda ao estremecimento de forte detonação.

É logo sabido: entrou o mês de junho, tiros de carabinas, busca-pés, música e o berreiro insólito dos foliões e pândegos.

A fogueirazinha, simbólica do modesto Batista hoje em dia transformou-se aos caprichos da pirotécnica.

## DIA 28 DE ABRIL

Todo mês corre assim até véspera do dia 24, até a grande noite ansiosamente esperada, senão até o último de junho.

Na noite de 23 a cidade oferece um aspecto surpreendente.

As ruas transformaram-se alamedas e os mastros são árvores altas de cujo galhos, como figurando frutos, pendem estranhos objetos manducáveis de mistura com pedaços de fumo em corda, canas, flores, cocos e outras coisas que acodem à fantasia.

Nas ruas formam-se os batalhões, um dos quais é portador do quadro ou registro de São João e outros marcham munidos de foguetama ou cacetes para machucarem os busca-pés que encovarem.

Deste modo atravessam a noite, assim penetram nas casas onde bebem e onde espera-os a canjica, sempre a catar em curto diapasão a cantiga cuja música já os sinos imitavam desde o primeiro dia do mês;

Menina! Manina!

São João.

Que queres, menina,

Ao redor da fogueira comendo milho verde! Etc.

Sendo o gênio do povo naturalmente inclinado à ironia e ao deboche, imagina-se quanta sátira, quanta apodo espirituoso e festivo. O clássico em São Cristóvão é uma paródia a canção acima, que se torna mais xistosa e longa na razão do talento e fertilidade do tirador:

Manelinho! Manelão

São João!

Maria de Simão!  
Cocô de cordão!  
Costela de cão!  
Zé Pedro Chicão  
Ceroulas sem cordão, etc.

A queda do mastro consumida pelas chamas desafia da fogueira desafia a molecoreba que precipita-se e conflagra-se atrás dos destroços. Se o maestro tomba para a frente da casa direito à porta da rua é sinal agoureiro, que um dos habitantes dela não verá mais o São João seguinte. Recrudescer o barulho infernal dos zabumbas e tantãs, os busca-pés espocam em cima dos vadios, os donos das fogueiras aplaudem e riem á bandeiras despregada.

Em cada família, em todas as salas, a coisa não é menos ardente, mas ostenta-se sem a simplicidade e decências dos costumes. Dança-se, canta-se, queimam fogos delicados, rasgam sortes que trazem letreiros disparatados e hilariantes: assa-se o milho verde nas fogueiras em brazido; saltam sobre as mesmas em cruz, ou fazem as adivinhações de São João com a clara do ovo em um corpo cheio de água.

O povo tem uma certa paixão do descomunal que também se revela pela altura e tamanho descomunal das fogueiras. As vezes é preciso escada para acendê-las.

Os resultados finais quase sempre são ardimentos e queimaduras parciais, retirando-se muitos chamuscados e de cabeça lascada pelas tabocas. Terminada a festa ao amanhecer do dia 24, indo então os foliões lavar-se nos rios São Gonçalo ou no Paramopama em cujas águas frias *vão pegar o sol com a mão.*

Não cessa, porém, a folia sem um epílogo excessivo de foguetes, e ocorre por ocasião de suspender-se o derradeiro mastro em frente a igreja do Carmo onde está o oratório de São João, no dia 24. A loucura atinge então o auge. Corta-se na floresta uma de suas grandes árvores, é passeada em procissão pelas ruas aos ombros até a praça do Carmo. Aí forma-se e trança-se a derradeira fogueira gigantesca e volumosa, a qual deverá arder na noite do mesmo dia.

A festa de São João que, como vimos, é uma das mais divertidas, ao nosso ver, é um resto dos cultos pagânicos assimilados ou adaptados à civilização cristã. As árvores ou mastros de São João, que explicam como representando as árvores a cuja sombra se abrigava o profeta, as fogueiras, os busca-pés e mil artifícios da pirotécnica não passam de outras tantas reminiscências das antigas orgias. Conquanto celebrada no princípio do nosso inverno vê-se que ela tem lugar em dias do solstício de estio. Entre nós cabe ele no tempo da fartura, quando as roças estão amadurecidas e colhe-se os dons de Ceres, sobretudo, o milho e o feijão verdes. Mas a pirolatria ferve nos estos da religiosidade popular, a festa de São João e, no fundo, a *festa do fogo*.

Corre, porém, desanimada a *festa das águas*, o primitivo e grosseiro *entrudo*.

Os dias do carnaval são saudados com usanças mais poéticas e igualmente antigas como sejam os chamados *presentes de quinta-feira*. Constituem já uma prova de particular estima, já causa, já meio ou princípio de relações amistosas. Além disto, quejandas manifestações são mais baratas e singelas.

Podem muito servir ao interesse empolgante das partes quando firmado *compadresco*; que as quinta-férias devem ser pagas na mesma data ou no entrudo vindouro com generosidade. Isso, porém poucas vezes sucede porque o instinto egoístico tolhe obséquios. Se uma simples lembrança expressa por uma rosa ou por uma *caixinha de segredo* demonstra a boa intenção de quem brinda, não poucas vezes também propina ensejo a um pinque pagamento; mas não raro o presente é retribuído por outra tolice ou bagatela.

Não está no plano deste trabalho e estudo de tais usanças e festas em suas origens. Nosso propósito é somente explanar. Não exerceremos a apreciação crítica. Portanto, qualquer prolixidade reclama deferências pois expondo as coisas do Município julgamos de nosso dever fazê-lo quanto possível com abundância.

Tratemos ainda de dois outros festejos populares.

Um realiza-se no dia 7 de setembro, – é a festa dos *Lambe-sujo*.

Pelo dia em que se realiza supor-se-á que pretende comemorar a grande data de nossa independência; ao menos talvez seja agora o pensamento latente que à dirige. Mas é certo que é uma festa antiquíssima e a mais selvagem que o povo celebra. Seu dizeres, suas coplas e música resentem-se da imperfeição de sua origem e atravessou os tempos limpa de mais elementos estranhos.

Igualmente seus figurantes de ordinário são indivíduos de humilde condição social, ou são meninos.

Quer parecer que ela simboliza a luta dos Palmares e destruição de alguns quilombos outrora acantoados na Capitania.

É uma dramatização inocente e paupérrima da luta das três raças sendo digno de nota que no brinquedo dos *Lambe-sujo* é o negro o provocador. O povo aplaude e gosta, assim quebra-se a monotonia e silêncio de um dia que reclama expansões mais altas da alma brasileira.

Como dissemos a festa representa a luta das raças, mas atualmente o branco apenas figura na cantiga dos negros, sendo em realidade campeões o negro e o índio.

Os que têm de formar o primeiro partido untam-se de tinta preta, os caboclos pintam-se com tinta cor de cobre, com arcos e ornatos de penas.

Saem pelas ruas executando as danças mais grotescas e incômodas, cantando toada monótona.

Os negros:

Aí cadê mamãe Susana?

Eh! Susana hé!

Está no oco do pau... etc.

Os caboclos:

O Maria Toré

Oh! Toré!<sup>7</sup>

Os negros fazem suas palhoças ou ranchos junto a igreja do Rosario, no pequeno adro em frente formam seu pequeno quilombo, e os caboclos levantam a taba na praça da Matriz.

Finalmente, os dois partidos avistam-se, fere-se o combate que termina pela derrota dos negros e por último, firmada a paz, lá voltam a percorrer as ruas sempre cantando a canção apontada.

Tal é a festa que parece solenizar a luta das três raças.

Como quer que os índios sejam de fato heróis e os peões, são na verdade os brancos (os portugueses que somente aparecem na cantiga) os vencedores, os que devem ser aclamados.

Não é o índio o desafiado ou convidado ao conflito quando os negros em seus ranchos cantam na mesma toada precedente:

Branco não vem cá.

Foge negro!

A respeito de toda poesia que acaso contém a festa dos *Lambe-sujo*, ela começa a arrefecer.

Seu antigo entusiasmo declina.

De alguma sorte a República veio enfraquecer, se não extinguir hábitos e desentendimentos consuetudinários.

Há de crer que mais tarde dessas e doutras folganças populares apenas permaneça a lembrança.

Vai já ficando reduzida a mera formalidade a *festa de vinte quatro de outubro*.

Data de poucas décadas atrás, mas é a única essencialmente patriótica, movida pelo instinto de amor da pátria sergipana.

Foram membros da família Pitanga que tiveram a ideia de solenizar a data da independência da capitania, à maneira da festa do *dois de julho* na Bahia.

Tal festa se há repetido todos os anos obedecendo ao mesmo programa.

De São Cristovam o uso passou aos outros lugares, que o praticam com as pompas e recursos de que podem dispor.

Mas em São Cristóvão a festa perdeu já muito de seu antigo esplendor.

## NOTAS

- 1 Vit. Andre Lafévre, “La Religiou. Introdução”. “Como substantivo parece ser corrupção da voz africana “fatische” – F. E. Lont, “Gente da Língua Portuguesa.”
- 2 Segundo a crença comum o saco de areia é o meio mais pronto e infalível que acode às rebentinas de um inimigo rancoroso e vingativo. É exercido nas trevas, nos lugares ermos, mesmo às caladas de uma noite de luar. Enche-se de areia o calcanhar ou o bico de uma meia adicionando-se lhe pregas, alfinetes e outras coisas.

Dá-se com a meia três pancadas na pessoa sobre qual se deseja exercer a vingança: uma na boca, outra no estômago e a terceira na espinha dorsal. A que é dada na boca torna o individuo mudo e tê-lo incapaz de fazer revelações: as outras apressam-lhe a morte muitas vezes dentro em três dias. Há, porém, um meio de fazer com que ele recupere a fala, acrescenta-se, e vem a ser colocar uma “moeda virgem” (de ouro) debaixo da língua. Contudo, a morte é inevitável. A “vara” é uma máquina simples, mas infalível. É feita da vara ou haste de um arbusto forte, haste vergável, que se coloca com falha segurança onde presume-se que há de passar o ladrão. Alguma coisa semelhante a “armadilha” que faz o caçador. Desarmando-se ao menor choque cabe com força sobre ladrão incauto e o estende por terra sem sentidos.

- 3 “Nescio quis teneros ocentus mihi fascinatagnes”
- 4 Aqui vai com a mesma ortografia um espécimen de  
*Reza contra a doença do tempo*

“Em nome do Padre e do Filho do Espírito Santo, Amém. Vento que eu corto e rezo, a Laruno, a Puripe, arfacto, arimmarto, o que eu corto e rezo vento sul, vento sueste, vento noroeste, vento sudoeste, este, oeste, vento norte e nordeste; vento que eu corto e rezo, ar pardo, ar roxo e conroxo, ar vermelho, ar amarelo, ar verde, ar de todas as cores, ar de um morto, Ave Maria.

Ar em balanço e de tontura, rir e sorrir, ar reno e sereno, ar rôto e conroto, ar vão e serião no coração, ar escoporado, Ave Maria.

Su sum corda, Amém, Ave Maria, Ave Maria, Ave Maria. Meu glorioso patriarca Santo Anselmo, vós em Roma fostes nascido, vós em Roma fostes criado, vós em Roma fostes batizado, vós em Roma fostes sepultado três dias: vós não dicestes por vossa santa boca que depois de vós sepultado três dias ficastes livre, são e salvo e crismado livre deste mal-olhado, malvado salto, malvado mal-olhado deste corpo sagrado, salte para as ondas do mar, salte para as ondas do mar em balança onde estão os ventos gerais e as areias terrestres, Ave Maria, Santa Benta Trindade de Jesus Cristo pediu licença para rezar e benzer sete ventos gerais, sete minerais e sete quarta de ar, pelo amor de Maria Santíssima, pelo poder das sete coroas de anjos da corte celestial e pelas onze mil virgens e pelo amor da cinco chagas de Meu Senhor Jesus Cristo e pelas virtudes de Santo Anselmo, assim como vós sois livre e salvo, assim salvei esta bem-aventurada criatura que todos os espantos orados saia para o mar sagrado. Jesus Dominus, Sursum e seja Amém. Rezará 7 Padres nossos, 7 Ave-Maria e & Glória Patri e oferecerá ~Sagrada Paixão de Jesus Cristo pedindo a proteção do glorioso santo Anselmo que é protetor e coletor do vento mal. Ave-Maria que o retire desta criatura e os sacuda nas ondas do mar. Amém”.

- 5 No interior e na extremadura de Sergipe (Geru, Vila Cristina, etc) é assim chamado o fogo fátuo, ainda vulgarmente conhecido por “fogo corredor”. Sobre seu nome típico e o popularíssimo “João de la foice” exaradas no texto, o Dr. José Geraldo ofereceu-nos a seguinte importante nota: “Boitatá, s. m. (São Paulo, Rio Grande do Sul), fogo fátuo. Na Paraíba do Norte dizem “Batatão” e na Bahia “Biatatá” (Valle Cabral).

Todos esses vocábulos têm a sua origem no termo tupi “Mbaé tatá”, que significa coisa-fogo (Aneh eta), “Mãe” ou “mbaê”, sua coisa, o outro, o demo: o coisa má, “imaoba” (Baptista, Caetano, Vocábulo). Beaurepaire-Rohan, “Dicionário de Vocábulos Brasileiros”, palavra Boitatá: Mbaê é coisa, algo, fantasma (Montoya, “Tesouro”) e nesta sempre precede o nome mais usado, universal e genérico “mbaê”, coisa, “tatá”, fogo, “mbaê tatá”, coisa fogo, coisa que é toda fogo; mbaêpurá, coisa peixe” (Anchieta, Arte da Gramática) ed. De Platzmann, p. 12. “Da contradição dos nomes”. A terminologia que alguns querem dar à palavra derivando-se de “mboi” ou “boi”, cobra, “tatá”, fogo, “mboitatá” ou “boitatá”, cobra-fogo ou fogo de cobra, não define bem a coisa, antes restringe a uma só as manifestações aliás múltiplas do fenômeno. O santelmo é um “boitatá”, o fogo fátuo, os cemitérios é “boitatá”, etc., sendo embora certo que há também sob este nome as cobras-fogo ou fogos de cobra, como chamam-nos algures. Explica-se a letra “l” antes de “b” em “ibia-tatá” (à sergipana), porque o povo dela precisou para pronunciar as letras “MB”, iniciais de “mbaê”; letras que os portugueses não tinham assim juntas como as possuíam os nossos indígenas com pronúncia especial.

Acredito que o nome “José da La foice” porque em Sergipe é também conhecida o “mbatatá”, seja corrupção de outro indígena, talvez de “auhanga-atira-hocé-anhanga”, o demônio (\*), alma que corre (de “ang”, alma, “nha” ou “nhãna”, corre, “atira” ou “tira”, monte, elevação, alto, “hocé” (preposição), sobre, acima, etc.), – o demônio ou alma que corre nos montes, sobre os altos e elevações, qual é o santelmo que procura os mastros dos navios. Hoje “João de la foice” é um personagem mitológico que mora ao pé das árvores, em casa toda de barro (“ihauumecca” ou “nhauuboca), e sai fora para iluminar as sombras e a noite com seus fechos de fogo acesos. As mães chamam por ele para meter medo às crianças choronas. Não me parece plausível a distinção que se faz “João de la foice” e “ibia-tatá”.

Este é a coisa, aquele é a alma, a personagem fabulosa que ela significa; mais nada.

As lendas, que há a respeito, referem-se a um ou outro.

Na Igreja Católica Sant’Elmo é São Frei Pedro Gonçalves, um santo, o orago do Recife (bairro), também conhecido por Corpo Santo, nome da igreja do mesmo Recife, que é a matriz de São Frei Pedro Gonçalves.

Leia-se a vida deste santo pelos Bolandistas.

É o santo padroeiro e de especialíssima devoção dos marinheiros, e foram estes que lhe edificaram o mencionado templo em Pernambuco.

O “mboitatá”, escreve Couto de Magalhães, é o gênio que protege os campos contra aqueles que os incendiam; como a palavra diz, “mboittá” é cobra de fogo; as tradições figuram-na como uma pequena serpente de fogo que de ordinário anda n’água.

Às vezes transforma-se em grosso madeiro em brasa, denominado “meuan” que faz morrer por combustão aquele que incendeia inutilmente os campos (Couto de Magalhães “Ensaio de antropologia religiosa e raças selvagens).

Nomenclatura dos deuses tupis”, na Revista do Instituto Histórico, ano de 1878, 2, página 500). Esta importantíssima obra foi publicada em volume a parte e depois compreendida na obra “O selvagem”, do mesmo Dr. Couto de Magalhães. Leia-se sobre o Dr. Couto de Magalhães os “Estudos de Etnografia” do Dr. Silvio Romero.

Ainda pode o “Ibiatátá” ter a seguinte etimologia: “de Ib-yb-imb”, árvore, fuste, aste, caule, pé, tronco, mastro (Baptista Caetano, Vocabulário) e “tatá”, fogo – fogo de árvore, etc., fogo de mestre, santelmo. Outra: de “ibi yá”, víbora (Montoya), talvez a pequena serpente de Couto de Magalhães, e “tatá”, etc.

O “yagua bebé”, cometa, exalação, o mesmo que tatá bebe” (aquela onça, este fogo voador), segundo Montoya, ou ainda somente yaguai (o que come o dia?) de Baptista Caetano, são evidentemente para os índios outras tantas manifestações do “mbaé tatá” a coisa-fogo, coisa que é toda fogo de Anchieta.

A etimologia do texto derivando a palavra de “ib a”, que é terra erguida, barranco, ladeira, terra a pique (Baptista Caetano), e “tatá”, fogo – fogo de terra erguida, de ladeiras, etc., não deixa de ser uma etimologia. Realmente, nos morros máxime depois das derrubadas de mata virgem, ou nos que ficam junto aos cemitérios, são comuníssimas as exalações de fogo-fátuo.

(\*) Emprego “demônio” na significação grega primitiva, como espírito, gênio, inteligência, – bem ou mal; hoje é geralmente sinônimo de diabo “Anhanga” é o demônio dos negros. J. G.

- 6 Conta-se ainda que em certo ano deixaram de celebrar a festa dos Passos. Então no sábado à noite todos os sinos dobraram movidos por mãos invisíveis ou do outro mundo.

All right.

- 7 Turé ou toré, a flauta, tambor, caixa de guerra: no segundo significado pode vir de bater ou batido, no primeiro, porém, como também se diz boré ou mborê, talvez se reporte a tihurê assoviar de tibuncê com queda da sílaba inicial.

(Baptista Caetano, Vocabulário, palavra *Turê*).

Quanto a *coré* é explicável atenta a troca ou mudança muito comum do t com c. (Nota do dr. José Geraldo)

## CAPÍTULO VII

# SOB A REPÚBLICA



**N**ão houve propaganda republicana em São Cristóvão. Os partidos constitucionais eram muito extremados, para que o povo percebesse a onda que crescia ameaçadora.

Nunca houve propaganda republicana, repetimos; o que entretanto não quer dizer que não havia republicanos.

O dr. Sylvio Bastos, residente no município, era um dos principais membros do segundo club republicano que foi organizado na província, o de Itaporanga, e o dr. Siqueira Meneses era domiciliado na capital.

Mas nem um outro ativou a propaganda da ideia naquela parte da Província.

O movimento era encarado com indiferença, talvez mesmo ninguém suspeitara de sua pujança.

Ouvimos da boca do dr. Juiz de direito de então que, em vista das medidas enérgicas do governo geral para aba-

far a opinião republicana “nunca tinha visto um partido crescer com tanta rapidez para cair tão depressa”.

A notícia da mudança total da ordem pública foi esmagadora e surpreendente.

Chegara no sábado 17 de novembro.

Conservamos um bilhete do dr. Luiz Francisco Freire que diz laconicamente: “Acorda, colega. República proclamada. Está em cena um governo provisório etc.”. Começaram os comentários, as indecisões, as conjecturas do futuro à proporção que vão sendo espalhadas notícias ulteriores e boletins confirmadores.

No dia 19 à tarde entra em São Cristóvão grande número de republicanos dos Itaporanga, e o dr. Sylvio Bastos no dia seguinte junta-se ao dr. Luiz Freire e outros amigos e dirigem-se todos à capital a fim de saudarem a junta governativa.

No dia 20 de novembro teve lugar a proclamação, ou melhor a adesão do município, falando ao povo o Dr. Sylvio Batos de uma das janelas de palácio, sendo imitado com igual entusiasmo pelo drs. Eduardo Rastelli e Nylo Romero. Sempre a frente do povo Sylvio Batos dirigiu-se a Câmara Municipal onde muitos vivas foram levantados à nascente República. Mas de todo isso não se lavrou auto escrito e todo único documento consta de uma pequena notícia estampada nas colunas de um jornalzinho de propriedade do sr. Antônio de Carrascosa, na capital. A verdade, porém, é que a adesão de São Cristóvão foi uma das mais solenes. Por decreto de 22 de janeiro assinado pelo primeiro governador, dr. Felisbello Freire, foi dissolvida a Câmara Municipal, e foi nomeado o Conselho da Intendência que

ficou assim composto: - Dr. Sylvio Bastos, presidente; Padre Cantidiano Vieira de Campos, Manuel Messias Álvares Pereira, Antônio José da Almeida Motta e capitão Joaquim José Pereira. Foi dada a posse no dia 30 do dito mês lendo nessa ocasião o ex-Presidente da Câmara Fausto Francisco dos Santos extenso relatório que ficou arquivado. Tal é a história diminuta da entrada do município no sistema republicano.

Resta inquirir se melhores auras bafejaram-lhe a sorte e se a febre do progresso também lhe afetou os órgãos quase paralisados. Não tendo sido uma terra de republicanismo histórico, todavia não ficou atrás na sinceridade com que abraçou ou submeteu-se à nova ordem de coisas. Cedo ou depressa a República criou raízes no município a ponto de exterminar lembranças e saudades dos passados tempos.

Pensamos que as dedicações incondicionais são como as mulheres estéreis, ou como as árvores pêças: não dão fruto, ao passo que são fecundas e férteis as mais desnudas adulações.

Este conceito, se envolve uma carapaça, não assenta, entretanto, na pequena comunhão que submeteu as dedicadas, é verdade, mas sem alardes e ostentações; como quem vai movido do puro sentimento e lúcida ideia da prática de uma virtude. O momento era grande. Às províncias, aos municípios atirava-se terrível dilema: reação ou submissão. Fora uma tolice a execução da primeira.

No sangue que volta ao coração do povo brasileiro fluía a ansiedade de mudança de sistema e, conquanto alheia aos esforços da propaganda, São Cristóvão também tinha

ambições e ímpetos para marchar pelo caminho que se rasgava então.

Quem não submete-se ao influxo de um astro que anuncia a grandeza e a vida? São Cristóvão submeteu-se, para dedicar-se; isto é, aderiu: mas não dedicou-se, para então submeter-se; isto é, escravizar-se: que também é certo que as dedicações que se alijam da consciência do próprio valor, não longe param das hipocrisias da adulação.

Pode dar-se sobre as tais a inflorescência de ótimos resultados, mas não são testemunhos inabaláveis da nobreza do sentir e da correção do pensar.

A submissão ou dedicação de São Cristóvão não foi a acentuação de um instinto ladino para auferir larguezas que acaso não lhe possam caber. No lema da República o Município viu uma garantia, e esperou a promessa de melhor orientação aos seus destinos.

E porque porventura não lhe tem mentido a República, ficou dedicado e leal, sem vociferação de queixumes e sem laivos de descontentamento. Por isso foi que deixamos cair do bico da pena o pensamento acima, na certeza de que não tomará asas e garras para molestar uma terra que prezamos.

A República não é o mal e São Cristóvão deverá melhorar. Não se maldiga das suas desgraças, nem desespere de seu futuro. E tudo quanto neste capítulo expendamos que pareça um eco do ressentimento vibrado pela ingratidão ou pelo olvido dos governos transatos para com o Município, não significará, contudo, uma voz do arrependimento do mesmo, mas é a exposição de acontecimentos e de fatos ocorridos.

Quem expõe fatos, neste sentido, mesmo não querendo investir-se a autoridade de crítico, tem o direito de ser também ouvido como desapaixonado.

A Junta Governativa por ato de 9 de dezembro de 1889 criou uma cadeira de ensino misto na cidade. Por ato de 28 de fevereiro de 1890 é criado o núcleo colonial, que ficou sendo chamado *Patrimônio* ou *Colônia*, e em 12 de maio do mesmo ano funde-se o núcleo *Pintos*. Ambos foram extintos em curto prazo. O primeiro, à margem esquerda do Poxim, nos pastos do antigo engenho *Patrimônio*, logrou transforma-se em arraial e hoje é um povoado.

O segundo, muito próximo a cidade, oferecia alguma inferioridade de terreno não alcançando nunca oportunidade para crescer teve tempo sobejo para prejudicar. Derivando dali os mananciais do Paramopama eram aquelas terras e refrescadas e bastante cobertas. Sabe-se que o machado do colono devastou o florestal compacto e foram abatidas não menos de 600 peças de madeira de lei.

Hoje, o rio ainda perene, corre, entretanto, enfraquecido até onde recebe as águas salgadas.

No Município achava-se ainda a opinião suspensa sem direção aguardando-se a conversação da Constituinte. Feriu-se o primeiro pleito eleitoral sob o governo do cristovano Augusto Cezar.

Em todo o Estado o eleitorado correu as urnas e São Cristóvão viu eleitos dois de seus filhos, Ivo de Prado e Rosa Junior. Promulgada a Constituição da República, o Estado sentiu-se melhor orientado para cuidar de si mesmo e encarar seus próprios negócios.

Ambições do demônio naturalmente haviam de surgir, paixões desencadear-se-iam. O entusiasmo pelo sistema republicano ia entrar em terrível ebulição. Ver um governo saído de seu seio representante das liberdades populares e executor na lei da vontade de seus concidadãos, acendrava o amor à nova instituição e arraigava na mente a ideia de bem servir.

Não se chocassem as ambições nem tivessem enveredado por desvios falaciosos, e provavelmente não sofrera avarias a nau do Estado.

Procedeu-se a eleição para a Constituinte de Sergipe sob a administração do bem-intencionado Governador Mendes de Moraes.

Mas o egoísmo só vibra com a mesma força, não existe uniforme em todos os partidos. Donde o irrompimento de paixões que se encontram e se embatem resultando quase sempre a desordem e poucas vezes ordem.

Foi no governo do Coronel Vicente Ribeiro que se dividiram as opiniões e ficou estabelecida a divergência no seio do Constituinte. Formaram-se duas correntes opostas da opinião: a uma chamou-se *partido dos novos*, a outra o *partido dos velhos*. Vicente ribeiro chefiava o primeiro, Olympio Campos capitaneava o segundo. Aquele quebrava lanças para eleger Vicente ribeiro primeiro Governador do Estado, os velhos apresentavam o Dr. João Maria Loureiro Tavares.

Depreende-se das ocorrências de então que já não eram, no bom sentido da palavra, partidos que se digladiavam, sim *acompanhamentos* aos ídolos do dia, que hasteavam programas e promessas.

Vicente Ribeiro triunfou e fez-se eleger pela maneira porque se sabe e não importa aqui apreciar.

Em São Cristóvão as simpatias também dividiram-se conforme as inclinações dos dois chefes locais.

O padre Cantidiano Vieira de Campos colocou-se sob as bandeiras do vigário Olympio Campos, Eusébio José de Carvalho acompanhou os novos, de quem recebeu prestígio e considerações.

Eusébio de Carvalho era antiga influência conservadora desde os tempos da monarquia, querido da população e idolatrado pelos eleitores.

Mas foi curto o período de seu domínio porque foi também rápido o governo de Vicente Ribeiro.

O golpe de estado de 23 de novembro de 1891 deu lugar à deposição do governador do Estado; e se não se verificou o desmantelo dos poderes municipais foi porque esses não tiveram tempo de organizar-se.

Entretanto, o Município não lucrou no governo de Vicente Ribeiro, o que poderá justificar a brevidade do mesmo.

A comarca de São Cristóvão foi supressa, e em virtude da lei de 19 de setembro de 1891 o termo de São Cristóvão passou a pertencer à comarca de Aracaju.

A cidade desceu de fato à categoria de vila, dispondo a lei de 26 de setembro de 1891 que a cidade teria duas cadeiras, uma para o sexo masculino e outra para o feminino, exatamente como certas vilas.

Iam desenrolar-se os acontecimentos subsequentes ao golpe de 23 de novembro.

A nova junta governativa por decreto de 5 de janeiro de 1892 dissolve a Assembleia Constituinte e marca a eleição para a nova Constituinte.

No município a eleição correu calma, sendo eleito deputado o cristovano capitão Preludiano Rocha.

A 18 de maio de 1892 a nova constituição tornou-se a lei fundamental do Estado. Foi eleito Presidente e assumiu as rédeas do governo o dr. José Calasans a quem coube a dita de organizar definitivamente o Estado. A 26 de setembro de 1892 foi sancionada a lei nº 38, que estabeleceu a organização judiciária sendo prescrito o número de comarcas.

O termo de São Cristóvão ficou ainda dependente da comarca de Aracaju. A lei de 18 de agosto de 1892 ocupou-se da organização municipal. Prescreve em seu art. 3 das disposições transitórias a composição dos conselhos municipais da seguinte maneira: “Os conselhos municipais se comporão: o de Aracaju de 11 membros; os dos municípios de Laranjeiras, Maruim, Estância, Propriá e Capela, de 9 membros; os dos municípios do Lagarto, Simão Dias, Itabaiana, Itabaianinha e Riachuelo, de 7 membros; e os dos municípios restantes de 5 membros”.

Embora em disposição transitória ainda desta vez São Cristóvão ficou na bagagem. É o resto. No tirocínio sadio e oxigenado de nossas liberdades e garantias, por uma sanção que perdura política e administrativamente o município de São Cristóvão ficou abaixo do município da vila de Itabaianinha! Não profligamos, mas também não resistimos à admiração que nos escapa.

Restava efetuar-se a organização ou constituição dos municípios. As eleições para os conselhos municipais e intendentes foi marcada para o dia 1º de outubro de 1892, devendo realizar-se a posse a 1º de janeiro do ano seguinte. Inflamaram-se também em São Cristóvão as mesmas di-

vergências de opinião, igual luta pelo domínio e iguais ambições do governo. De um lado Eusebio de Carvalho com prestígio da antiga influência consolidada, de outro lado Cantidiano Campos, chefe novato, mas ativo e infatigável. Formou-se o *partido municipal*, que o aclamou seu diretor, e preparou-se para a luta. Organizou sua chapa e discutiu seus planos de campanha em uma sala da rua do *Varadouro*. Eusebio confiava na força de seu prestígio, e por essa razão foi vencido.

Mas não tardaria que as coisas tomassem novo aspecto. Corria o ano de 1894 e aproximava-se o tempo da segunda eleição para presidente do Estado.

Novas figuras iriam aparecer e outros grupos formar-se. Ao nome do então coronel Manuel Prisciliano de Oliveira Valadão opõe-se o do dr. José Luiz Coelho e Campos.

Era de pouco extinta a revolta de 6 de setembro na capital federal e o coronel Valadão fora o Chefe de Polícia do Marechal Floriano Peixoto. Era forçoso dar-se-lhe as recompensas.

Mas tendo sido o coronel repellido das urnas nas eleições procedidas para um Senador e Deputados Federais deveria ser ele eleito segundo Presidente do Estado, custasse o que custasse. Vem o coronel a Sergipe. Vai a São Cristóvão e conferencia com os dois chefes locais.

Cantidiano abraça a causa e o coronel Eusebio repele suas propostas. O Intendente e o Conselho Municipal aderiram ao coronel. Este envida todos os meios para triunfar, e sabe-se não sendo do nosso propósito narrar a história geral do Estado, que deposto o dr. Calasans a 11 de setembro a 24 de outubro o coronel instalou-se em palácio.

Sendo certo que a *qualquer coisa malhear est bom*, era lícito esperar prosperidades para o Município de São Cris-tóvão, exaltado adesista.

Mas não prosperou, antes sofre; bateu-lhe de chapa a desgraça como só o galardão ou prêmio ao seu procedi-mento. Foi criado um lugar de guarda da Mesa de Rendas a 8 de novembro de 1895. Mas de fato o maior benefício verificado, para não dizermos a maior adversidade, foi o aquartelamento do segundo *corpo policial de segurança* no convento da Misericórdia.

Tanto assim que as coisas encareceram fora de termo e a população padeceu os rigores da anormalidade daque-les tempos. As prisões, os espancamentos e mais desatinos não tiveram limites. O soldado boçal era o dono da terra. Indisciplinado, turbulento, imoral, não havia ato repelente que deixasse de praticar certo da impunidade.

O horror da situação cresceu sobremodo após o fa-lecimento de Cantidiano. Morreu também Eusébio, dias depois da revolta de 4 de setembro. A população tomou-se de pânico, muitos rapazes abrigaram-se nos esconde-rijos do mato. A guerra de Canudos, a saber, a passagem e acampamento de alguns batalhões federais na cidade foi dolosamente explorada, havendo quem insinuasse serem os *pebas* republicanos sem jaça os *cabaús* monarquistas e conselheiristas.

Mas o reconhecimento do senador e deputados fede-rais eleitos de acordo com a lei de 7 de dezembro de 1896, por sua vez veio lançar nos ânimos o medo e o terror. Co-meçou a desmoralização do pebismo. Já agora o futuro carregava-se de incertezas, aproximava-se para os pebas

o septenato das vacas magras. Os despeitos começaram a manifestar-se e supriam nos atos a audácia que desaparecia encobrendo assim o desânimo que se alastrava. Contudo, as perseguições não cessaram até convencerem-se que os tempos estavam efetivamente mudados... Negociava-se a paz, mas o acordo político não foi aceito sem escrúpulos. O dr. Martinho Garcez vem passar temporadas em São Cristóvão.

Foi então que a pouco e pouco compreendeu-se que ele não mais fazia distinção de cores políticas.

Teve condigna hospedagem na cidade que lhe proporcionou agradáveis diversões.

Por decreto de 8 de junho de 1898 foi criada na cidade mais uma cadeira para o sexo masculino.

O último arranco daqueles que se obstinavam no pebismo deu-se por ocasião da eleição para intendente e conselho municipal.

Coube ainda a vitória ao antigo partido municipal.

O intendente e membros do conselho eleitos para o biênio de 1900 a 1901 tomou posse no dia 17 de janeiro de 1900.

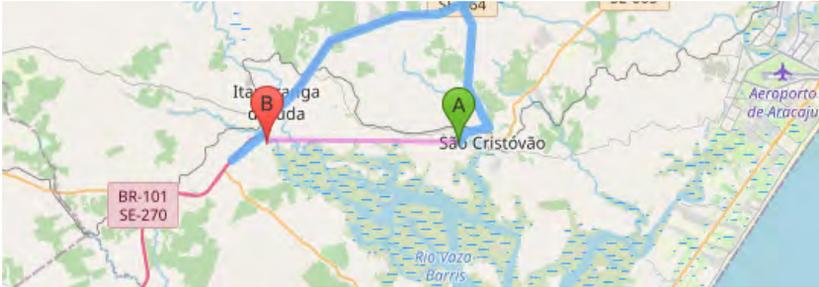
Mas os últimos intendentess têm sido como os da situação passada ou mais ainda do que eles descuidosos e impatriotas.



## CAPÍTULO VIII

# OS DOIS MUNICÍPIOS

“Onde começa São Cristóvão? Onde acaba Itaporanga”  
(palavra de um amigo)



§ São Cristóvão e Itaporanga são dois lugares rivais. O primeiro decai, arruína-se; o segundo é opulento e comerciante. Como o primeiro dispõe de excelentes ares e é grandemente regado.

O ribeiriço Itaporanga, que deu seu nome a vila e ao município, é uma torrente perene.

Manifesta-se um tanto cômica a ojeriza que se votam os dois lugares.

É teiró velho, que não despreza oportunidades para acentuar-se.

Nasceu no povo, nele cresceu e desenvolveu-se, e os dois apelidos, de *capotes* para os de São Cristóvão e de *pitús* para os de Itaporanga, são documentos de antiga antipatia que os tempos não têm podido apagar.

É já hoje, para usar de uma frase corrente, uma coisa que está na massa do sangue e quase tomou a feição de ódio velho, que não cansa.

Atualmente São Cristóvão é a vítima, como poderá ter sido o algoz em épocas que já passaram.

Os acintes e as picardias de Itaporanga, presentemente, bem podem ser uma inversão das doestações e zombarias da cidade de Sergipe em outros tempos.

Como quer que seja o fato existe, incerceável talvez, mas não menos lamentável e repreensível do que outrora.

É triste ou desumano atirar-se o desprezo sobre uma gente que nasce ou organizar-se, mas também não é digno e generoso perseguir-se um povo que se abate e enfraquece.

Itaporanga é um bloco que desprendeuse ou desengastouse de São Cristóvão, e isso talvez dê a razão porque das margens do Paramopama olhava-se com olhos despeitados para o recente núcleo da margem direita do Vaza-barris.

Mas não justifica nos presentes dias a sinistra ambição de Itaporanga de dilatar seu território com detrimento do município vizinho.

Não há razão para pendências, pois que não há terreno duvidoso que dê causa a litígios.

A questão dos limites que hora por outra agitam os de Itaporanga é uma questão injusta. Antes de ser ela traduzida em conquista deve fiar assentado um protesto.

A primeira vez que encontramos os limites entre São Cristóvão e Itaporanga definitivamente traçados por lei é em 1845. Cumpre também apontar a lei n. 383 de 10 de maio

do ano de 1854, que elevou a povoação de Itaporanga à categoria de vila, fixando os limites de seu termo da foz do Vaza-barris na costa do mar correndo pelo rio acima até o sítio *Curimatá*.

Doze anos depois os de Itaporanga alcançam a Resolução n. 870 de 21 de março de 1866, que revogou os arts. 2 e 4 da primeira lei citada, e mandou vigorar o art. 2 da lei n. 135 de 30 de janeiro de 1845. O qual é assim concebido:

“Sua divisão (da freguesia de Itaporanga) com a de Nossa Senhora da Vitoria será da maneira seguinte: – Principiará da foz do rio Vaza-barris na costa do mar, por ele acima até a passagem do dito rio na estrada que do mesmo povoado de *Itaporanga*, segue para o engenho *Itaporanga*, indo pela estrada real até o engenho *Poxim d’água*, e deste para o da *Tabúa de baixo* e deste para a *Tabúa de cima* a encontrar o *Poxim Mirim*, ficando os três engenhos referidos e seus moradores pertencendo a freguesia de Nossa Senhora da Vitória, dividida com as mais freguesias pelas demarcações existentes”. – Como se vê, esta divisão realiza grande desmembramento do território cristovense.

Urgia uma reparação, e passados quatros anos baixou a Resolução n. 846 de 8 de abril de 1870, alterando os limites entre os dois lugares na parte civil e revogando todas as disposições das leis e resoluções de 30 de janeiro de 1845, de 10 de maio de 1854 e 21 de março de 1866. Então a divisão era assentada da barra do Vaza-barris partindo em direitura até encontrar o ponto que limita o Município de Itaporanga.

Enfim, a resolução n. 914 de 5 de maio de 1861 regulou da maneira seguinte: – “O limite entre os municípios da cidade de

São Cristóvão e vila de Itaporanga fica determinado do modo seguinte: a começar *da foz do Vaza-barris na costa do mar, por ele acima até confrontar com o engenho Roma, do qual seguirá,* e dali ao engenho *Jerusalém*; partindo deste engenho seguirá a antiga estrada que conduz aos engenhos *Cumbe de Baixo* e *Cumbe de cima*, ficando todos os engenhos aqui referidos e seus moradores pertencendo ao município de São Cristóvão.<sup>1</sup>

Importa notar que todas as leis e resoluções que citamos, já favorecendo, já prejudicando ao Município de São Cristóvão, reconhecem e respeitam o limite natural lançado entre os dois Municípios.

Todas foram sabiamente inspiradas, observando-se que, onde há um *rio real* ou uma *montanha*, não se deve preferir para divisas ou lindes de um território um córrego ou qualquer diminuta colina, como se faz nas demarcações das propriedades particulares.

O Vaza-barris é o verdadeiro *limite natural* entre os dois Municípios, e tal limite, a despeito das divisões porque há passado em outra parte a divisão deles, nunca foi posto em dúvida e atualmente existe pelo menos com uma confirmação ou consagração de cinquenta e seis anos. As leis do Estado, no domínio republicano, não cogitam de nova alteração, antes encontramos o dispositivo do § único do art. 1º da lei n. 3 de 19 de setembro de 1801, que mantém os limites que *extremam* os termos mencionados no mesmo artigo: a saber, com relação ao caso ocorrente, reconhece por sua vez o Vaza-barris como o limite real.

Não entendem assim os de Itaporanga, pois desejam arrancar ao Município de São Cristóvão mais um grande pedaço do seu solo.

Em 1898 submeteram à Assembleia Legislativa um requerimento neste sentido, que não foi considerado objeto de deliberação:<sup>2</sup> alegam os de Itaporanga que os quatro engenhos pertencentes a São Cristóvão (*Itaperagoá, Quindongá, Escurial e Roma*) ficam à margem esquerda (a margem cristovense) do rio, estando os dois primeiros contíguos à vila; e por esta razão devem pertencer àquela vila! É em Itaporanga, acrescentam, que os proprietários entretêm relações de comércio, provendo-se do necessário para o custo de suas fábricas; em Itaporanga é que depositam seus açucares. Portanto, os limites devem ser removidos, como pretendem, de maneira que a divisão seja pelo córrego *Itaperogoá* até suas cabeceiras e daí por uma linha puxada até o engenho *Roma* contanto que fiquem pertencendo a Itaporanga este e os outros engenhos. Nada mais revoltante e injusto.

Repitamos: no estabelecimento de limites são os rios e grandes acidentes da natureza física os preferidos, e somente se deverá atender para os de mínima importância, na ausência dos primeiros e na falta ainda destes últimos regulem as convenções dos homens, as quais, tocante ao que nos ocupa, tomam o nome de *limites convencionais* ou *políticos*.

Assim é que devendo-se estabelecer a divisão entre São Cristóvão e Itaporanga, como foi estabelecida, ficando para o primeiro município o engenho *Roma* e para o segundo o engenho *Belém*, já não podia mais prestar-se naturalmente o rio real o *Vaza-barris*, por não correr mais na direção em que a linha divisória seria puxada. Escolheu-se, pois, e com acerto ainda, pequeno ribeiro que corre por aquelas

paragens, ao qual, porque ignoramos seu designativo, daremos o nome de *Riacho do Roma*, e separa os engenhos *Roma* e *Belém*, a fim de continuar-se a linha divisória dos dois municípios com Laranjeiras e Socorro e com o município da capital. Ter-se-ia assentado uma linha imaginária, se por acaso não existisse esse pequeno regato. Houve até prudência na escolha, pois não se tomou para limite definitivo o ribeiro único denominado e conhecido naquelas vizinhanças, que bem pode figurar em uma corografia sergipense, o rio *Piabussú*, ficando assim pertencente a São Cristóvão o engenho *Belém*.

É verdade que o município de São Cristóvão poucos lucros auferê do recôncavo, mas também é verdade não ser isso razão para realizar-se a desintegração de seu território; que se hoje o recôncavo pouco contribui para a fazenda municipal, amanhã sua quota poderá ser considerável postas as coisas na ordem que devem ter.

Dada a hipótese que o Conselho Municipal de São Cristóvão consentisse em ceder à Itaporanga uma das melhores zonas de seu território, fabricaria uma armadilha para si mesmo; e confirmado o mau precedente logo surgiriam pretensões da Capital ao povoado *Patrimônio*, que fica a margem esquerda do *Poxim*, e ao povoado *Atalaia Barroso* vizinho a *Aracaju*.

O art. 55 da lei n. 35 de 18 de agosto de 1892 dispõe que “os municípios poderão, mediante aprovação da Assembleia Legislativa, se dividir em outros municípios, ou anexar-se a um ou mais municípios, quando não tiveram meios de subsistência”. Considerando que o município de Itaporanga é domicílio de uma sociedade opulenta em relação à

de São Cristóvão; que a sociedade de Itaporanga é patriota e muito se interessa pela prosperidade da terra que habita, podemos calcular que ele não faz parte do rol dos atrasados, a ponto de, para manter-se, carecer de óbolo de um pedaço de terra estranha. Itaporanga é um solo musculoso, tem recursos que lhe são próprios, e adicionados outras vantagens é realmente uma terra próspera e um povo feliz.

Além disto não se observa em seus filhos da desocupação. A contiguidade dos engenhos produziu o contágio do amor ao trabalho.

O lugar principal do município, a vila de Itaporanga, vem quase de um século atrás em sua existência. Conquanto a lei de 6 de março de 1835, que criou a comarca de São Cristóvão constituída pelos termos da cidade do mesmo nome, das vilas de Santo Antônio e Almas de Itabaiana e Nossa Senhora do Socorro da Contiguiba, não fizesse menção de Itaporanga, em 1808 já o antigo vigário do Siriri, Marcos Antônio de Souza, escrevia que “as embarcações navegam até o lugar conhecido por Itaporanga, que dista da barra 7 léguas.”<sup>3</sup>

Acresce que Itaporanga é ponte de passagem ou de pousada do sul do Estado.

Os caminheiros ou viajantes podem vir diretamente à capital pela estrada da *Pindoba*, sem tocarem em São Cristóvão, o que importa asseverar que é razão sobeja para que o movimento de seu comércio seja alentado. Entretanto, causará admiração dizer-se que Itaporanga não tem progredido com a pujança de seus bons destinos e vantajosas condições. É e acha-se no mesmo pé a que chegou no longo curso de seu desenvolvimento – uma composição de poucas ruas impressadas entre os canaviais do engenho

do mesmo nome, do *Quindongá* e do *Itaperagoá*. Outeiros não foram cobertos pela edificação, nem por esta foram matas soterradas. No período republicano, quando muitos lugares se sacudiram para voar e crescer, seu progresso foi pequeno; constatou de uma estação telegráfica, o mesmo realizado em São Cristóvão.

O próprio templo de Nossa Senhora da Ajuda, o mais assíduo cuidado de toda população católica, somente há poucos anos foi concluído.

Outras causas explicarão esta nota, mas não convencerão que poderá apagá-la o desmembramento do território cristovense em favor de Itaporanga.

Voltando-nos de novo para São Cristóvão veremos que seus destinos têm sido inexoráveis se bem que suas condições são ótimas.

No período da organização do município foi um dos suspeitos de anexação, augurava-se mal do seu futuro.

Até certo ponto era uma apreensão razoável, sendo inegável que São Cristóvão é uma terra habitada por uma população que se consola a si mesma.

Batida por circunstâncias sinistras manifestou-se o depauperamento pela redução das condições econômicas.

Manter-se-ia o município?

Manteve-se e mantém-se com suas próprias forças.

Em 17 de janeiro de 1900, quando assumia a direção do município o novo intendente eleito, o relatório oficial afirmava um saldo de 78.000 rs.

Orçada a despesa de 1900 em 4.289\$348 reis e a receita em 4.733\$569 reis, verificou-se no princípio de 1901 um saldo de 459\$221 reis.

Isto demonstra que não obstante as desvantagens que cercam o município de São Cristóvão não carece de supremo remédio.

Não consentirá que, por efeito de desagregação de parte de seu território em benefício de Itaporanga, seja este obrigado a observar as prescrições do art. 46 da lei municipal do art. 46 da lei municipal de 1892.

Protestará contra-ataques à inteireza de seu território. O município não tem dúvidas acerca de sua unidade territorial, a qual não tendo sido conquistada ou esbulhada a nenhum município vizinho não está disposto a deixar-se invadir ou conquistar. A sombra da bandeira republicana não será escassa para São Cristóvão.

O pensamento capital da organização republicana é também a integridade do território, – integridade da República, dos Estados, dos Municípios. Onde quer, pois, que se levantem tais vistas ambiciosas contra municípios mais fracos rugirão vozes que protestam e inteligências que se opõem.

Terminemos com uma recordação pessoal: “São Cristóvão é a cidade das colinas balsâmicas, com suas águas puras e correntes, com seus céus azulados e arrebatadores; mas é a terra das decadências.

Mas note-se que um organismo que se arruína ainda não é um corpo morto. Poderá reergue-se robusto e sadio graças aos meios profiláticos da medicina e da higiene.

E se no organismo físico, que se vai abatendo, ou se deixa corromper, aquilo que o torna capaz de requebrar-se no exercício de suas funções psicológicas é a energia do medicamento, o sopro vital que reconstitui a comunhão

que se avilta e degrada, é o patriotismo”<sup>4</sup> – Se tal chama acaso se verificar extinta nos habitantes do Município o patriotismo dos sergipanos não deixará morrer o lugar.

## NOTAS

- 1 O artigo 2º dessa lei ou resolução é o seguinte:  
“Para este fim ficam restabelecidas as resoluções provinciais de 30 de janeiro de 1845, 10 de maio de 1854 e 21 de março de 1870 é revogada a lei de 8 de abril de 1870, na parte em que se referir a presente e mais disposições em contrário” Entenda-se, porém, que da resolução de 21 de março de 1870 o que fica restabelecido é o art. 2 e não o art. 1º, porquanto este revogou os art. 2 e 4 da lei de 10 de maio de 1854.  
Aqui transcreveremos em sua íntegra a resolução de 21 de março que unicamente e (...) de dois artigos:  
“Art. 1 Ficam revogados os artigos 2 e 4 da lei n. 388 de 10 de maio de 1854.  
Art. 2 Fica em vigor o artigo 2 da lei n. 185 de 30 de janeiro de 1845.”  
Ora mandada a resolução 914 de 5 de maio de 1871 restabelecer, tendo sido seu fim determinar os limites do Município também mandando restabelecer as de 1845 e 1854, a ser entendida conforme aquela redação, produz um ser e não ser ao mesmo tempo, um absurdo.
- 2 Nessa ocasião produzimos um protesto que também foi assinado por muitas pessoas estranhas ao lugar, e, todavia, alguns cristovanos recusaram sua assinatura!
- 3 Memória sobre a Capitania de Sergipe, Capítulo I.
- 4 Discurso lido perante o Conselho Municipal em 17 de janeiro de 1900.

## CAPÍTULO IX

# O FUTURO



**D**o que temos exposto duas conclusões podem seguir-se.

Uma, satisfazendo ao modo geral de pensar, decretará que o Município está condenado ao retrocesso e a cidade, sede de seu governo, não mais poderá prosperar. Não vale a pena de soprar-lhe a aura vital pois que irá varrer-lhe o último alento.

Um homem que morre é um mundo que desaparece, disse um filósofo. Uma cidade é um homem coletivo; a vida das comunhões é como a vida individual, que uma vez extinta não mais se reacenderá. Portanto, é uma terra sem futuro, não tem forças nem recurso para viver vida própria.

A outra conclusão é nossa e estabelece a segurança de um futuro risonho.

São Cristóvão é um segredo do porvir, aguardam-na a grandeza e a opulência, será um dos Municípios mais ricos de Sergipe e uma das mais felizes vivendas da sociedade

humana. Entendemos que a prosperidade é a saúde das politeias, e a saúde não é mais do que uma reação. Pode a ave não mais voltar ao ninho que uma vez abandonou, mas a prosperidade, como a saúde, recobra-se, reconquista-se, restaura-se. Uma dará melhor disposição ao organismo, como a primeira nova economia e estável equilíbrio à comunhão. São Cristóvão, repita-se, é uma cidade de decadências, mas ainda não é uma cidade morta; e se é pobre, todavia não é miserável seu município.

Em que pese a suscetibilidades que costumamos acatar, o patriotismo falta de todo em São Cristóvão.

A população que ali se agita não entende melhormente, não raro manifestando-se incapaz de praticá-lo. No correr dos capítulos anteriores viu-se o azedume que ainda flui nas veias do povo em consequência do fato que desmoro-nou a grandeza da cidade.

A mudança da sede do governo foi uma sorte de extermínio, mas também foi uma pedra de toque para provar o patriotismo dos habitantes, aliás cheios de originalidades.<sup>1</sup>

Nem tem sido menos impatriota o Estado tocante as coisas de sua cidade mãe. De longa data o esquecimento envolve aquela terra como uma bruma espessa. As raras pequenas concessões aceitas como favores políticos, em regra, foram alcançadas à custa de esforços e de contrariedades. São Cristóvão tem sido um lugar quase omisso nos orçamentos do Estado.

Mas, quando mesmo não queiramos considerar o amor da pátria pelas rebentinas e explosões da ira popular, o próprio acontecimento da mudança da capital era de si mesmo vivo incentivo para nutrir laboreadas de pa-

triotismo. A cidade poderia ter prosperado, embelezar-se e aformosear-se; poderia ter enriquecido sobremaneira desajoujada ou desafogada dos oficiais; e tornar-se-ia um núcleo de capitalista, ou de burgueses abastados em vez de uma cidade cheia de indolência. Mas foi pelas lágrimas e pelo desânimo que se revelou o patriotismo. Seus próprios filhos e moradores foram também agentes da destruição.

Resta, entretanto, o bairrismo piegas, lamuriento, acanhado e ridículo, incapaz de surtos e de aspirações. Sim, resta o bairrismo que, ao nosso ver, é uma diferenciação degenera do patriotismo; o qual, não podendo criar maravilhas e aplainar as vias do progresso, menos ainda terá forças para eliminar obstáculos, riscar irregularidades ou espancar vícios e defeitos de origem. O povo não é patriota, mas é barrista. Assim como é intolerante ou indiferente às desgraças de sua terra.

Mas a recomposição do povo deve ser a operação capital do seu engrandecimento: – nova gente, muita gente seja importada pelo Município, que para acomodá-la ele dispõe de vastidão e de âmbito. Fornece no futuro, quando menos, uma população de *brasiliotas* na cidade de Sergipe; a qual implante exemplos de trabalho e reclame com energia contra as injustiças operadas. Sem quebra do respeito devido a uma cidade antiga, São Cristóvão não deve continuar na dependência que lhe foi imposta. Virá daí a razão do afrouxamento de certos deveres e misteres? Queremos pensar que sim e salta aos olhos a reparação do mal.

A comarca de São Cristóvão, v. g., é restaurável e reclamável como uma das necessidades urgentes daquela terra.

Pode ser restaurada por uma lei ordinária, sem infração de normas ou de preceitos estabelecidos, atendendo-se que são as condições aritméticas e geométricas dos lugares que devem impor as divisões e subdivisões dos círculos judiciários antes de serem impostas pelos poderes competentes.

Sendo inegável que tais condições aumentam ou diminuem conforme eventualidade de toda sorte ou na razão do progresso e atraso dos lugares, ditos círculos poderão ser multiplicados ou resumidos.

A razão que preside á anexação ou a criação de novos municípios (vid. *Lei municipal*) subsiste para que o poder competente possa suprimir ou restaurar comarcas sem exorbitar de suas atribuições.

Esta população que vai crescendo na capital, a classe dos funcionários públicos, que aumenta; os capitalistas e opulentos multiplicando-se, todos buscarão São Cristóvão para domicílio.

A expansão de Aracajú determinará o levantamento da cidade de Sergipe.

É o único lugar junto a capital que oferece confortos à vida, devendo notar-se que nenhum é melhor dotado das três precípuas condições para o assentamento e prosperidade das cidades: bom clima, boas águas, sólido solo.

Por que não aproveitar se tais condições em uma obra filantrópica de inquestionável utilidade?

Estância, Laranjeiras, Capela, Propriá tem hospitais para seus desvalidos da sorte.

Em São Cristóvão sobejam oportunidades, mas os míseros não poucas vezes morrem á mingua de medicina.

É tão fácil que é a instalação de uma casa humanitária ali!

Dois grandes edifícios enormes, desertos, abandonados, deteriorando-se, aguardam silenciosos um impulso qualquer para serem úteis.

O convento da Misericórdia entre o palácio e o de S. Francisco foi outrora utilizado para esse fim, e pode ainda voltar à condição de ser cena de pias funções da caridade; ou então abolete se uma sociedade beneficente no convento do Hospício, sítio na entrada, mais arejado e embalsamado das brisas salutares.

Ainda poderá ser esse edifício aproveitado para uma estação agrônômica, pois já vimos que como os demais o município é agrícola, se não quiserem destiná-lo para nele funcionar outra qualquer escola de instrução superior. Já o dr. Silvio Bastos lembrou igual ideia segundo a qual seria transformado o núcleo Pintos em escola de agricultura.

Virá ainda muito longe o futuro daquela terra, não será talvez percebido no vago das distâncias; mas pode ser antecipado. Para tal fim não bastará mais do que assentar um trecho de via férrea da capital à cidade velha.

É importante melhoramento material do que carece e o condão que há de fazê-la ressurgir de suas ruínas como a fênix egípcia a renascer de sus cinzas.

Contavam as lendas das margens do Nilo que era em períodos de quinhentos anos que essa ave fantástica, de plumagem áureo-rubra, despendia seu voo de lá dos desertos da Arábia à busca das terras do Egito.

O estudo e crítica das antiguidades orientais demonstraram que a fênix simboliza aquele período cronológico.

São Cristóvão igualmente tem sua fênix, ou ave misteriosa; a qual vem a ser seu destino, auriverde como as cores de seus campos e de suas florestas, ou como os vividos tons da bandeira nacional, que a protege.

Não será preciso que se esgote num tal período, nem cinco séculos passarão silentes, para que essa ave esperança, a fênix que costuma voltar de lá das partes do oriente torne a habitar na terra de Cristóvão de Barros, que posteriormente serviu de berço a Joaquim Honório, o talentoso e popular compositor, a Lapa Pinto e a Prado Pimentel.

## O MUNICÍPIO DE SÃO CRISTÓVÃO<sup>2</sup>

O *Município de São Cristóvão* é o título de uma memória do Dr. Manuel dos Passos de Oliveira Telles.

Compõe-se de nove pequenos capítulos essa interessante memória. E os títulos desses capítulos estão indicando o valor do trabalho do inteligente escrito sergipano. Ei-los: *Vistas sobre a história da cidade; as montanhas e as águas; o solo, a flora, a fauna, o clima; O homem; O meio e o homem; Religiosidades e festas populares; Sob a República; Os dois municípios; O futuro.*

A lenda aparece neste trabalho, não há dúvida. Mas a história e a geografia é que são as notas dominantes na harmonia dessa obra em que se encontram muitas páginas que lançam luz brilhante sobre a psicologia do povo de Sergipe.

E, no ponto de vista da geografia histórica, aí existem informações de alto valor.

Estuda o Dr. Oliveira Telles os limites do Município de São Cristóvão. Examina a chamada cidade velha, apreciando-lhe os dois nomes – São Cristóvão e Sergipe d'El-Rei – com que tem sido designada.

Evoca os dias agitados das primeiras transformações, e mostra que, como núcleo português, data de 1590 a velha cidade de São Cristóvão.

Afirma que “a orografia do Município, como a do Estado, é pouco conhecida”, sendo certo que “quando podermos avançar a respeito não passará de um ensaio de estudo”. E acrescenta: “os seus montes em grande maioria permanecem anônimos”. E inominados também são os férteis vales em que se abre a terra sergipana. Lembra que são inúmeros as lagoas, os brejos, os pântanos e alagadiços ou banhados”. Prossegue metodicamente, e assim fala do solo, da flora, da fauna, do clima de São Cristóvão.

Depois, entra a estudar a população de São Cristóvão, calculada em 18.000 habitantes. Divide-a em pescadores e agricultores, mas não se esquece de acentuar que a indústria extrativa se acha em bom caminho por aquelas paragens do Município.

Entretanto, essa indústria não vai além da indústria do sal e da do azeite de mamona.

E o dr. Oliveira Telles, preocupando-se da população de São Cristóvão, pinta sem embargo toda a graça da antiga cidade de Sergipe, desenha-lhe os primores da natureza, mas não hesita em escrever que “o cristovano, cuja indolência é proverbial, que é apelidado de *capote* por causa do costume já extinto de enfiar de manhã cedo comprido camelão, – é hospitaleiro e generoso, como o árabe; como o índio

ou como o africano, tímido, humilde e serviçal, e outras vezes esquecido e ingrato; como o português, amoroso e sentido, ou romântico e imaginoso como o espanhol”.

Afirma que São Cristóvão se arruína, cai, desaparece, enquanto que Itaporanga progride, se eleva e vai surgindo no cenário da vida do atual Estado de Sergipe. Refere-se à lei de 1845, que fixou os limites de Itaporanga e São Cristóvão. Explana e resolve a questão dos limites do Município de São Cristóvão. E, historiando a matéria, fixando toda a zona desse Município, traçando-lhe os contornos geográficos, – chega à conclusão de que, efetivamente, São Cristóvão “é uma cidade em decadência, mas não é uma cidade morta”.

Ora, do que se vem relatando a consequência é que o trabalho do Dr. Oliveira Telles carece ser conhecido como útil contribuição do estudo da história e da geografia de Sergipe.

Não se pode dizer que aí está uma obra definitiva, porque *O Município de São Cristóvão*, tal qual imaginou e executou o talentoso escritor, é um ensaio, vale como um esboço bem-acabado de um quadro maravilhoso e verdadeiro.

Entretanto, acreditamos que merece ser publicado pelo Primeiro Congresso Brasileiro de Geografia.

Sala das Sessões da 12<sup>a</sup>. Comissão do Primeiro Congresso de Geografia, aos 14 de setembro de 1909.

*Moreira Guimarães*, relator.  
*Conde de Affonso Celso*.  
*Castro Pinto*  
*Eduardo M. Peixoto*

## NOTAS

- 1 Para prova da ausência de patriotismo será bastante expor um fato. Lembrou-se Emídio Barroso, comandante da “segurança” de construir um pequeno jardim na praça de São Francisco com o resultado de uma derrama do soldo das praças do batalhão.  
Mandou plantar palmeiras e outras árvores de ornamentação, sendo construído no centro um chalezinho suíço elegante e formoso.  
Sobrevém o acordo político de 1898. Então um oficial de polícia ou alferes do extinto “corpo de segurança” despeitado reúne camaradas e em uma noite lança fogo ao chalé, que ardeu completamente e destruiu todas as árvores. Destas resta apenas uma crescendo insangnada em frente ao convento da Misericórdia, o antigo quartel daquele corpo de polícia.  
Devemos porém incluir no número dos rasgos originais daquele povo os dois outros fatos que se seguem. Disseram a um marido que tornava a casa: – Tua mulher está com dores, vai chamar a parteira.  
– E revoltou, respondeu;  
Eu estou realmente há uns doze anos passados com treze cicatrizes de balas no corpo. Fiz tocar a campanha do Paraguai e por último foi voluntário contra os revolucionários federalistas do Rio Grande do Sul.  
No jogo. No auge da “queimação” não tendo com que mais fazer paradas por ter perdido todo o dinheiro, parou a própria mulher. Perdeu ainda a cartada.  
Mas não diz a crônica se de fato foi realizada a tradição da coisa ganha, passando a esposa a pertencer ao parteiro felizardo.  
Conquanto seja este último fato repetido com veras, indicando-se até pelos nomes o marido perdulário ou prodigo da própria esposa e o comparsa parteiro na banca do jogo, como temos vaga lembrança de ter sido encenado em outros lugares, pode ser ele encaixado com acerto no vasto elenco do “folclore” e ficar apenas com mero caráter tradicional.
- 2 Nota dos Editores: esse texto é o parecer escrito pela 12ª. Comissão do I Congresso Brasileiro de Geografia, realizado na cidade do Rio de Janeiro em 1909. Trata-se da comissão de Geografia Histórica e era integrada por Afonso Celso (presidente) e por Eduardo Peixoto, Castro Pinto, Moreira Guimarães e M. Tavares Cavalcante. Os pareceres foram elaborados no dia 14 de setembro de 1909 e publicados no 12º. Volume dos anais do referido congresso no ano 1912. De acordo com o parecer, Manoel dos Passos de Oliveira Telles enviou para o congresso o mesmo texto publicado nas páginas do jornal “O Estado de Sergipe”, como pode ser observado por meio da disposição dos capítulos, elencados pelos pareceristas. A única alteração ocorreu no título, com a exclusão do termo “ao romper do século XX”. Cf. CELSO, Afonso (et. al). Anais do I Congresso Brasileiro de Geographia. Vol. 12. Rio de Janeiro: Estabelecimento Lito-Typographico, 1912, p. 13-15.

